

**Janiane Cinara Dolzan**

**A (RE)INVENÇÃO DA ITALIANIDADE EM  
RODEIO – SC**

**Florianópolis  
2003**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A (RE)INVEÇÃO DA ITALIANIDADE EM  
RODEIO – SC**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial e último para obtenção do grau de Mestre em História Cultural, sob a orientação do Professor Doutor Luiz Felipe Falcão.**

**Florianópolis  
2003**

**À minha mãe, a pessoa mais linda que conheço.**

## AGRADECIMENTOS

Não são poucas as pessoas a quem devo agradecer por terem ajudado na elaboração deste trabalho. Primeiramente, àquelas que auxiliaram na coleta das fontes: funcionários da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, do Arquivo Público Estadual e da Biblioteca José Ferreira da Silva em Blumenau. Meu agradecimento vai também para todos aqueles que cordialmente concederam depoimentos possibilitando ampliar o olhar sobre a temática.

Igualmente devo muito aos meus professores, em especial: Eunice Nodari, Marlene de Fáveri, Francisco Canella e Norberto Dallabrida. Ao grupo MOVER/UFSC: Nadir Azibeiro e Reinaldo Fleuri que me acompanham desde 1999 e ajudaram a despertar o gosto pela pesquisa. Ao núcleo de estudos da UNIVALI: Severino, Jonas, Marlene, e Felipe.

Ao meu orientador Luiz Felipe Falcão, por sua orientação, competência intelectual, amizade e paciência que foram extremamente importantes para a realização desta pesquisa. Obrigada por tudo!!

Às amigas que tantas vezes pacientemente ouviram minhas lamúrias em casa, na praia ou no bar: Sílvia, Silvinha, Eva, Karine, Glória e Tina. Um grande beijo.

À família então.... agradecer é pouco por tudo que fizeram...

Ao meu pai, que inúmeras vezes com muita paciência me levou à Rodeio.

Ao apoio financeiro e afetivo da minha mãe.

Aos meus irmãos Jionei, Jaísa e Vitor que sempre me incentivaram. Amo Vocês!!!!

Um agradecimento especial vai para o meu grande amor (Zé) que, durante os últimos dois anos, agüentou corajosamente minhas inquietações. Seu amor, carinho e atenção ajudaram a fazer esta caminhada mais suave. Te amo muito!!

Agradeço ainda ao apoio financeiro da CAPES que possibilitou minha dedicação exclusiva à pesquisa.

*“O senhor ... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão.”*

Guimarães Rosa

## SUMÁRIO

LISTA DE BREVIATURAS.....	VII
RESUMO.....	VIII
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: “VALE DOS TRENTINOS”: (RE)INVENÇÃO DA ITALIANIDADE	
1- Centenário da imigração: centelha da italianidade .....	10
2 - GIBRAC e Círculo Trentino: condutores da italianidade.....	24
3 - “La Sagra: La Festa della Famiglia Italiana”.....	35
CAPÍTULO II: AS DIFERENTES POLÍTICAS DE ITALIANIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS	
1 – Políticas de Italianidade: qual delas?.....	51
2 – Juventude: herdeira da italianidade?.....	68
CAPÍTULO III: ITALIANIDADE: UM PERCURSO A SER CONCLUÍDO	
1 - Os diferentes projetos de italianidade: da imigração ao entre guerras.....	76
2-“Hábitos, usos e costumes” dos “italianos” na cidade de Rodeio.....	91
3 - II Guerra Mundial: refluxo das políticas de italianidade.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
FONTES.....	113
BIBLIOGRAFIA.....	116
ANEXOS.....	121

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIB – Ação Integralista Brasileira

AMIR - Associazione degli Accademici del Magister Lettere di Italiano di Rodeio

CIB – Comunidade Ítalo-Brasileira

CIDASC - Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

CT – Círculo Trentino

CTG – Centro de Tradição Gaúcha

EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FT – Família Trentina

GIBRAC – Grupo Ítalo-Brasileiro de Arte e Cultura

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PAT – Província Autônoma de Trento

PDS – Partido Democrático Social

PFL – Partido da Frente Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PPB – Partido Progressista Brasileiro

SANTUR – Santa Catarina Turismo S.A

SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## RESUMO

DOLZAN, Janiane Cinara. **A (re)invenção da italianidade em Rodeio – SC.** Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão

Defesa: 27/02/2003.

O presente trabalho tem como objeto central os diferentes projetos de italianidade fomentados no município de Rodeio, localizado no Médio Vale do Itajaí. É a partir da comemoração, no ano de 1975, do centenário da imigração italiana em Santa Catarina, que surgem entidades visando (re)inventar uma identidade italiana para a cidade. Por outro lado, não foi possível deixar de notar as inúmeras disputas políticas que perpassam as diferentes propostas de italianidade empreendidas no município. Em suma, a intenção deste trabalho foi perceber os interesses pessoais e coletivos, materiais e simbólicos, que entremeiam as múltiplas ações em torno da italianidade.

**Palavras-chave:** Rodeio, italianidade, cultura, identidade.



## INTRODUÇÃO

Folheando as páginas do jornal “O Corujão” em busca de material para a minha pesquisa, uma notícia publicada em 1998 me deixou eufórica e ansiosa. O motivo? Tratava-se de uma nota parabenizando um documentário sobre Rodeio<sup>1</sup>, ou melhor, sobre “Una Storia Italiana”. De posse do telefone da mentora deste projeto, descubro que ela mora em Florianópolis há alguns anos. Feito o contato, consegui emprestado o documentário para fazer uma cópia. Feliz e bastante curiosa, voltei rapidamente para casa. Devidamente instalada, fita no vídeo e controle remoto na mão .....

Um *tico* de gente que se chama Anderson Ochner, então com 6 anos de idade, aparece na tela. Vestido com uma camisa, calça *jeans*, botas e chapéu, o menino fala em *dialeto trentino*. Tímido, apenas responde as perguntas feitas pela jornalista que não demora em advertir que o garoto faz parte da quinta geração de imigrantes italianos que chegaram em 1875. Afirma também que ele não sabe quase nada dos seus antepassados, mas sabe falar como eles. Em seguida, ressalta que Anderson é a *prova que mesmo depois de mais de um século a identidade cultural dos primeiros imigrantes não morreu*, e que com o tempo o menino vai aprender que essa maneira de falar vem de um grupo de 120 famílias que deixou a região de Trento localizada no Norte da Itália. Após esta breve aparição, Anderson retorna somente no final do documentário e ao ser questionado sobre o seu *nonno*, responde que está na roça trabalhando. E a jornalista prossegue: O que mais o *nonno* gosta de fazer? Eis que o menino fala: no domingo ele gosta de tomar cachaça.

Na época, o início e o final deste documentário passaram quase despercebidos. É que naquele momento, em função do estágio embrionário no qual se encontrava a pesquisa, não percebia as *incongruências* presentes neste discurso. Mas na medida em que avançava na coleta de material aumentavam as dúvidas e também as descobertas que possibilitaram um (re)direcionamento do meu olhar sobre a temática.

---

<sup>1</sup>A cidade de Rodeio está localizada acerca de 40km de Blumenau.

No projeto inicial, a intenção era mapear a trajetória do GIBRAC (Grupo Ítalo-Brasileiro de Arte e Cultura) criado em 1979 e também do Círculo Trentino instituído em 1987<sup>2</sup>, buscando trazer à tona as ações fomentadas em prol da italianidade. A idéia era analisar os discursos produzidos por essas entidades que procuram erigir uma “identidade italiana” para a cidade de Rodeio. Quando iniciei a pesquisa, surpreendi-me com a quantidade e a variedade das fontes. O ponto de partida foi a análise do jornal local “O Corujão” que, criado em 1977, noticia os principais acontecimentos em torno das políticas de italianidade empreendidas no município. Visitas a diversos arquivos, paróquias, bibliotecas, órgãos municipais e estaduais possibilitaram o acesso a outros documentos que também foram extremamente profícuos. Todavia, a investigação não se esgotou nas fontes escritas. Depoimentos de participantes de diversas entidades, idosos e pessoas ligadas a organização da festa “La Sagra”, contribuíram para o aprofundamento do tema.

Para além dos depoimentos, outras fontes também foram consideradas. Uma delas foi a *observação* da festa “La Sagra” 2001, que possibilitou perceber as inquietações e ambivalências manifestas no cardápio, nas apresentações de danças, nas músicas, etc. Já a consulta em alguns *sites* na Internet trouxe importantes dados referentes às entidades que promovem o “resgate” da “identidade italiana” em Santa Catarina e na Itália. Por último, a realização de uma enquete junto aos alunos do 1º ciclo do ensino médio do Colégio Estadual Oswaldo Cruz possibilitou traçar um perfil destes jovens que vêm estudando a língua italiana.

Conforme pontuei anteriormente, a intenção inicial era investigar a trajetória do GIBRAC e do Círculo Trentino. Contudo, nas primeiras incursões feitas na cidade de Rodeio, qual não foi o meu espanto quando verifiquei a existência de vários descontentamentos frente às iniciativas realizadas por essas entidades. Tudo sugeria que de um lado estavam os participantes do Círculo/GIBRAC e de outro os seus críticos. Ledo engano. Não foi possível sustentar esse olhar maniqueísta por muito tempo. Os acontecimentos no final do ano 2000 e, principalmente, nos dois anos seguintes provocaram uma série de modificações no que tange a constituição de uma “identidade italiana” para a cidade e, conseqüentemente, na leitura que faço deste fenômeno. Sobretudo, porque novos personagens entraram em cena.

---

<sup>2</sup> Uma documentação bastante relevante são as atas das reuniões realizadas pelo Círculo Trentino, mas que infelizmente não tive acesso. A alegação foi de que as atas referentes ao período de 1975 a 1989 teriam desaparecido e as restantes não poderiam ser disponibilizadas.

Atualmente, as estratégias em torno da constituição de uma identidade não se limitam às desenvolvidas pelo Círculo/GIBRAC. Isto porque, no ano 2000 foi criada em Rodeio uma filial da “União da Família Trentina”, entidade dissidente da “Trentini nel Mondo” à qual está vinculado o Círculo Trentino. Vale lembrar que a política de italianidade desenvolvida por esta nova entidade é absolutamente diferente da que vem sendo disseminada pelo Círculo. Para complexificar a situação, pude também verificar que os projetos de italianidade estavam diretamente interligados às disputas políticas locais.<sup>3</sup> Assim, a idéia de elencar e analisar as manifestações fomentadas e forjadas pelo Círculo Trentino/GIBRAC e, paralelamente, usar como contrapeso as críticas e então escrever uma espécie de peça teatral onde os primeiros seriam os “bandidos” e os últimos os “mocinhos”, tornou-se completamente insustentável. Com efeito, na história que vou narrar não existem “mocinhos” e “bandidos” mas, complexas relações de poder que têm e terão como resultante a disseminação de determinados projetos de italianidade.

Retomando o documentário, tudo parece indicar que existe uma estreita sintonia entre os discursos pronunciados nos últimos 25 anos pelos participantes do Círculo Trentino/GIBRAC (Grupo Italo-Brasileiro de Arte e Cultura) com o que foi ressaltado pela jornalista. Principalmente a noção de continuidade histórica entre as manifestações culturais dos primeiros imigrantes e as de seus descendentes. O mesmo se dá na percepção do uso da língua (dialeto trentino). Para a jornalista, não existiu qualquer modificação desde o ano de 1875, quando chegaram os primeiros imigrantes na cidade. Contudo, para além do aspecto primordial e perene presente neste projeto de italianidade, na medida em que a pesquisa avançava mais evidentes ficavam as dissonâncias quando comparadas com as experiências de vida dos antigos e também dos atuais moradores da cidade. A colonização de Rodeio por trentinos, italianos de diferentes regiões, *brasileiros*, alemães e poloneses, demonstra a arbitrariedade presente no discurso que propõe uma “identidade trentina-italiana” para a cidade. Saturada de hibridismos, negociações e relações de poder, a história da cidade revela-se bem mais complexa do que a suposta unicidade proclamada pelos promotores da italianidade.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Em virtude dessas disputas políticas optei por trocar os nomes dos depoentes.

<sup>4</sup> Não existem dados estatísticos acerca do número de imigrantes poloneses, alemães e “brasileiros” que também colonizaram a região. Porém, a observação dos registros de casamentos (1875 – 1900) permite afirmar a presença destes na localidade.

Nas duas últimas décadas, floresceram em Santa Catarina – também através de incentivos por parte da Itália – inúmeras entidades, jornais, grupos de dança, corais, etc, que primam pela divulgação da italianidade. Entretanto, a escolha da cidade de Rodeio como objeto de pesquisa não foi aleatória. Apesar de relativamente pequena<sup>5</sup>, ela se sobressai no cenário catarinense devido ao grande número de projetos visando imprimir e divulgar uma “identidade italiana” para a cidade. Embora seja possível afirmar que esses projetos se multiplicaram nos anos 80/90, cabe ressaltar que o uso da palavra “italianidade” enquanto sinônimo de identidade italiana não é recente. Um grande número de intelectuais tem trabalhado com a noção de italianidade sem no entanto ter a preocupação de situá-la historicamente. Obviamente, a tarefa não é nada fácil, uma vez que ela aparece permeada de interesses diversos e em diferentes momentos.

Tudo parece indicar que o uso da expressão surgiu no final do século XIX e era usada habitualmente pelo governo italiano, - interessado sobretudo em ampliar o mercado, bem como em contribuir para o fortalecimento do então recente Estado-Nação<sup>6</sup> - por congregações religiosas, pela imprensa liberal ou de esquerda<sup>7</sup> e, posteriormente por associações privadas de diversos tipos. Contudo, os interesses, as necessidades e reivindicações são absolutamente diferentes. Hoje, as motivações para a constituição de uma *Itália Più Grande* (Itália Maior) são muitas e até mesmo contraditórias dependendo de quem a evoca. Exemplos interessantes são o direito de voto e a concessão da cidadania italiana

---

<sup>5</sup> De acordo com o último censo a cidade de Rodeio possuía 10380 habitantes. A “picada de Rodeio” como ficou conhecida, na época em que foi colonizada pertencia à Colônia Blumenau. Renzo Grosselli cita que o número de lotes ao longo do caminho de Rodeio era de 122, seguindo-se 26 lotes da Linha São Pedrinho Velho e 21 lotes da Linha São Pedrinho Novo. A localidade era ainda dividida em Rodeio 12, Rodeio 32, Rodeio 50 e Rodeio 90 (sede – centro), que correspondiam aos números dos lotes nos quais se localizavam as capelas. Até a segunda década do século XX, Rodeio era uma Vila dependente do Distrito de Indaial. Contudo, em 1919 foi elevada a categoria de Distrito. Rodeio ficou sendo então uma Divisão Administrativa que contava com dois Distritos: Rodeio e Benedito Novo, com uma área territorial de 838 km<sup>2</sup>. No ano de 1936, foi transformada em município e no ano seguinte desmembrada de Timbó. Conforme: CANI, Iracema Moser. **Rodeio “Vale dos Trentinos”** Rodeio: Prefeitura Municipal de Rodeio, 1997. Ver Mapa 1 e 2 de Rodeio em anexo.

<sup>6</sup> Tal afirmação é baseada na leitura de fragmentos de jornais citados em: TRENTO, Angelo. **Do Outro Lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. Tradução: Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Uma Brandão – São Paulo: Nobel: Instituto Italiano de cultura di San Paolo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988, pp 30-40. Um outro texto que trata do assunto é o de: ROGATTO, Geraldo Matheus. Achirópita, Fettuccine e Vinho: sobre a italianidade e a colônia italiana de São Paulo. In: BONI, Luis de. (org) **A Presença Italiana no Brasil** Vol. II. Porto Alegre, Torino: Escola Superior de Teologia, Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

<sup>7</sup> O autor Pedro Ghirardi assinala que seria apressado inferir que escreviam em italiano os nacionalistas e em dialeto ou português o restante dos imigrantes. Sobretudo, porque a língua italiana era muito importante para a imprensa operária, socialista e anarquista, mas que no entanto era contrária à Igreja, ao governo italiano e austríaco. Ver: GHIRARDI, Pedro Garcez. **Imigração da Palavra: escritores de língua italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições, 1994 p20.

para os descendentes dos imigrantes, que têm gerado uma série de debates e opiniões díspares. O mesmo acontece com relação aos investimentos que o governo italiano e, principalmente os dirigentes das regiões italianas, vêm realizando nos quatro cantos do mundo onde existem imigrantes e descendentes. Para muitos, estes investimentos estariam diretamente relacionados ao “sentimento de dívida” com os descendentes por parte do governo italiano. Outros ressaltam que o único interesse da Itália em promover e financiar os projetos estaria ancorado no turismo, ou seja, a lógica seria primeiro investir nessas populações para posteriormente elas investirem na Itália. Há ainda os que alertam para uma conspiração da classe dominante do país em fomentar a ida desses descendentes de italianos em detrimento de pessoas oriundas principalmente da África e Ásia, na busca de suprir a necessidade de mão-de-obra. Enfim, são várias as dimensões que perpassam os projetos de italianidade e que precisam ser pesquisadas com mais cuidado. Aqui, a preocupação foi com o aspecto inventivo e construtivo presente nos projetos de italianidade que vêm sendo divulgados em Rodeio. Em que medida eles enquadram a população da cidade, negligenciando suas experiências?

Pautados em noções como etnicidade<sup>8</sup> e tradição, esses movimentos frequentemente buscam legitimar uma identidade uníssona para as cidades. Em Rodeio, os projetos que visam *revitalizar* a italianidade emergem a partir do centenário da imigração italiana em 1975.<sup>9</sup> Não obstante, ao levar em consideração a existência de projetos anteriores que ensejavam instituir uma “identidade italiana”, as ações em torno da italianidade serão aqui percebidas como uma (re)invenção.<sup>10</sup> Embora alguns elementos acionados nesta (re)invenção permitam uma análise mais generalizada tal como o “gosto pelo trabalho”, o hábito de comer polenta e a religiosidade, a trajetória desse fenômeno é diferenciada em

---

<sup>8</sup> De acordo com Manuela Carneiro da Cunha, o conceito de etnicidade tem sofrido uma série de modificações ao longo das décadas. Inicialmente, a definição de grupo étnico estava vinculada à biologia, ou seja, um grupo étnico seria um grupo racial. Após a Segunda Guerra Mundial emerge o conceito de cultura que veio substituir o de raça. De acordo com esta nova perspectiva, grupo étnico seria aquele que partilha os mesmos valores, formas e expressões culturais. Todavia, a antropóloga adverte que o critério cultural deve ser utilizado adequadamente. Em primeiro lugar, não é possível tomar a existência dessa cultura como algo primordial. Segundo, é errôneo supor que a cultura partilhada é obrigatoriamente a cultura ancestral. Conforme: CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, Edusp, 1986.

<sup>9</sup> O ano de 1975 é apenas um marco simbólico no qual foi comemorado o centenário da imigração italiana em Santa Catarina. Segundo o historiador Walter Piazza a primeira colônia de “italianos” data de 1836 e era composta por Sardos (Nova Itália, antiga cidade de São Miguel). Ver: PIAZZA, Walter. **A Colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: BRDE, 1982.

<sup>10</sup> Na realidade, em Rodeio muitos dos elementos acionados não são propriamente invenções atuais. São hábitos e costumes do passado que foram (re)significados, e outros que ainda hoje se fazem presentes, tais como alguns jogos, comidas como a polenta, etc.

cada localidade, ou seja, é preciso levar em conta as especificidades presentes. Desta forma, apesar deste movimento de (re)invenção estar acontecendo nos mais diferentes recantos do país e em outros lugares do mundo, para compreender seus meandros faz-se necessário um olhar mais focalizado.

É importante ressaltar que a grande maioria das entidades, tais como os Círculos Trentinos e as Associações Vênetas, que são as principais fomentadoras desta *italianidade*, surgiu aqui em Santa Catarina no início dos anos 90 época em que as instituições preocupadas em divulgar a língua e cultura italiana se multiplicaram. Tudo indica que esta revitalização está também relacionada com o processo de abertura política brasileira, que suscitou o aparecimento de uma série de grupos politicamente mais atuantes, não se restringindo àqueles ligados às “minorias”.<sup>11</sup> Desta maneira, movimentos ligados às “classes médias urbanas” passaram a fomentar alternativas de organização na busca de ampliar as possibilidades de expressão, visibilidade e atuação frente às instituições públicas. Por outro lado, esse interesse em “resgatar” a “identidade italiana”, está diretamente interligado à nova ordem interna da Itália, onde diferentes regiões adquirem maior autonomia política e financeira, voltando seus olhos para possíveis interlocutores residentes no exterior.<sup>12</sup>

As identidades culturais não são um fenômeno recente, como tampouco o são os estudos sobre as mesmas.<sup>13</sup> Mas foi no final da década de 50, que Erik Erickson forjou a noção de identidade que inicialmente foi relacionada com o *senso individual de si mesmo*, adquirindo posteriormente diferentes sentidos.<sup>14</sup> Para Denys Cuche<sup>15</sup>, a recente moda dos estudos sobre identidade é um prolongamento do fenômeno de exaltação da diferença emergente nos anos 70. Como bem lembrou Cuche, é necessário não confundir as noções de cultura e identidade, ainda que as duas tenham uma estreita ligação, porque enquanto a cultura pode existir sem uma consciência de identidade, as estratégias voltadas para esta

---

<sup>11</sup> Entendidas aqui no seu sentido sociológico e não demográfico. Conforme: NOVAES, Silvia Caiuby. **Jogo de Espelhos**. São Paulo: EDUSP, 1993.

<sup>12</sup> Conforme: SACCON, Roberta. **Etnicidade e Integração: os descendentes de italianos no vale do Itajaí**. Blumenau: Capes, 1999.

<sup>13</sup> SANTOS, Boaventura. Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais** nº38, dezembro 1993.

<sup>14</sup> GILLIS, John R. **Commemorations: the politics of national identity**. Princeton: Princeton University Press, 1994. A tradução deste texto foi realizada pela Professora Doutora Eunice Sueli Nodari do PPGH da UFSC, p 2.

<sup>15</sup> Para Cuche, o conceito de identidade cultural emerge a partir da preocupação em aplacar os problemas de integração dos imigrantes nos EUA. Conforme: CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo: EDUSC, 1999.

última podem manipular e até mesmo modificar uma cultura.<sup>16</sup> Nesta perspectiva, a identidade “(...) remete a uma norma de vinculação necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas”.<sup>17</sup>

Os escritos de Pierre Bourdieu foram centrais para analisar os interesses materiais e simbólicos que perpassam os diferentes projetos de italianidade divulgados em Rodeio. Para este sociólogo,

“As lutas em torno da identidade étnica ou regional, quer dizer, em torno de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem, bem como das demais marcas que lhes são correlatas, (...) constituem um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, *de fazer e desfazer os grupos*”.<sup>18</sup> (grifos do autor)

A noção de identidade apresentada acima é uma entre as muitas já formuladas. Assim como não existe um conceito único de identidade cultural, acredito também na insuficiência da aplicação de uma ou outra interpretação, ao menos no que concerne ao estudo aqui apresentado. Contudo, é interessante observar que as primeiras considerações acerca das identidades culturais estão presentes nas posturas adotadas pelo Círculo Trentino. Em outras palavras, existe uma sintonia entre alguns dos discursos realizados por participantes do Círculo e as concepções objetivistas<sup>19</sup>, ou seja, aquelas que definem identidade a partir de critérios como origem comum, a língua, a cultura, a religião, etc. Tudo indica que esses discursos são um prolongamento dos aspectos presentes na abordagem *culturalista*, que enfatiza a herança cultural pressupondo uma identidade pré-existente ao indivíduo.

Diametralmente opostas estão as concepções formuladas por alguns pesquisadores no final dos anos 60 e início dos 70. Ao perceberem a identidade como um fenômeno forjado a partir de determinados elementos históricos e culturais, antropólogos acreditam

---

<sup>16</sup> Ibidem, p176.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar quer Dizer**. São Paulo: EDUSP, 1998, p108.

<sup>19</sup> CUCHE, Denys. Ibidem.

que o importante é compreender como essa identidade foi construída e em que contexto ela é evocada.<sup>20</sup> Emergem assim estudos que focalizam as mudanças sociais e o contato cultural, contrários à concepção estática das noções de identidade, cultura e etnicidade, sobretudo, por elas idealizarem o passado sem levar em consideração os processos de (des)construção e (re)construção.<sup>21</sup>

Considero assim imprescindível não conceber as diferentes manifestações encampadas e divulgadas por entidades como o Círculo Trentino e a Família Trentina, e até mesmo pelo governo municipal e estadual, como reflexo de uma identidade cultural estática e primordial que traduziria a totalidade das manifestações, aspirações e reivindicações dos moradores de Rodeio.

De um lado, não existe uma única proposta de italianidade, de outro, é preciso levar em consideração os inúmeros interesses pessoais e coletivos que permeiam esses projetos. Assim sendo, o primeiro capítulo desta pesquisa caracteriza-se por um olhar mais focalizado nos atuais projetos de italianidade disseminados em Rodeio. A “(re)invenção da italianidade”, de acordo com participantes das entidades, deu-se a partir da comemoração do centenário da imigração italiana no Brasil, no ano de 1975. Tema inicial deste capítulo, busquei perceber como se deu essa comemoração. Quais as manifestações e os discursos enunciados naquele momento? Quais foram os seus desdobramentos? Quem tomou para si a responsabilidade de criação de uma “identidade” para a cidade? Pensando nesta última pergunta, procurei traçar as trajetórias de entidades como o GIBRAC e o Círculo Trentino, indagando em que medida essas entidades enquadram a população desenhando uma “identidade trentina-italiana” para a cidade. No momento seguinte, busquei perceber através da festa “La Sagra”, as conformações, invenções e adaptações presentes; bem como vislumbrar os conflitos e as disjunções em torno desse mesmo projeto. Conflitos que aparecem, sobretudo, com a instituição de novas entidades, mas também frente aos hábitos e manifestações locais que não correspondem aos critérios de italianidade propostos pelo Círculo.

---

<sup>20</sup> NOVAES, Silvia Cauiby. Op. Cit., p24-26.

<sup>21</sup> A este propósito ver: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade. Seguimento de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução de Elcio Fernandes – São Paulo: UNESP, 1998.



Apoiada nos acontecimentos que se deram a partir das eleições municipais ocorridas em 2000, escrevi o segundo capítulo onde procurei delinear as perspectivas da Família Trentina e do novo Comitato da Dante Alighieri para a região de Blumenau<sup>22</sup>, em contraposição ao projeto desenvolvido pelo GIBRAC e o Círculo Trentino. A idéia foi trazer à tona as principais divergências entre essas duas “políticas de italianidade”<sup>23</sup>. De um lado, aqueles que divulgam a imagem de uma “Itália atual”, ou seja, desejosos de que as entidades de divulgação e promoção da italianidade estejam sintonizadas com a Itália contemporânea. De outro, integrantes do Círculo Trentino que buscam disseminar um projeto ancorado no “passado” dos primeiros imigrantes.

Num terceiro momento, a intenção foi justamente contestar os discursos que visam imprimir um sentimento de continuidade e homogeneidade cultural dos primeiros imigrantes trentinos e italianos e a de seus descendentes. Com efeito, os escritos iniciais desse capítulo indicam, através do mapeamento dos diferentes projetos de italianidade, que nas primeiras décadas após a colonização da região, devido à diversidade étnica, imperava o *regionalismo* que dificultava a constituição de uma “identidade italiana”. Ainda intencionando desnaturalizar os discursos que concebem uma impermeabilidade e imutabilidade para as manifestações culturais do município, busquei fazer uma (re)leitura, a partir de uma bibliografia específica, sobre as primeiras décadas após o início da colonização. Já no terceiro e último momento tratei das agruras sofridas durante a Segunda Guerra Mundial, período este fundamental para a compreensão de um refluxo das políticas de italianidade.

Enfim, fica aqui o convite para a leitura deste trabalho, que procurou demonstrar as conformações, os conflitos e enquadramentos, mas também os sentimentos, crenças e valores de parcelas significativas da população de Rodeio bem como, as pretensões materiais e simbólicas que perpassam o intuito de erigir uma “identidade trentina-italiana” para a cidade de Rodeio.

---

<sup>22</sup> A “Dante Alighieri” é uma entidade que tem sede em Roma e foi criada em 1889 com o intuito de difundir a língua e cultura italiana.

<sup>23</sup> Adotei este termo para me referir as diferentes perspectivas e ações que buscam forjar uma identidade italiana. O termo é utilizado por: POSSAMAI, Paulo César. **Igreja e Italianidade: Rio Grande do Sul (1875 – 1945)**. Revista de História n° 141, FFLCH – USP, 1999.

## **CAPÍTULO I - “VALE DOS TRENTINOS”: (RE)INVENÇÃO DA ITALIANIDADE**

De acordo com participantes do Círculo Trentino de Rodeio é a partir da comemoração do Centenário da vinda dos emigrantes italianos para Santa Catarina que iniciou-se o processo de “resgate” da cultura italiana. Ponto de partida deste capítulo, busquei perceber como se deu essa comemoração e quais os discursos enunciados naquele momento. Duas foram as entidades que, nas décadas seguintes ao Centenário, fomentaram a maioria das ações em prol da italianidade. A saber: GIBRAC (Grupo Ítalo-Brasileiro de Arte e Cultura) e o Círculo Trentino. A fim de ampliar a divulgação de uma “identidade trentina-italiana” para a cidade foi (re)criada, em meados da década de oitenta, a festa “La Sagra” que compreende muitos dos “elementos” considerados pelos participantes do Círculo Trentino como pertinentes ao “trentino-italiano”. É também na festa que aparecem os conflitos e as dissonâncias em torno desta política de italianidade.

### **1 - Centenário da imigração: centelha da italianidade**

A cidade de Rodeio chama atenção por seus inúmeros veículos de afirmação da italianidade: a vinícola “San Michele” e a fábrica de laticínios “Rendena” fundadas e financiadas pela Província Autônoma de Trento em 1992 (e que através dos produtos se reportam ao passado com o intuito de “resgatar” e perpetuar a cultura italiana); o Círculo Trentino e o GIBRAC; o jornal local “O Corujão” (que traz inúmeros artigos enfatizando a necessidade do “resgate das tradições”); os corais: “Bambini”, “Canto e Poesia”; o grupo folclórico infantil “Primo Ballo” e o grupo juvenil de dança do Círculo Trentino; o conjunto musical “Giro in Itália”, Vecchio Scarpone ; a festa anual “La Sagra” e o “Baile do Vinho”; uma biblioteca com cerca de 250 obras doadas por entidades da Itália; o museu dos “Usos e Costumes” com 400 peças; o curso de italiano oferecido pelo Círculo Trentino e recentemente a inclusão da língua italiana nas escolas estaduais e municipais.

É interessante perceber que essas manifestações surgiram a partir da comemoração do centenário da imigração italiana para Santa Catarina, sendo que a grande maioria delas

são incentivadas e supervisionadas pelo Círculo Trentino.<sup>24</sup> Em Rodeio, o primeiro “Grupo Folclórico” foi criado em 1975 e o Círculo Trentino foi instituído no ano de 1987, assim como o jornal “O Corujão”, (que teve sua primeira edição em 1977) e a festa “La Sagra” que surgiu em 1985 e se afirma enquanto uma festa “tipicamente italiana”. Para entender esse processo de (re)invenção da italianidade na cidade de Rodeio, considero imprescindível reportar aos escritos que se referem aos acontecimentos em torno das comemorações de 1975.

Maio de 1975. “Rodeio Comemora 100 anos de Colonização Italiana”. Eis a manchete de um jornal.<sup>25</sup> Neste dia houve uma missa solene, além de desfile militar e escolar, dando início às comemorações do centenário que terminariam em dezembro. Participou do desfile o grupo de escoteiros; um grupo de moças em *trajes típicos italianos de um século atrás* (grifos meus); o Colégio Comercial Mário Locatelli, seguido de um pelotão que representou o Colégio Normal Madre Avosani e a Escola Básica Oswaldo Cruz; um pelotão de ex-combatentes da FEB, e crianças do jardim de infância.<sup>26</sup> No mês de outubro daquele mesmo ano, o jornal de maior circulação da região publicou um suplemento do centenário da imigração italiana, revelando nostalgia e exaltação da epopéia realizada pelos imigrantes:

“Prestar um tributo de reverência e gratidão aos impávidos e fortes ancestrais italianos que se radicaram nas férteis mas inclementes terras catarinenses, desbravando a natureza virgem, sobrepujando animais ferozes, digladiando-se com os índios, abrindo picadas e estradas, amainando e cultivando a terra, somando esforços pelo progresso (...) A eles, velhos pioneiros, e aos seus descendentes, povo de linhagem humana e nobre, que hoje ainda constróem a grandeza e efetivam a integração de nosso querido Estado, nesse

---

<sup>24</sup> Cabe ressaltar que esse fenômeno de revitalização e invenção da italianidade vem ocorrendo em todos os países que receberam emigrantes *italianos*. A Associação Trentini nel Mondo, fundada em 1957 é composta atualmente de 120 círculos trentinos no exterior e 11 na Itália, sendo que no Brasil existem 31 círculos, 4 delegações e 1 federação. Num levantamento realizado junto à Agência Consular de Blumenau em agosto de 2000, existem na região do Vale do Itajaí, 20 associações e círculos institucionalizados e cerca de outros 5 não institucionalizados. De acordo com a comunidade ítalo-brasileira (CIB), existem em Santa Catarina aproximadamente 100 entidades italianas institucionalizadas (associações, círculos, sociedades, seções, centros e grupos) contudo, apesar de Santa Catarina ser o Estado de maior predominância dessas entidades, algumas tem uma existência meramente formal, ou seja, a entidade é registrada mas tem pouca ou mesmo nenhuma atuação. <http://www.associb.org.br/index.php3>. Capturado em 12/08/2001.

<sup>25</sup> **Jornal de Santa Catarina** 3 de maio de 1975.

glorioso Primeiro Centenário da Imigração Italiana em plagas catarinenses (...). Os registros, as histórias e as mensagens, aqui inclusas, testemunham toda a admiração nossa por GENTE que inoculou sangue novo e fervente na NACIONALIDADE BRASILEIRA!”.<sup>27</sup> (grifos do autor)

É possível vislumbrar nestas palavras a ênfase atribuída à contribuição dos italianos para a edificação da nação brasileira. De igual maneira são os escritos do então Cônsul Geral da Itália, Guido Borgomanero, ao comentar que os filhos e netos dos imigrantes são “(...) sangue jovem que corre nas veias e no tecido social desta imensa nação a qual, como já os seus pais e avós, oferecem as suas melhores energias no quadro de um entusiasmante processo de desenvolvimento (...)”.<sup>28</sup> Em praticamente todas as páginas seguintes do suplemento especial ocorrem exaltações às contribuições dos imigrantes e seus descendentes no desenvolvimento e engrandecimento do Estado de Santa Catarina. Com propagandas e histórias de famílias que obtiveram êxito no comércio e indústria, o jornal ressalta a transformação do Estado pela força dos trabalhadores italianos: “Santa Catarina é um Estado rico, pela fertilidade de seu solo e pelo privilégio de ter sido um dos territórios brasileiros escolhido pelos colonos italianos para aplicarem a perspicácia e tenacidade do trabalho que lhe são característicos”.<sup>29</sup>

A disposição ao trabalho transformada em herança genética foi automaticamente associada à cidade de Rodeio, uma vez que ela foi considerada em 1975 uma “verdadeira colônia italiana (...) onde a língua falada (...) corresponde à falada atualmente na Itália, na cidade de Trento e Valsugana (...)”.<sup>30</sup> Contudo, são facilmente observáveis as incongruências que permeiam esses discursos, principalmente quando se verifica que a cidade não foi colonizada apenas por imigrantes trentinos, mas também por alemães, poloneses, italianos de diferentes regiões e *brasileiros*.

Retomando a questão do trabalho, Antonia Colbari<sup>31</sup> faz uma interessante reflexão sobre o familismo e a ética do trabalho dos *italianos*. São dois os aspectos considerados para

<sup>26</sup> Ibidem, p 4.

<sup>27</sup> **Jornal de Santa Catarina** 3 de maio de 1975, p 1.

<sup>28</sup> Idem, p2.

<sup>29</sup> Idem, p6. Não consta nome do autor.

<sup>30</sup> Idem, p5. Não consta nome do autor.

<sup>31</sup> Conforme: COLBARI, Antonia. Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH e Humanitas Publicações, nº34, 1997.

a análise da contribuição dos imigrantes italianos: o processo de imigração (adensamento, branqueamento e elevação cultural) e o capital cultural destes imigrantes. Embora não concorde com a autora quando afirma a existência de um *espírito empreendedor* aparentemente como algo presente no sangue dos imigrantes italianos, seus escritos sobre a ética do trabalho ajudam a pensar o processo de naturalização da mesma. De acordo com ela, a representação positiva acerca do italiano (imigrante e descendentes) com relação à dedicação ao trabalho encontra-se sedimentada no imaginário coletivo a partir de uma afirmação paulatina que tem como gênese a política imigrantista implantada pelos governantes brasileiros. Os *italianos*, assim como os alemães, foram vistos como *purificadores da nacionalidade*, uma vez que com seu capital cultural e racial *elevado* contribuiriam para modificar a composição física e cultural da população brasileira. (grifos meus) O imigrante italiano, para a autora, é percebido e se percebe então como portador de uma ética do trabalho, de um espírito desbravador e dominador das técnicas de produção.<sup>32</sup>

Essa identificação é construída em contraste com os indígenas, os negros e os demais brasileiros, que são vistos como indolentes.<sup>33</sup> Há que ressaltar que a política imigrantista do governo brasileiro teve como objetivos principais, para além do adensamento, branqueamento e obtenção do “status” de nação civilizada, a constituição de um mercado de trabalho com o intuito de substituir a mão-de-obra escrava. Ocorre que, naquele momento, a representação sobre o trabalho manual estava diretamente associada ao regime escravocrata e, portanto, vista como a negação da liberdade e marca da inferioridade social. Portanto, a vinda dos imigrantes europeus contribuiria para (re)significar a noção de trabalho, transformando-a em virtude.

---

<sup>32</sup> Contudo, em diversos núcleos coloniais que receberam emigrantes “italianos” ocorreram revoltas que acabaram gerando alguns estereótipos deste “grupo” tais como: *baderneiros, vagabundos, criminosos, etc.* O seguinte documento ilustra bem estes fatos: “(...) foram introduzidos na Colônia Blumenau imigrantes inválidos e indigentes (através do Contrato Caetano Pinto) (...) outros existem: mutilados, antigos criminosos de homicídio, de roubo e contrabando, incapazes de qualquer trabalho rural”. **Ministério Negócios da Agricultura Comércio e Obras Públicas**. 20 de julho de 1878. Documento enviado ao Presidente da Província João Luis Vieira C. de Sinimbre. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Esses estereótipos vem sendo combatidos por vários intelectuais que tratam da imigração italiana, as obras escritas pelo italiano Renzo Grosselli são um exemplo.

<sup>33</sup> O sentimento de superioridade com relação ao trabalho está presente em uma entrevista concedida por Renzo Grosselli, como demonstra o seguinte trecho: “(...) ele também acha que as regiões do litoral, em SC especialmente, não se desenvolveram porque foram colonizadas por açorianos, um povo inferior ao italiano e alemão, e não muito ligado ao trabalho (...)”. Jornal “**O Estado**” 04 de outubro de 1987, p8. Semelhantes são os escritos publicados no jornal “O Corujão”, embora a antítese seja de cunho regional: “*Nós sulistas, catarinenses, rodeenses, somos um povo privilegiado por Deus, pela Natureza, pela índole, pela raça, pela formação, pelo espírito de luta e de sucesso (...). Nós rodeenses temos a graça de não termos herdado a indolência de nossos irmãos nordestinos, não sofremos depressão da miséria e da fome (...)*”. Jornal “**O Corujão**”. Março de 1994, p1.

Ainda no que se refere à crença genética da capacidade de trabalho, a antropóloga Giralda Seyferth<sup>34</sup>, ao refletir sobre a identidade camponesa no Vale do Itajaí-Mirim, tece considerações acerca de duas categorias opostas: a de colono e a de caboclo. Através da análise de inúmeros depoimentos, a oposição entre colonos e caboclos para a autora está diretamente relacionada com uma concepção de trabalho etnicamente fundamentada, presente no discurso dos descendentes de italianos como fator distintivo perante o “outro” e pautada principalmente no mito de origem, onde seu valor simbólico é significativo na medida em que outros elementos de diferenciação são menos visíveis. “Ser de origem” portanto, compreende um duplo significado: de um lado é o fator que qualifica a condição de colono, e de outro especifica a origem étnica nacional, suscitando inclusive diferenças dentro da própria categoria de *colono*. Nesta perspectiva, “a crença subjetiva na “origem” estabelece os limites da comunidade, fundamentada na semelhança de costumes, modos de vida, hábitos alimentares e religiosos etc... atribuídos aos colonos em geral”.<sup>35</sup>

Esta dedicação ao trabalho vista como algo primordial, existente desde tempos longínquos, é observada ainda em outro trecho do suplemento especial publicado no “Jornal de Santa Catarina”: “(...) quem ainda hoje conviver ou conhecer os descendentes dos primeiros colonos italianos, se defronta com pessoas de alta estatura, corpulentos, repletos de vigor, cheios de vida e saúde, e grande disposição para o trabalho”.<sup>36</sup>

Os meios de comunicação acabaram desta maneira anunciando os descendentes dos imigrantes *italianos* como um povo trabalhador, ou seja, concebendo o trabalho como algo que está presente no *sangue italiano*. Assim, o *sangue italiano* compreende uma série de valores que evidencia características positivadas e auto-atribuídas. Ovídio de Abreu Filho salienta que o sangue:

“(...) é pensado como uma substância transmissora de qualidades físicas e morais, formando o corpo e o caráter. Assim, se através do sangue qualidades morais são transmitidas e perpetuadas e se ele dá conta da construção do corpo e seus instintos, o indivíduo agente

---

<sup>34</sup> SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: Análise sobre a identidade camponesa. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** – nº18 – ano 7 – fev 1991.

<sup>35</sup> Idem, p 90.

<sup>36</sup> **Jornal de Santa Catarina**. 30 de outubro de 1975, p 5. Não consta o nome do autor.

empírico – é representado, não como individualmente indivisível, mas como parte de uma totalidade que o transcende e o constrói”.<sup>37</sup>

E o descendente *italiano-trentino* - rodeense é então visto como:

“simples, bom, honesto e hospitaleiro, sobejam nele qualidades características de seus antecessores, que lhe dão um caráter de dignidade pessoal: a alegria a uma vida modesta, condicionado ao meio físico natural, o que lhe falta em ostentações, sobra-lhe em higiene, saúde, força, resistência e valor moral.(...)”.<sup>38</sup>

É importante destacar que a *higiene* dos imigrantes italianos e de seus descendentes é colocada em vários momentos do suplemento especial do centenário de imigração. Esses discursos são extremamente interessantes uma vez que associam a saúde (também decorrente de hábitos higiênicos) com a capacidade de trabalho. De acordo com Ana Delfini e Júlio Mendonça<sup>39</sup>, este tipo de discurso acaba refletindo “(...) um homem moralizado, um “agricultor honesto”. Adestra-se o corpo pela saúde e pelo trabalho, e fica a idéia de que um corpo doente seria justamente a sua antítese, um corpo improdutivo e imoral”.<sup>40</sup>

Por outro lado, ao enfatizarem a existência *intrínseca* da higiene no italiano estes discursos acabam simultaneamente combatendo um estigma que, se não estava presente naquele momento, já fizera parte do imaginário social em algumas localidades de Santa Catarina. Isto porque, os *italianos* já foram *percebidos* por *brasileiros* e alemães como pessoas sujas e desleixadas<sup>41</sup>. Uma ex-moradora de Apiúna (antiga Aquidaban e distante 20 km de Rodeio) lembra uma justificativa para tal estereótipo:

“Mais ou menos em 1958 eu lembro que onde eu morava existiam famílias de brasileiros, alemães e italianos. Naquele tempo, a maioria das casas tinha assoalho de madeira e como não havia pavimento nas estradas, a casa ficava muito suja. Então era assim; os alemães

<sup>37</sup> FILHO, Ovídio Abreu. Apud SAVOLDI, Adiles. **O Caminho Inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFSC, 1998, p37. A pesquisa desenvolvida por Savoldi que trata especificamente dos intercâmbios estabelecidos entre a região do Vêneto e o Sul do Estado de Santa Catarina é uma referência imprescindível para os estudiosos da italianidade e de seus desdobramentos.

<sup>38</sup> **Jornal de Santa Catarina**. 30 de outubro de 1975, p 5. Não consta nome do autor.

<sup>39</sup> DELFINI, Ana Cláudia e MENDONÇA, Júlio César. A vinda do imigrante italiano ao Brasil: Um problema de saúde In: **CD Rom IX Encontro Regional de História** – Florianópolis, 2002.

<sup>40</sup> Idem.

lavavam o assoalho toda a semana com água sanitária, os brasileiros [nós] passavam uma vassoura e as vezes lavavam também, mas os italianos eram muito sujos. Eles deixavam o barro dentro de casa até quando não dava mais, aí pegavam e tiravam de enxada”.<sup>42</sup>

Tal assertiva faz lembrar - a partir da análise proposta por Giralda Seyferth - que assim como descendentes de italianos, alemães entre outros se vêem enquanto *colonos*, e etnocentricamente, enquadram o *caboclo* como indolente e fracassado, este último também atribui estereótipos aos “colonos”. Aliás, entre os próprios “colonos” aparecem estereótipos decorrentes das rivalidades regionais. Seyferth explora com maestria o assunto:

“A língua, a suposta capacidade de trabalho pré-determinada pela condição étnica etc., são na verdade, critérios para auto-identificação como membros de um dos grupos. Para identificar os outros, porém, são usados estereótipos que nada têm a ver com os sinais objetivos de diferenciação étnica (..) Assim, para italianos e alemães, o polaco se distingue e é inferiorizado por sua “falsidade”; na opinião dos alemães, os italianos são excessivamente espalhafatosos, gananciosos e “pão-duros”; e os italianos acham os alemães uns gastadores que não pensam no futuro”.<sup>43</sup>

Ainda que as apreensões a respeito do “outro” não sejam unilaterais, não se pode esquecer que a capacidade de atribuição e fixação de estigmas está diretamente ligada aos que detém o poder da *fala autorizada*. Pierre Bourdieu observa que, nas “lutas de classificação”, a “(...) eficácia do discurso performativo que pretende fazer sobrevir o que ele enuncia no próprio ato de o enunciar é proporcional à autoridade daquele que o enuncia (...)”.<sup>44</sup>

Desta maneira, é possível inferir que os “de origem” e seus descendentes “(...) desenvolveram, na esfera simbólica, um comportamento que, na prática, demonstra a desvalorização intrínseca dos “brasileiros”.<sup>45</sup> Dois fatores foram fundamentais para a

---

<sup>41</sup> Depoimento de Maria (80 anos), concedido à autora em Blumenau no dia 15/09/2001.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> SEYFERTH, Giralda. Op.Cit., p91.

<sup>44</sup> BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p116.

<sup>45</sup> OLIVEIRA, Anselmo Pereira de. **Os estereótipos e suas variáveis na oralidade escolar**. Dissertação de Mestrado em Educação. UFSC, 2001, p77.



composição desse quadro. Primeiro, o olhar etnocêntrico forjado a partir do prevalecimento da visão ocidental de civilização. Em segundo lugar, o contexto simbólico que antecedeu a chegada dos imigrantes europeus, explicitado no desejo das elites do governo brasileiro de um branqueamento da população e da positivação da noção de trabalho. Nas décadas seguintes, após a chegada dos primeiros imigrantes, instituições sociais, nas esferas pública ou privada, não cessaram de fortalecer os elementos considerados pertinentes aos “de origem”, bem como sublinhado a ausência destes no restante da população.

Para além da ênfase nas “contribuições dos italianos” que aparecem ao longo do suplemento especial editado pelo Jornal de Santa Catarina, são vários os textos que convocam os descendentes a revitalizar, ou melhor, a “resgatar” sua cultura. Como cita a matéria que faz apologia à construção de árvores genealógicas:

“Um hábito antigo e de real importância para filhos que prezam sua ascendência e pais que querem legar a linhagem sangüínea aos seus pósteros é o de se construir a árvore genealógica de sua família.(...). Em nossos dias tem-se o hábito de se dar pouca importância à descendência. Conhecer os seus é conhecer-se a si próprio”.<sup>46</sup>

É possível perceber nos discursos citados que existe concomitantemente uma exaltação do que os imigrantes trouxeram em sua bagagem (língua, hábitos alimentares, vestimentas, jogos, gosto pelo trabalho, etc) e a afirmação da *permanência* de alguns desses traços, vistos enquanto *marca indelével* do italiano, tal como a afeição ao trabalho e a religiosidade. E, paralelamente, um convite ao retorno às origens a fim de “resgatar usos e costumes” de seus ascendentes: “(...) Na região do Médio Vale do Itajaí, conservou-se em grande escala esse modo de viver e ser do povo, muito embora persista a ameaça de seu próximo desaparecimento se alguém não assumir a responsabilidade de sua conservação (...)”.<sup>47</sup>

A afirmação decisiva de uma *permanência* de traços culturais *autenticamente trentinos* ocorreu quando da visita de uma comitiva de autoridades italianas formada por onze pessoas, que estiveram nas cidades de colonização trentina<sup>48</sup>, bem como da pesquisa

<sup>46</sup> **Jornal de Santa Catarina**. 30 de outubro de 1975, p 4. Não consta nome do autor.

<sup>47</sup> *Idem*, p 23.

<sup>48</sup> Para o centenário da imigração italiana no Brasil, foi constituída uma comissão da Associação Trentini nel Mondo com a finalidade de prestar auxílios e colaboração aos festejos. Essa comissão ficou encarregada de: 1)organizar uma comitiva para vir aos festejos formada por integrantes da associação e também da Província

realizada por Andrietta Lenard<sup>49</sup>, que concluiu ser o dialeto trentino usado naquele momento enquanto língua materna pela grande maioria dos moradores de Rodeio. A lingüista conferiu ainda uma *autenticidade* para o dialeto após levar para cidades da Província Autônoma de Trento em janeiro de 1975 fitas com entrevistas gravadas que permitiram um estudo comparativo entre a língua falada em Rodeio com a de Trento.

Parece-me que a visita da comitiva de autoridades trentinas foi de uma importância crucial naquele momento, uma vez que se tratou do primeiro contato formal estabelecido entre a Província Autônoma de Trento e as cidades onde vivem descendentes de trentinos após o término da Segunda Guerra Mundial. A *originalidade* das manifestações culturais de Rodeio foi assim ressaltada pela comitiva: “(...) redescobrimo neste povo um forte núcleo de origem trentina autêntica: os mesmos sobrenomes (...) os mesmos costumes e sobretudo a mesma língua (...)”.<sup>50</sup>

Esses discursos podem ser pensados naquilo que Pierre Bourdieu chamou de *ritos de instituição*, ou seja, ritos que buscam consagrar e legitimar este “ser italiano”, estabelecendo portanto uma diferença entre os “italianos” e os “outros”. Nesta perspectiva, esta consagração consiste em “(...) fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural *um limite arbitrário* (...)”.<sup>51</sup>(grifos do autor) Conferindo uma “autenticidade” da língua e constatando uma “natural” aptidão para o trabalho, tais discursos buscam erigir uma identidade uníssona para os moradores da cidade, ao mesmo tempo em que instituem uma essência, impõem um “direito de ser” e um “dever de ser”.<sup>52</sup>

Um dos elementos que é colocado como fator distintivo no processo de afirmação e reivindicação desta identidade cultural é a língua. Contudo, faz-se necessário perceber o caráter dinâmico da mesma. Com isto, não pretendo aqui menosprezar sua importância ou negar seu uso ainda hoje um tanto generalizado na cidade de Rodeio, mas sim chamar

de Trento. 2) publicação de um opúsculo que recorde a história da imigração trentina no Brasil. 3) manter um voo aéreo reservado a familiares ou descendentes de imigrantes trentinos 4) sensibilizar a opinião pública, através da imprensa para o acontecimento histórico. Jornal “**O Estado**” 15 de maio de 1975. Nos depoimentos colhidos, alguns nomes da comissão que veio ao Brasil foram citados: Bruno Fronza (vice-presidente da “Trentini nel Mondo”) Rodolfo Abram (diretor da associação), Guido Lorenzi (Assessor Cultural da Província Autônoma de Trento)

<sup>49</sup> LENARD, Andrietta. **Lealdade Linguística em Rodeio**. Dissertação de Mestrado em Linguística UFSC, 1976.

<sup>50</sup> **Jornal de Santa Catarina**. 30 de outubro de 1975, p 5. Não consta nome do autor.

<sup>51</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que Falar quer Dizer**. Op. Cit., p98

<sup>52</sup> O sociólogo Pierre Bourdieu afirma que o ritual de instituição implica em “ (...)fazer ver a alguém o que ele é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade.”. Por outro lado, Bourdieu coloca que existem exceções, ou seja, pessoas que ultrapassam essas determinações. Idem, p100.

atenção para a sua metamorfose e para o acréscimo de elementos de outras línguas quando da interação com diferentes grupos étnicos.<sup>53</sup>

Mário Bonatti<sup>54</sup> fez um pertinente estudo de linguística antropológica dentro de duas comunidades trentinas, Pomeranos no Brasil e Mattarello na Itália, sendo seu objetivo principal entender o processo de aculturação linguística em Pomeranos, a fim de mapear as diferentes influências culturais e ambientais sobre a vida da língua. Neste local existia uma aparente homogeneidade no uso do dialeto trentino<sup>55</sup>, bem como uma crença de imobilidade linguística. Primeiramente, Bonatti alerta que em Pomeranos algumas famílias falantes de outros dialetos foram absorvidas ao longo do tempo pelo grupo maior. E, em Rodeio, isto também aconteceu. O depoimento abaixo de um estudante de letras trata dessa problemática:

“(...) os poloneses e italianos de outras regiões hoje falam o trentino, eles foram absorvidos pelo grupo maior. É claro que foram acrescentadas novas palavras, que antigamente não existiam, palavras misturadas com o português e coisas que na época dos imigrantes não existiam como os computadores, o avião, etc”.<sup>56</sup>

Um outro relato feito por um linguísta menciona o hibridismo presente no “dialeto trentino”: “(...) porque em Rodeio falam um dialeto de 130 anos atrás, quando os imigrantes vieram para cá trazendo a língua deles da época. Mas a língua é um elemento vivo que muda (...) Assim eles falam o dialeto de 130 anos incluindo palavras do português”.<sup>57</sup>

---

<sup>53</sup> Nesta direção, a antropóloga Manuela Cunha afirma que “(...) se, para identificarmos um grupo étnico, recorrêssemos aos traços culturais que ele exhibe – língua, religião, técnicas, etc. -, nem sequer poderíamos afirmar que um povo qualquer é o mesmo grupo que seus antepassados. Nós não temos forçosamente a mesma religião, nem certamente as mesmas técnicas, nem os valores dos brasileiros de há cem anos.” Conforme: CUNHA, Manuela Carneiro da. Op. Cit., p115.

<sup>54</sup> BONATTI, Mário. **Aculturação Linguística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina - Brasil (1875-1974)** – Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí, Blumenau, SC, 1974.

<sup>55</sup> Segundo Bonatti, o dialeto trentino é do tipo galo-italico com influência germânica e vêneta, isto porque esteve durante muito tempo em contato com venetos e lombardos. Na própria Província de Trento existem inúmeras formas sub-dialetais, contudo, com características comuns a todas as formas dialetais. A comunidade de Pomeranos (próxima a Rio dos Cedros – Vale do Itajaí) tinha a presença do alemão como língua de vizinhança. Importa também lembrar que muitos termos foram desaparecendo após a vinda dos trentinos para o Brasil. Tais como os ligados as atividades militares, à neve e esportes de inverno. Por outro lado, o léxico relativo à flora local, fauna, administração pública e termos técnicos de cultura agrícola surgiram após a vinda desses emigrantes. Já os ligados às partes do corpo humano, à família, religião, saúde e doenças quase não apresentaram variações.

<sup>56</sup> Depoimento de Carlos (32 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

<sup>57</sup> Depoimento de Joana, concedido à autora em Blumenau no dia 28/09/2001.

O fato de uma comitiva italiana afirmar uma autenticidade trentina - principalmente no que se refere à língua - e acenar a possibilidades de convênios econômicos e culturais com a Província de Trento, contribuiu significativamente para o surgimento de ações visando *resgatar*, ou melhor, (re)inventar uma italianidade.<sup>58</sup> A repercussão do centenário incentivou as pessoas que recentemente haviam criado o Grupo Folclórico a se mobilizarem com o intuito de “resgatar e preservar” não apenas a música italiana, mas toda a *cultura italo-trentina*. Neste sentido, os discursos da mídia e principalmente da comitiva, por se tratarem de *falas autorizadas*, foram utilizados para fundamentar e justificar a afirmação e reivindicação da italianidade.

A este propósito, Pierre Bourdieu assinala que a procura de critérios objetivos de uma identidade regional ou étnica não pode deixar esquecer que na prática social tais critérios são objetos de “representações mentais”, ou seja

“(...) atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de “representações objetais” em coisas (emblemas, bandeira, insígnias, etc) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter dessas propriedades e dos seus portadores”.<sup>59</sup>

Seguindo esta linha de pensamento, embora seja legítimo pensar que as relações sociais incluem também interações simbólicas, é preciso lembrar que as trocas linguísticas são permeadas por relações de *poder simbólico*. Nesta direção, após os acontecimentos e os

---

<sup>58</sup> Na ocasião o secretário Guido Lorenzi, da educação, cultura e esportes da Província de Trento, manifestou a intenção de oferecer bolsas de estudos em viticultura e fruticultura para jovens catarinenses descendentes de trentinos. Ainda em nome do governador da Província, Guido Lorenzi prometeu o envio de livros, publicações, filmes slides e pinturas para compor o acervo de bibliotecas que seriam abertas nas cidades de Nova Trento, Rodeio e Rio dos Cedros. Assegurou também o envio de discos com músicas folclóricas de Trento, a fim de “(...) *manter acesas as tradições e costumes italianos em Santa Catarina*”. **Jornal de Santa Catarina**. 25 de julho de 1975, p 03. Dez anos depois, o governo italiano enviou para as entidades italianas catarinenses, cerca de 760 livros, 60 cartazes com paisagens trentinas, 18 peças de teatro e dezenas de partituras de músicas típicas do Vêneto. Conforme: **Jornal de Santa Catarina** 20 e 21 de outubro de 1985, p14.

<sup>59</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que Falar quer Dizer**. Op. Cit., pp107-108. Nesta obra, o autor critica a linguística estruturalista que defendida por Saussure, propunha uma autonomização da língua, separando-a de suas condições sociais tanto da produção quanto da utilização. Bourdieu propõe que todo ato de fala está permeado por disposições socialmente moduladas (*habitus linguístico*) e também pela existência de um *mercado linguístico* que se impõe como um sistema de sanções e de censuras específicas.

desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, os discursos proferidos em torno do centenário da imigração buscaram (re)positivar e reivindicar uma *identidade italiana* única para a cidade, deixando com isto de contemplar os diferentes grupos que também colonizaram o local.

O clímax das comemorações deu-se no período de 6 a 14 de Dezembro de 1975. No dia 6, foi lançado o “Livro de Rodeio”<sup>60</sup> e ainda nesta noite ocorreu uma apresentação do Centro Cultural Italo-Brasileiro “Dante Alighieri”, de Curitiba. Para a orientação dos visitantes e da sociedade rodeense em geral, foi confeccionado um programa oficial pela comissão responsável pelos festejos. Neste programa constavam: missa solene na Matriz (Coro e 4 vozes) e desfile de bandas na rua principal. No Domingo dia 7 foi oferecido um banquete ao Governador e comitiva; e inaugurado o “Marco Centenário” e o Museu “Usos e Costumes”, que atualmente é exaltado pelo Círculo Trentino como o único museu trentino existente no Brasil, tendo o dia sido encerrado com um Baile Municipal. Nos dias 8,9,10 e 13, foram providenciados *pratos típicos* da região (o jornal não menciona qual foi o cardápio), e durante toda a semana ocorreram competições esportivas como: corrida de bicicleta, corrida de tamancos, esporte entre gordos, magros e casados, entre outras provas. No dia 13 ocorreu o *Baile do Chopp* (grifo meu); sendo que o encerramento dos festejos se deu no dia seguinte com a realização de uma Missa Campal e de um desfile escolar com carros alegóricos, onde a atração principal foi um grupo que representou os imigrantes carregando nas costas sacos com espigas de milho.

Um depoente lembra que durante os festejos,

“houve muito envolvimento, porque teve gincana, a população ficou até surpresa porque nunca haviam feito uma manifestação, lógico não só pelo centenário, mas pelo desenvolvimento que houve de poder falar o italiano, que não era vergonha, que isso era bom, ter os trajes, etc. Isso ia sendo esquecido principalmente pela juventude. Até os 20-

---

<sup>60</sup> Durante as festividades em comemoração ao centenário foram publicados livros em praticamente todas as cidades que receberam emigrantes. Assim, em Acurra, Rodeio, Rio dos Cedros, Nova Trento foram publicadas pequenas obras que contêm os aspectos geográficos, culturais e demográficos do momento. Na apresentação do Livro de Rodeio, os autores mencionam alguns dos atributos que consideraram pertinentes ao italiano: “*Este nosso trabalho é uma justa homenagem ao povo de Rodeio (...) povo bom, hospitaleiro, laborioso e católico.*” O interessante é que esses critérios de diferenciação são os mesmos reivindicados atualmente por membros do Círculo Trentino. Ver: BERTOLDI, José e SCOTTINI, Guido. **Rodeio 1875 – 1975: aspectos de sua história e de sua gente**. Blumenau, 1975.

25 anos o pessoal não participava mais disso, achava que isso era coisa de velho. Coisa do nonno e da nonna”.<sup>61</sup>

Ainda durante as comemorações foi composto por Azuir Fiamoncini e Omiro F. da Silva o hino do Centenário, que de acordo com os autores do *Livro de Rodeio* “(...) faz renascer de todos os corações a justa homenagem ao nobre povo rodeiense, ao verde vale altaneiro e aos bons heróis que vieram do além-mar”.<sup>62</sup> Eis o hino:

*Meu recanto brasileiro,  
Verde vale altaneiro      Estribilho  
Grande sol do amanhã!*

*Ó Rodeio, um canteiro  
De um povo nobre, Irmão.  
Ó recanto, meu encanto  
Que compõe nossa nação.*

*Lá do além-mar vieram,  
Bons heróis antepassados,  
Novo lar bom e seguro.  
A construir um futuro,*

*Ora em ti vislumbramos  
Das montanhas o teu verde  
E dos arrozais o ouro,  
Que alegres nós cantamos.*

*O passado abriu a pista,  
Povo teu da tradição,  
E hoje temos à vista  
Uma nova geração.*

Como se pode ver, o mito do herói desbravador é fortalecido nas festividades do centenário. Nessa mesma direção, percebo as visitas do governador do Estado, Antônio Carlos Konder dos Reis, e da comitiva de italianos composta por políticos e religiosos, que sem dúvida foram os acontecimentos mais marcantes dos festejos. A este propósito referem-se os dizeres retirados do Jornal de Santa Catarina: “(...) advindos especialmente para as comemorações, engalanam o cenário festivo de Rodeio, (...) brinda à altura os atuais

<sup>61</sup> Depoimento de José (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2001.

<sup>62</sup> BERTOLDI, José e SCOTTINI, Guido. Op. Cit., p4.

descendentes dos desbravadores italianos e rememora com ufania e reverência o destemor dos arautos da colonização”.<sup>63</sup>

Todavia, a extensa programação não deixou esconder o quanto latentes eram naquele momento as ações em torno da (re)invenção da italianidade em Rodeio. Com exceção do Grupo Folclórico, que fez uma de suas primeiras apresentações (canto), e do Grupo Teatral de Rodeio, que encenou uma peça enfatizando os *velhos* costumes, o restante das celebrações ficou a cargo de bandas de São Bento do Sul, Cascavel e Blumerau. Nessa perspectiva, o “Baile do Chopp”, bem como a contratação de bandas de outras cidades, revela o caráter incipiente desse processo de (re)invenção. Por outro lado, foi a partir desse marco comemorativo que surgiram em Rodeio inúmeros veículos de divulgação que vêm afirmando e negociando essa identidade. Entretanto, cabe ressaltar a não linearidade deste processo, porque a criação do Círculo e das festas, os intercâmbios culturais e financeiros com a Itália, não se deram instantaneamente após o centenário.

Essas primeiras manifestações foram realizadas principalmente por um grupo muito restrito de moradores da cidade, formado inicialmente por mulheres ligadas a empreendimentos sociais que criaram o Grupo Ítalo-folclórico em 1975. A partir da comemoração do centenário - de acordo com depoimentos de integrantes do Círculo Trentino - essas pessoas começaram a visitar moradores idosos da cidade no intuito de escutar músicas antigas e escrever as letras. Após a compilação e ensaio destas músicas, em 1977 o grupo recebeu convites para cantar em Curitiba, Blumenau, Florianópolis, Rio do Sul e Ibirama. Um de seus participantes lembra sobre as primeiras viagens que o grupo fez, sobretudo para o Oeste de Santa Catarina: “(...) tinha certas localidades (...) principalmente os velhinhos eles choravam de alegria e tristeza. Alegria por nós trazermos de volta a recordação deles àquelas músicas de quando eles eram crianças, e tristeza por terem parado de cantar”.<sup>64</sup> Esse sentimento de pioneirismo com relação a *revitalização* da “identidade italiana” em Santa Catarina irá percorrer toda a trajetória destas entidades.

Já em 1978, o grupo lançou um livro: “Canta che ti passa” com 22 canções compiladas por Iracema Moser. E em novembro de 1979 oficializa-se enquanto entidade, contando então com 35 membros. Assim surge o GIBRAC<sup>65</sup> (Grupo Itálo-Brasileiro de Arte

<sup>63</sup> **Jornal de Santa Catarina**. Domingo e Segunda-feira 7 e 8 de Dezembro de 1975, p 2. Não consta nome do autor.

<sup>64</sup> Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.

<sup>65</sup> De acordo com um depoente em praticamente todos os lugares que o GIBRAC se apresentou surgiram grupos de música italiana. Idem.

e Cultura) que, conjuntamente ao Círculo Trentino<sup>66</sup> (fundado em 1987) e se confundindo com este, irá fomentar as principais diretrizes desse processo de (re)invenção da italianidade.

## 2 – GIBRAC e Círculo Trentino: condutores da italianidade

De acordo com um informativo<sup>67</sup>, o grupo GIBRAC é pioneiro na difusão da música italiana no Estado de Santa Catarina. A entidade já recebeu diversas qualificações: menção honrosa da assessoria cultural do Governo de Trento, uma cadeira para a consulta provincial da emigração, e ainda um diploma de inserção no rol dos coros trentinos da Itália. O texto traz também as características que considera pertinentes ao grupo: alegria, descontração, simpatia, responsabilidade e integração na nacionalidade brasileira, salientando que, se a Itália é a pátria de origem, o Brasil é o “berço de milhares de descendentes de europeus”.

Nesta perspectiva, o Grupo Folclórico que se transformou no GIBRAC em 1979, e o Círculo Trentino que surgiu em 1987 reúnem pessoas que têm como “líder” a professora Iracema Moser Cani<sup>68</sup> vêm estimulando diferentes empreendimentos com o intuito de assegurar e moldar uma identidade trentina-italiana para cidade. É justamente neste sentido que percebo os escritos contidos no jornal quinzenal “O Corujão” a partir de 1977. A coluna “La Civeta Dei Rodeloti”, inaugurada em 1978, propõe-se a:

“(...) fazer o possível de estabelecer um elo entre a geração passada e a presente. Trata-se de trazer de volta a originalidade, a graça, a alegria, a espirtuosidade das velhas histórias, velhos costumes, brincadeiras, nomenclatura familiar, pequenas entrevistas com pessoas que gostam de mostrar “o antigamente” um pouco daquilo que envolve a memória italiana de nossa gente.”<sup>69</sup>

<sup>66</sup> Segundo Lucas, o CT fora criado já em 1976 mas apenas no papel, eles trabalhavam com o nome de GIBRAC até 1987 quando o CT foi oficializado, então para ter “(...) não digo vantagens, mas mais aceitação de lá, o GIBRAC se associou ao Círculo”. Idem.

<sup>67</sup> **Círculo Trentino di Rodeio e GIBRAC**. Documento mimeografado sem data e autoria.

<sup>68</sup> De acordo com a revista “Insieme”, Iracema Moser Cani foi a primeira e única pessoa a exercer o cargo de Consultora dos Círculos Trentinos do Brasil, por um período de mais de dez anos. Revista “**Insieme**” nº29 – Fevereiro de 2001, p 8-9.

<sup>69</sup> CANI, Iracema Moser. Jornal “**O Corujão**”. Maio A/1978, p 5.



Contudo, antes de prosseguir com a trajetória dessas entidades, uma digressão faz-se necessária. Tudo leva a crer que existia naquele momento uma aproximação da maneira pela qual as pessoas conduziam o “resgate” cultural das “tradições italianas” com os discursos dos intelectuais folcloristas do Estado. Ao longo da segunda metade do século XX, paulatinamente o governo estadual de Santa Catarina buscou incrementar os estudos relativos à *cultura catarinense*.<sup>70</sup> Assim, o governador Irineu Bornhausen (1951 – 1956) deu os primeiros passos visando valorizar o *catarinensismo*.<sup>71</sup> De acordo com Teobaldo Jamundá, um acontecimento ímpar neste sentido foi a criação do Departamento de Cultura durante o governo de Heriberto Hulse (1958 – 1961). No final da década de 60, este projeto toma fôlego com a criação do Conselho Estadual de Cultura (1968) e no ano seguinte, o Departamento de Cultura percorreu diversas cidades do interior do Estado promovendo cursos de “Fundamentos da Cultura Catarinense” onde “(...) ativou a procura dos assuntos culturais, notadamente catarinenses”.<sup>72</sup> O ano de 1969 ficou também marcado pela instituição, durante o governo de Ivo Silveira (1966 – 1971) do “Dia do Folclore”, e a retomada dos boletins da *Cultura Catarinense de Folclore*. Com relação ao “folclore italiano” a partir de 1975, foram publicados alguns artigos que incluíam as apresentações de danças *típicas*, as festas, a culinária e os jogos.<sup>73</sup>

De acordo com Renato Ortiz<sup>74</sup>, foi na segunda metade do século XIX que os estudiosos da cultura popular se consideraram “folcloristas”. A palavra *folk lore* (o saber do povo), cunhada na Inglaterra em meados do século XIX, foi rapidamente disseminada entre os estudiosos das “tradições populares”. Influenciados pelo positivismo de Auguste Comte e pelo evolucionismo de Herbert Spencer, os folcloristas acreditavam levar esclarecimento

---

<sup>70</sup> A Comissão Catarinense do Folclore foi criada em 1948, com o intuito de desenvolver pesquisas sobre o folclore catarinense. Contudo, o Boletim desta comissão ficou sem ser editado durante os anos de 1959 a 1969. Após a instauração do “dia do folclore” por falta de recursos para pesquisas, a Comissão Catarinense estendeu as pesquisas folclóricas às escolas do 1º e 2º graus do Estado. É interessante pontuar que a manifestação considerada marco oficial no “resgate das tradições italianas” pelo Círculo Trentino, aconteceu no ano de 1966 em função da “semana do Folclore”. Ver: **Boletim da Cultura Catarinense de Folclore**. Ano XXIX nº43-44 1991/1992, p25.

<sup>71</sup> JAMUNDÁ, Teobaldo Costa. **Catarinensismo**. Florianópolis: Ed. UDESC – Edeme, 1974.

<sup>72</sup> Idem, p153.

<sup>73</sup> Idem, p96-97.

<sup>74</sup> Segundo Ortiz, os folcloristas e os românticos foram os primeiros a sistematizar uma reflexão sobre a tradição popular. Para o autor, os românticos são os responsáveis pela fabricação de um popular *ingênuo, anônimo, espelho da alma nacional*, enquanto que os folcloristas são os seus continuadores, tendo o positivismo como um modelo de interpretação. Os folcloristas preocupados com as mudanças em curso (crescente industrialização, invenções tecnológicas, etc) buscaram “resgatar” as tradições populares. Ver: ORTIZ, Renato. **Cultura Popular: Românticos e Folcloristas**. São Paulo: Editora Olho d’Água, 1992.

científico ao domínio popular.<sup>75</sup> Para o estudioso do folclore, o “primitivo” era o testemunho da tradição, sobretudo por perceber o povo como um verdadeiro relicário, fonte de achados, hábitos, pensamentos e costumes perdidos que precisavam ser resgatados.<sup>76</sup> Uma crítica interessante feita por Ortiz, é de que o folclorista “(...) vive uma fantasia realista em relação a seu objeto; ele o imagina como independente de quem o construiu. Animada por sua existência autônoma, a tradição se assemelha à consciência reificada, descrita por Marx, transcendendo os que a criaram.”<sup>77</sup>

Guardadas as devidas proporções, a idéia de “resgate cultural” aparece nos discursos dos folcloristas catarinenses e também se assemelha aos que eram proferidos pelos que fomentavam uma (re)invenção da italianidade na cidade de Rodeio. Tal qual os estudos empreendidos na Europa no final do século XIX, os folcloristas catarinenses atuantes na segunda metade do século XX buscavam “resgatar” e divulgar a cultura popular catarinense.<sup>78</sup> Numa direção próxima, o “Grupo Ítalo-Folclórico” estava empenhado em “resgatar” uma “identidade italiana”, pesquisando junto às pessoas mais velhas os antigos hábitos e costumes da população local. Assim, o “resultado” desse “resgate” está também visível em praticamente todos os números do jornal “O Corujão” em que a coluna “La Civeta” se faz presente. Desta forma, os artigos publicados nessa coluna trazem informações a respeito da Província de Trento e de antigos hábitos dos imigrantes que estão se perdendo ou já se perderam no tempo; como as confraternizações familiares que se davam aos domingos, as festas religiosas, jogos como o “*sasset*”, etc. Uma outra preocupação constante é com a manutenção do dialeto trentino. Enfim, é possível vislumbrar um saudosismo e uma crescente preocupação em se “resgatar a cultura italiana” e (re)construir uma memória da cidade.

Cabe salientar que parte dos folcloristas catarinenses, ao longo da década de oitenta, manifestaram-se contrários ao *turismo étnico* que vinha sendo fomentado no Estado, sobretudo por acreditarem que o folclore se realiza no anonimato da cultura popular

<sup>75</sup> Ibidem. A distinção crucial apontada por Renato Ortiz entre os folcloristas e os românticos está na maneira pela qual foram conduzidos os estudos sobre as tradições populares. A principal crítica aos românticos era em razão de muitas vezes apresentarem tradições adulteradas e diluídas pelo maneirismo literário.

<sup>76</sup> Idem, p39.

<sup>77</sup> Idem, p47.

<sup>78</sup> O conceito de folclore corrente em 1996, divulgado no VIII Congresso Brasileiro de Folclore preconizava que este era o conjunto “(...) das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação na manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes (...)”. **Boletim da Cultura Catarinense de Folclore**. Ano XXXII nº48. Dezembro de 1996.

espontânea, tem épocas próprias e se manifesta de acordo com as necessidades de cada grupo e não porque a cidade vai receber a visita de turistas. Essas apresentações de tradições populares não “espontâneas”, tais como as realizadas por grupos de dança, são nomeadas de “para-folclóricas”.<sup>79</sup> Contudo, um olhar atento facilmente percebe as contradições presentes nesses discursos, pois uma grande parte das manifestações e afirmações identitárias que apareciam nos boletins estava também vinculada às festas de suas cidades, tendo em vista o turismo cultural. Um exemplo disto é que em um Boletim da Comissão aparece conjuntamente uma crítica às festas do Vale do Itajaí (Oktoberfest e variantes) e um artigo sobre a festa “La Sagra” que, ao contrário da Oktoberfest, é vista como festa folclórica.<sup>80</sup>

Atualmente, embora a direção do Círculo Trentino seja favorável ao “resgate da cultura italiana”, vem se distanciando da concepção de folcloristas como Nereu do Vale Pereira. Tal distanciamento é percebido nas seguintes palavras:

“Houve muita dificuldade, mas também houve um grande amadurecimento, e, graças a isso, “a época do folclore” já é coisa do passado. Hoje, segundo Iracema, a cultura entra como um canal para o desenvolvimento de negócios. O próximo passo será proporcionar oportunidade a pequenos empresários, mesmo já em idade madura, de irem à Itália para especialização e enriquecimento tecnológico.”<sup>81</sup>

Assim, a construção de uma “memória da cidade” amparada em uma identidade *trentina-italiana* está também relacionada às oportunidades de negócios oferecidas pela Província Autônoma de Trento. Em outras palavras, os projetos de italianidade surgem como uma alternativa extremamente atraente para o incremento da indústria e do comércio local.<sup>82</sup>

Tal afirmação pode ser pensada através da obra de John R. Gillis que, ao refletir sobre memória e identidade salienta o caráter seletivo das mesmas. Advertindo o leitor que são elas “(...) inscritíveis em vez de descritivas, servindo a interesses particulares e posições

<sup>79</sup> PEREIRA, Nereu do Vale. “Do Fato Folclórico e do Fato Turístico”. In: **Boletim da Cultura Catarinense do Folclore**. Ano XIX nº34 dezembro de 1981, p8-9.

<sup>80</sup> **Boletim da Cultura Catarinense do Folclore**. Ano XXIX nº43-44 1991/1992. p27.

<sup>81</sup> Revista **Insieme** nº29. Fevereiro de 2001.

<sup>82</sup> Um trabalho bastante interessante que ressalta esta problemática é o de SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

ideológicas. Assim como a memória e a identidade se apoiam, elas também mantêm certas posições subjetivas, limites sociais e, é claro, poder”.<sup>83</sup> O mesmo autor alerta ainda para o fato de frequentemente concebermos identidade e memória como algo imutável, dando às mesmas o status de objetos materiais. Tal concepção acaba por encobrir que tanto a identidade como a memória não são fixas e primordiais. Assim, mais importante do que afirmar uma seletividade na construção de uma memória, é imprescindível reconhecer quais elementos foram pinçados ou inventados e quais foram excluídos, buscando analisar os interesses materiais e simbólicos que perpassam tal construção. Para tanto, considero fundamental mapear as estratégias e táticas empreendidas pelos integrantes do Círculo Trentino e GIBRAC em torno desta (re)invenção.

Após a comemoração do centenário, as relações com a Província Autônoma de Trento ficaram bastante adormecidas. Apenas em 1978, através de um convite formulado por Guido Lorenzi, assessor de atividades culturais da Província Autônoma de Trento e responsável pela delegação que visitou o Brasil durante as festividades do Centenário da Imigração, os prefeitos de Rodeio, Nova Trento, Ascurra e Rio dos Cedros foram à Itália. Este acontecimento foi registrado com as seguintes palavras:

“A procura nos arquivos poeirentos das canônicas, de certificados de batismo e de casamento, o encontro de pessoas admiradas a ver tão ilustre visita, portadora da história dos antepassados, que há 100 anos desbravaram uma grande área do Estado de Santa Catarina, excedeu de modo excepcional o impacto emocional do encontro com o povo de Trento, seus irmãos.”<sup>84</sup>

Durante 20 dias a delegação foi recebida com inúmeras solenidades, presença da imprensa escrita e televisiva, deputados, banda de música, coral, e ainda pelo prefeito e o arcebispo da Província. Embora tenham sido realizados contatos com os dirigentes de Trento, tudo sugere que foi somente em 1980, quando um grupo de três pessoas de Rodeio - entre elas Iracema Cani, então diretora artística do GIBRAC - visitou a Itália, que as relações entre a cidade e a Província de Trento foram intensificadas.<sup>85</sup> De acordo com o

---

<sup>83</sup> GILLIS, John R. Op. Cit., p2.

<sup>84</sup> Conforme: VICENZI, Victor. **História e Imigração Italiana de Rio dos Cedros**. Blumenau: Editora Odorizzi, 2000.

<sup>85</sup> A viagem aconteceu em setembro de 1980, com a participação de 8 pessoas: P. Victor Vicenzi, Dr. Telmo Nunes Bastos e senhora (Rio dos Cedros); Iracema Moser, Flávio Betti da Cruz e Mirtes Rigo da Cruz

jornal “O Corujão”, Iracema foi buscar estabelecer um intercâmbio cultural entre Trento e Rodeio, procurar as origens de algumas famílias, bem como pesquisar o folclore e a língua. Ainda de acordo com este jornal, a viagem da professora foi custeada por várias entidades, firmas e amigos.<sup>86</sup>

Esta tentativa, ao que parece, obteve resultados. Isto porque em agosto de 1981 a cidade de Rodeio recebeu novamente a visita de Franco Fronza - presidente da Associação Trentini nel Mondo, e que já havia estado presente no Centenário - e de Ricarda Lorenzi (professora e responsável pelo turismo). Segundo o jornal “O Corujão”, os “ilustres trentinos” visitaram as *famílias tradicionais* de Rodeio e foram recebidos com muita pompa, principalmente nos jantares e almoços oferecidos. Em contrapartida, presentearam Rodeio com uma escultura em madeira e uma xilogravura de São Virgílio; uma gravura da principal praça de Trento e uma pintura desta cidade antes de 1500.

Nestes primeiros anos após o centenário, o GIBRAC se limitava às suas apresentações musicais e as eventuais Seratas Folk (noites folclóricas). Todavia, as iniciativas empreendidas pelo grupo foram sempre permeadas por inúmeras disputas. Em setembro de 1982 aparece uma notícia no jornal local comentando a respeito do dia do folclore: “(...) embora que, aqui, em Rodeio, o Grupo Folclórico não seja tão VALORIZADO, e isso talvez por “ciuminhos”, fora, onde nos apresentamos, o sucesso é cada vez maior (...)”. E em dezembro de 1983, outras discordâncias foram noticiadas:

“Elementos ALHEIOS a nossa Comunidade e ao GIBRAC procuram, na sua ignorância, criar problemas entre o GIBRAC e o CORUJÃO. (...) É lamentável que um Artigo como: NOSSA GENTE não seja publicado por motivo desse incidente.” E ratifica: “(...) mesmo que o “CORUJÃO” tenha que se “separar” do Gibrac, por ordens superiores, ele NÃO VAI MORRER.”<sup>87</sup> (grifos do autor).

---

(Rodeio); Professora Maria Karin Schmidt e Jaime Fiamoncini. Informações obtidas: VICENZI, Victor. “Excursão Cultural a Trento – Itália – I”. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XXII nº1 janeiro de 1981, p4.

<sup>86</sup> Jornal “O Corujão”. Setembro de 1980.

<sup>87</sup> A coluna “Nossa Gente” era escrita por Iracema Moser Cani. Esta coluna voltou a ser editada em março de 1984. Naquele momento o grupo folclórico era composto por 32 pessoas. Jornal “O Corujão”. Dezembro de 1983, p3.

Ocorre que no jornal “O Corujão” a coluna “A Cidadela” frequentemente trazia críticas à administração municipal.<sup>88</sup> Essas escaramuças aparecem ainda no convite por ocasião da comemoração do décimo aniversário do GIBRAC: “Espero que, nessa vez, nossas autoridades se façam presentes independentemente de secções políticas, pois o GIBRAC é apolítico.”<sup>89</sup> No ano seguinte, o Jornal “O Corujão” deixou de circular. Em 1987 surgiu outro informativo intitulado “Folha de Rodeio”, anexado ao jornal “Diário do Litoral”, de Itajaí, que circulou durante por pouquíssimo tempo. Do início do ano de 1988 até 1989, circulou na cidade o jornal “Folha Trentina” que, assim como a “Folha de Rodeio”, também teve como redator o antigo proprietário do jornal “O Corujão”. Apenas em 1990 “O Corujão” volta a ser editado, permanecendo até os dias atuais.<sup>90</sup>

Essas disputas envolvendo o GIBRAC e o jornal “O Corujão” surgem desde o início de seus trabalhos. Contudo, elas se tornam mais acirradas na medida em que ocorreram mudanças na política local<sup>91</sup>, bem como quando se intensificaram os intercâmbios culturais e principalmente os financeiros com a Província Autônoma de Trento. No que se refere aos intercâmbios, eles ocorreram mais vigorosamente a partir da segunda metade da década de oitenta quando, em 1987<sup>92</sup>, a Província Autônoma de Trento financiou a ida de três rapazes de Rodeio para a Itália a fim de capacitá-los em zootecnia e vitivinicultura durante dois anos no Instituto San Michele. Ao mesmo tempo foi implementado o *soggiorno*<sup>93</sup> (viagens culturais), que passou a acontecer anualmente.

Essas e outras iniciativas da Província Autônoma de Trento acabaram por fortalecer o Círculo Trentino, que oficialmente passou a direcionar e a escolher as pessoas que participaram dessas oportunidades, conferindo à entidade um grande poder de decisão. Soma-se a isto a nomeação, em 1989<sup>94</sup>, de Iracema Moser Cani como Secretária de Cultura

---

<sup>88</sup> Cabe ressaltar que os depoentes se negaram a comentar os acontecimentos daquele momento. As informações obtidas foram adquiridas apenas através do Jornal “O Corujão” que tinha como editor um membro do GIBRAC. Nessa direção, é possível que as informações possam estar distorcidas, ou vista sob um só ângulo. A Prefeitura Municipal de Rodeio durante os anos de 1983-1988 teve como prefeito: Antônio José Venturi (PMDB) que é também o atual prefeito da cidade.

<sup>89</sup> Jornal “O Corujão”. Agosto de 1985, p3.

<sup>90</sup> No ano 2000 foi inaugurado o jornal “Alternativo” que claramente se posiciona de maneira contrária ao Jornal “O Corujão”.

<sup>91</sup> Em 1989, com a vitória do candidato Hélio José Fiamoncini (PDS) para o cargo de prefeito, o PMDB que estava na Prefeitura se torna oposição.

<sup>92</sup> Curiosamente este é o ano de institucionalização do Círculo Trentino de Rodeio.

<sup>93</sup> Tratavam-se de viagens culturais financiadas pela PAT destinadas exclusivamente aos descendentes trentinos. Segundo informações cerca de 30 pessoas de Rodeio participaram delas.

<sup>94</sup> A atuação da professora Iracema Moser Cani na Secretaria de Turismo se fez durante os mandatos dos prefeitos: Hélio José Fiamoncini 1989-1992 (PDS); Flávio Betti da Cruz 1993-1997 (PFL) e novamente Hélio José Fiamoncini (PFL)1997-2000.

e Turismo. As disputas materiais e simbólicas suscitadas por este contexto serão melhor pontuadas no capítulo seguinte, por ora, esclarecerei os principais investimentos financeiros e culturais realizados pela Província Autônoma de Trento e os seus desdobramentos.

O *soggiorno* foi oferecido pela Província de Trento ao longo da segunda metade da década de oitenta e início da década de noventa, para jovens entre 18 a 30 anos, descendentes dos imigrantes do Trentino. Ofertando uma estadia de vinte dias, a finalidade era,

“(...) participar de um programa de instrução e visita a lugares importantes da história da emigração (...) sobretudo uma séria intenção de inculcar nos jovens a preservação da sua identidade cultural. (...) a importância e a necessidade de manterem vivos os laços entre o passado, o presente e o futuro.”<sup>95</sup>

De acordo com o jornal “Folha Trentina”, os requisitos eram: comprovação da origem trentina, boa formação, capacidade de entrosamento e integração, curso de Língua Italiana ou falar fluentemente o dialeto, pertencer ao Círculo Trentino e participar do movimento de cultura italiana. Os municípios contemplados naquele ano em Santa Catarina foram: Rodeio (2 vagas), Nova Trento (2 vagas) e Rio dos Cedros (1 vaga).<sup>96</sup> Analisando os “requisitos”, é possível afirmar que alguns dos critérios de seleção foram subjetivos, com exceção da origem trentina e da obrigatoriedade de pertencer ao Círculo, o que de certa maneira já restringia e muito os possíveis candidatos.

Os projetos *vinho e leite* tiveram início, como já mencionei, com o envio de três pessoas a San Michele (Trento) em 1987 por um período de dois anos para cursar vitivinicultura e zootecnia. Em abril de 1988, o jornal “O Corujão” publica uma carta enviada por Renzo Grosselli pesquisador da emigração italiana para o Brasil.<sup>97</sup> Na carta, Renzo comenta que “(...) não é o passaporte que faz o homem, mas é a cultura. E a cultura

---

<sup>95</sup> Jornal “**Folha Trentina**”. Julho de 1988, nº 37. p7 Este jornal surgiu em 1988 anexado ao jornal “Diário do Litoral”, sob a direção de Albery Narciso Finardi, tendo como redator Geraldino José Ochner editor do jornal “O Corujão”.

<sup>96</sup> Idem.

<sup>97</sup> Renzo Grosselli tem publicado várias obras sobre colonização italiana. Para tanto, permaneceu no Brasil durante os anos de 1983/84. É considerado pelo Círculo Trentino um grande incentivador dos intercâmbios realizados entre a PAT e as cidades catarinenses. Renzo fez também a doação para o Círculo Trentino do acervo do atual Museu “Usos e Costumes” que havia adquirido de Natal Trevisani.

do pessoal de Rodeio ainda tem muito a ver com a cultura alpina do Trentino”.<sup>98</sup> Sinaliza também que estava providenciando os trajés típicos do trentino. Por último, Renzo alerta para que o GIBRAC ficasse próximo dos três rapazes que estavam em Trento, enfatizando a importância deste projeto para a cidade de Rodeio.

No mês de outubro daquele mesmo ano foram enviados mais cinco rodeenses para o Instituto San Michele. Ao todo, segundo Iracema Moser Cani, dez jovens estudaram no San Michele.<sup>99</sup> Passados três anos, as pessoas que estudaram no Trentino deram início em Rodeio a construção de uma cantina, a “Vinícola San Michele”, cujo término estava previsto para dezembro de 1991, e a primeira vinificação para janeiro de 1992. Em novembro de 1990 uma delegação trentina esteve em Santa Catarina para firmar o Convênio de Instalação da Cooperativa Vinícola com as cidades de Rodeio e Nova Trento. De acordo com o “Jornal do Médio Vale”<sup>100</sup> a construção começou em maio de 1991 em um terreno doado pela família de Marcelo Sardagna. Foram também empregados recursos da Prefeitura Municipal de Rodeio (cerca de 32 mil dólares, bem como a mão-de-obra) e ainda da Província Autônoma de Trento que providenciou os equipamentos a um custo aproximado de 80 mil dólares. No mês de outubro de 1991 uma delegação trentina visitou novamente a cidade com o intuito de conhecer a obra já em construção.

Nos dois anos seguintes teve início a implantação do projeto “leite” e em 1994, várias cidades brasileiras receberam a visita de uma nova delegação da Trentini nel Mondo, a fim de proceder contatos com os Círculos Trentinos e avaliar os diversos projetos em implementação. No período de 13 a 16 de novembro de 1997, foi realizado em Rodeio o I Congresso dos “Protagonistas dos Projetos de Cooperação Internacional financiados pela Província Autônoma de Trento na América do Sul”. Estiveram presentes cerca de 70 congressistas diretamente envolvidos com os projetos implementados ou em fase de implementação. Os principais objetivos do encontro foram a troca de experiências; a verificação dos 12 projetos em curso na América do Sul e as expectativas em relação a Trento. O debate girou em torno do cooperativismo e do associativismo, a inserção dos projetos na comunidade local e o relacionamento da mesma com as autoridades governamentais. Neste mesmo congresso foi assinado um convênio entre o então governador do Estado de Santa Catarina, Paulo Afonso Evangelista Vieira, com a Província Autônoma de Trento representada pelo presidente da junta provincial, Carlo Andreotti. A

---

<sup>98</sup> Jornal “Folha Trentina”. Abril de 1988, nº35 p7.

<sup>99</sup> Jornal “O Corujão”. Outubro de 1990, p5.

<sup>100</sup> **Jornal do Médio Vale** (Timbó). 16 de setembro de 1994, p18.



Província comprometeu-se em desenvolver iniciativas de caráter cultural e econômico em benefício das comunidades de descendentes trentinos e, para tanto, seus dirigentes e o Governador do Estado resolveram reforçar as relações formalizando um protocolo de intenções.<sup>101</sup>

Os acompanhamentos e supervisões dos projetos aconteceram e ainda acontecem praticamente todos os anos. Nos três últimos, a ênfase tem sido dada aos projetos ligados à vitivinicultura. Com o apoio de entidades estaduais e federais como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), juntamente com as Vinícolas Trentinas Catarinenses, em especial a Vinícola San Michele (Rodeio), paulatinamente vem se procurando aprimorar a qualidade dos vinhos produzidos. A partir de fevereiro de 1999, o projeto intitulado “Tecnologia de propagação *in vitro* e produção de mudas de videira” tem intensificado pesquisas utilizando técnicas biotecnológicas de multiplicação *in vitro* para matrizes básicas de variedades nobres e resistentes às pragas, que são provenientes do Instituto San Michele (Trento). Isto porque, o vinho produzido pela vinícola San Michele (Rodeio) é feito a partir de uvas provenientes do Rio Grande do Sul, pois as uvas que se plantam em Rodeio são de mesa, não resultando num vinho de boa qualidade.<sup>102</sup>

O que realmente importa notar nesses projetos financiados pela Província Autônoma de Trento não é tanto o processo de implantação dos mesmos, mas sim o fato de terem escolhido investir na vitivinicultura e em laticínios. É relevante assinalar que o vinho, o queijo e salame, amplamente produzidos na Província de Trento, são considerados ícones alimentares do que se pretende afirmar enquanto pertinentes à identidade italiana. A pesquisa realizada pela antropóloga Raquel Mombelli revela que o vinho é visto como purificador e fortalecedor do sangue.<sup>103</sup> Esta concepção é percebida ainda em um artigo publicado no Jornal “O Estado” em março de 1985:

“(…) Beber vinho não é apenas um ato de colocar no copo e ingerir. É mais do que isso. É uma cerimônia repetida todos os dias pelos descendentes italianos que jogam a “mora” e a “botcha” no almoço e

<sup>101</sup> Jornal “O Corujão”. Novembro de 1997, p13-15. Ver Protocolo de Intenções em Anexo.

<sup>102</sup> Revista “Insieme”, nº34 setembro de 2001.

<sup>103</sup> Ver: MOMBELLI, Raquel. **Mi soi talian gracia a dio: identidade étnica e separatismo no oeste catarinense**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFSC, 1996.

no jantar, onde cada pessoa consome em média, de 1 a 2 garrafas de vinho seco por dia da própria adega. (...) mas a uva de Rodeio não apresenta a mesma qualidade e por isso precisa ser adocicada.”<sup>104</sup>

Contudo, a escolha de investir nestes produtos provocou alguns descontentamentos. A justificativa é de que além desse tipo de investimento ter favorecido um grupo muito restrito, os projetos financiados deveriam ter contemplado os gêneros alimentícios produzidos na cidade. A fala abaixo exprime essa insatisfação:

“Podiam fazer mais coisas, com todo o dinheiro que investiram lá, num lugar só ajudando poucas pessoas também, podiam ajudar uma comunidade. Já que Rodeio é uma cidade onde se produz arroz, banana, eu achava melhor fazer tipo uma cooperativa, para ajudar os colonos, com máquinas, produtos, coisas assim.”<sup>105</sup>

Assim como os projetos *vinho* e *leite*, outros setores da cidade receberam apoio financeiro para o desenvolvimento de uma identidade trentina-italiana na ótica do Círculo Trentino e da Trentini nel Mondo, como por exemplo a alimentação servida na festa “La Sagra”, da qual trataremos nas próximas páginas. Ou ainda, a vinda no ano 2000 de membros do Grupo Folclorístico de Castello Tesino (paese de Trento), a fim de ensinarem danças trentinas e, em agosto de 2001, com o envio de dois casais de dançarinos e um gaiteiro de Rodeio para irem à Itália aprenderem outros tipos de danças. Quando o Grupo Folclorístico de Castello Tesino esteve na cidade, foi assinada uma declaração de intenção com o objetivo de estabelecer e de manter vivo o relacionamento e a colaboração com o grupo juvenil do Círculo Trentino.<sup>106</sup> Recentemente, a Província financiou a vinda de um grupo de restauradores que ministraram cursos para descendentes trentinos, e juntos restauraram o afresco da Igreja Matriz São Francisco de Assis de Rodeio.

Na busca de entender essa configuração na qual estão presentes os mais variados tipos de investimentos financeiros e culturais, torna-se imprescindível conceber esse

---

<sup>104</sup> CORREIA, Gilmar. Jornal “O Estado” 10 de março de 1985, p22.

<sup>105</sup> Depoimento de Joana, concedido à autora em Blumenau no dia 28/09/2001.

<sup>106</sup> De acordo com um documento encontrado na web, o Grupo Folclorístico de Castello Tesino tem sua origem nas antigas tradições populares, que vêem a dança como uma importante ocasião para reunir a alegria e interpretar através da música os episódios do cotidiano. A primeira formação “oficial” do grupo nasceu no início do século XX. Contudo, com a Primeira Guerra Mundial o grupo se desintegrou voltando a atuar apenas nos anos 70. [http://www.feltrino.bl.it/iniziativaM2/fogiolo2000/visite\\_spettacoli.htm](http://www.feltrino.bl.it/iniziativaM2/fogiolo2000/visite_spettacoli.htm). Capturado em 03/06/02.

processo de (re)invenção da italianidade enquanto fruto da experiência e dos significados atribuído a ele por este grupo de pessoas. Para a antropóloga Raquel Mombelli,

“no espaço da associação passa a ser definido o que faz e o que não faz parte da cultura italiana, o que deve ou não ser preservado, o que deve ou não ser resgatado. É através delas que a noção de italianidade contemporânea é produzida. E é fundamentalmente através delas que esta italianidade vai ser negociada, afirmada e divulgada para a população.”<sup>107</sup>

Cabe então perceber que a identidade cultural *italo-trentina-brasileira*, assim definida pelo Círculo Trentino de Rodeio, vem se edificando ao longo do tempo a partir de elementos inventados ou restaurados, adquirindo novos significados de acordo com os interesses em jogo. Em Rodeio, uma das principais *vitrines* dessa italianidade é a festa anual “La Sagra”, que encerra muitas das características desse “italiano” que se pretende instituir, e é também nesta festa que é possível perceber algumas das principais inquietações, dissonâncias e contrariedades compreendidas nesse processo de (re)invenção da italianidade.

### 3 – “La Sagra: La Festa della Famiglia Italiana”

Maio de 1979. A coluna “La Civeta” aborda com nostalgia algumas das festas que existiam em Rodeio; as *sagre*, a *bigolada*, *il ferragosto*, a festa de *São Roque*, *Santa Lúcia* e a festa de *San Pròspero*. A autora termina o artigo questionando o que havia restado da *expansividade e do lazer antigo*. (grifos da autora)

O Festival do Vinho, que fora criado no início dos anos 70, havia sido interrompido deste 1975. O que existiu entre 1975 e 1982 foram as “Seratas Folk”<sup>108</sup>, ou seja, noites de programações culturais promovidas pelo GIBRAC. Apenas em 1982 o Festival do Vinho foi

<sup>107</sup> MOMBELLI, Raquel. Op. Cit., p83.

<sup>108</sup> Um exemplo bastante interessante é a programação da “Serata Folk” realizada em 22 de novembro de 1980. Constava: fanfara; conjunto Musical Folk 80; CTG; GIBRAC; Circo Mirim da E. B. Oswaldo Cruz; e a atração máxima ficou a cargo do Grupo Folk Alpino Germânico de Blumenau. No serviço de bar e cozinha: chopp, refrigerante, espetinho, bolinho, pastel, cachorro quente e galinha. Jornal “O Corujão”. Novembro de 1980.

retomado, bem como aconteceu a primeira Festa do Colono.<sup>109</sup> A coluna “A Cidadela”, publicada no jornal “O Corujão” em agosto de 1982,<sup>110</sup> mencionou que embora o Festival do Vinho tenha sido uma festa muito bonita, seria muito melhor que o vinho consumido fosse um vinho da terra. Colocou também que a participação do GIBRAC daria um “colorido todo especial” ao evento.

É possível vislumbrar neste discurso algumas das primeiras idéias que num futuro próximo dariam origem a (re)invenção da “La Sagra”, que se auto-representa como a festa mais italiana do “Vale Europeu”.<sup>111</sup> E, ao falar em (re)invenção da “La Sagra” é imprescindível distinguir dois processos. Em primeiro lugar, é preciso levar em consideração a dinâmica interna da festa, ou seja, o “fazer festivo” que está constantemente se modificando e incorporando práticas e significados até então inexistentes. Em segundo lugar, existe um processo intencional de invenção da festa, visando objetivos lúdicos e/ou turísticos. Assim:

“(…) ao se discutir o processo de **(re)invenção** e de **invenção** das festas é preciso levar em conta não só seu caráter dinâmico, que incorpora transformações, tanto na ordem do contexto quanto na natureza e nas relações com seus atores, mas importa pensar que mudanças são essas, quem as promoveu.”<sup>112</sup>(grifos da autora)

Retomando a gênese da “La Sagra”, algo que chama atenção é o *porque* da escolha dessa festa em detrimento de tantas outras que aconteciam e que hoje já não se realizam. Nos depoimentos colhidos de integrantes do Círculo Trentino/GIBRAC, a resposta foi unânime: a escolha surgiu naturalmente, uma vez que era a festa mais “marcante” da qual todas as famílias participavam. A partir de 1983, a idéia de retomar a “La Sagra” é cada vez mais recorrente. São frequentes os artigos no jornal “O Corujão” que incitam essa retomada. Para tanto, trazem à tona como eram as *sagre* de antigamente. De acordo com Iracema Moser Cani, principal responsável pela criação de uma memória da cidade, o termo “La Sagra” significa uma consagração do santo padroeiro do lugar ao resultado econômico da

<sup>109</sup> A partir dos anos 90 começam a aparecer na cidade alguns grupos de música italiana, encontros de família, etc. Todavia, optamos por evidenciar as manifestações encampadas pelo Círculo Trentino/GIBRAC.

<sup>110</sup> OCHNER, Geraldino. Jornal “O Corujão”. Agosto de 1982, p2.

<sup>111</sup> Essa denominação de “Vale Europeu” para a região do Vale do Itajaí aparece na década de 80, quando surgem os planos de desenvolvimento do turismo étnico que enfatizam uma suposta conservação de traços europeus, não contemplando assim os diferentes grupos que vivem nessa região.

<sup>112</sup> FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000, p103.

produção agrícola do ano, um costume ainda vivo em cada “paese” da Itália. Uma festa sagrada que reúne familiares, parentes, amigos e compadres.

No início da colonização a Sagra maior era chamada de “Sagra da Madona Dolorata” (Nossa Senhora das Dores), a primeira Santa a coroar o altar da igreja. Quando os padres franciscanos chegaram em Rodeio, substituíram a santa padroeira por São Francisco de Assis e a festa passou a ser chamada de “Sagra de San Francesco”, que acontecia no dia 4 de outubro, enquanto que nos bairros, a “sagra” era de acordo com o santo padroeiro da capela.<sup>113</sup> O dia começava com a participação das famílias na *messa grande* (grande missa), e nesse dia as pessoas deixavam de lado o tacho da polenta (considerada comida comum do trabalhador), preparando os melhores pratos da época. O almoço era servido em uma longa mesa de “(...) tábuas largas, toalha alvíssima, pratos e talheres rústicos, e copos onde transbordaria o vinho tinto, forte, geralmente feito em casa”.<sup>114</sup>

A coluna ‘La Civeta’ salienta que a comida servida era a *bigolada* (macarronada pública), *le taiadele* e *galina col pieno* (galinha recheada). Acompanhavam esses dois pratos a carne assada de gado e de porco, cereais, verduras, conservas (palmito- hábito adquirido no Brasil), precedidos do primeiro prato que era sempre uma sopa de galinha. No restante do dia as pessoas permaneciam saboreando vinho e *cerveja*. (grifo meu)<sup>115</sup>

Segundo Iracema Moser Cani, a consolidação da “La Sagra” deu-se no dia 25 de agosto de 1984, com uma manifestação cultural intitulada “La Cena del Nonno”. Contudo, de acordo com o jornal “O Corujão”, foi apenas em 15 de setembro de 1985 (dia da Sagra da Dolorata) que efetivamente ocorreu a revitalização da “La Sagra”, por ocasião do 10º aniversário do Grupo Folclórico GIBRAC. Foi então realizada uma confraternização com uma grande variedade de pratos *típicos*<sup>116</sup>, com direito a apresentação de dança e canto. O

<sup>113</sup> Atualmente as festas dos padroeiros continuam a serem feitas, porém não utilizam mais o nome de “Sagra”.

<sup>114</sup> CANI, Iracema Moser. Jornal “GIBRAC”. Maio de 1983, p 5.

<sup>115</sup> A cerveja na qual se referem é possivelmente a “birra dolza” (cerveja doce), que constantemente aparece nos cardápios da “Sagra” como bebida típica da região, trazida pelos primeiros colonizadores. Em um artigo publicado no jornal local “Alternativo”, o morador Angelo Rozza então com 90 anos de idade, relata que na década de 1940 trabalhou como cervejeiro em Rodeio 32, na época a cervejaria produzia 1600 garrafas ao mês. Jornal “Alternativo”. Ano I. nº9 maio de 2001, p18.

<sup>116</sup> O pratos típicos são em sua grande maioria diversos dos que foram citados anteriormente pela coluna “La Civeta”. Tais como: Supa de sfoiadeti; taiadele al tonco lustro, capussi col pien, riso al tonco d’oro, patat mòre ala vècia, ripieno al sacheton, galina col pien, assato di carne al lardo, pat ala campagnola, entre outros. Jornal “O Corujão”. Setembro de 1985, p 5.

convite para a ocasião sugeria o uso e roupas de antigamente, pois tudo deveria lembrar a tradição.<sup>117</sup>

O evento aconteceu na Sociedade Esportiva Antares, com apresentação da *mais antiga e tradicional* mesa farta intitulada “La Sagra”. Houve uma exposição de fotos da imigração italiana dos municípios de Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros. Foram também expostos 20 quadros de paisagens trentinas, vindos diretamente de Trento, bem como estreado o *novo traje masculino* em estilo trentino. Participaram pessoas de várias cidades vizinhas a Rodeio, e também convidados de Curitiba e Curitibaanos.

A partir dessa (re)invenção, a festa passou a ser realizada anualmente no mês de setembro. A organização em parceria com a Prefeitura Municipal, era feita pelo GIBRAC e posteriormente (1987) com a ajuda do Círculo Trentino de Rodeio. Até 1988 acontecia em uma única noite na Sociedade Antares, e os convites eram limitados e vendidos antecipadamente.<sup>118</sup> Contudo, com o substancial aumento de pessoas querendo participar da festa e a constatação dos excelentes resultados obtidos na cidade de Blumenau com a Oktoberfest, em 1989 ela ganhou um novo espaço e mais nove dias. Para uma maior comodidade, foi construído um complexo intitulado de “Vila Italiana”. Desde o ano de 1989 a festa tem também sua rainha e princesas, que fazem a divulgação do evento em todo o Estado de Santa Catarina. Percebe-se que há uma ruptura não apenas no estilo de festa mas, sobretudo, no sentido desta, uma vez que ela passou a ter outras finalidades. Porém, tal modificação não significa que a festa não fale mais aos moradores, que não mobilize sentimentos e identidades, que não divirta ou ainda não promova a cidade, pois ela permite tudo isto simultaneamente.<sup>119</sup>

Por outro lado, para além do desejo de “retorno às origens”, a (re)invenção da festa “La Sagra” está diretamente interligada ao incentivo ao turismo iniciado em 1983 com o *Plano de Desenvolvimento Turístico do Estado de Santa Catarina*.<sup>120</sup> Durante a década de 1980 o país estava imerso em uma grande crise econômica, e a situação de Santa Catarina

<sup>117</sup> OCHNER, Geraldino. Jornal “**O Corujão**”. Agosto de 1985, p 3.

<sup>118</sup> Essa noite especial ocorre anualmente. De acordo com um depoente, na primeira Sagra, compareceram 150 pessoas. Em uma delas chegou a ir cerca de 800 pessoas, atualmente é limitada para 450 a 500 convidados. No último ano, o valor do ingresso era de 15 reais, incluindo baile e janta. Para essa festa o cardápio é discutido anualmente, onde todo ano são acrescentados dois novos pratos. Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.

<sup>119</sup> Conforme: FANTIN, Márcia. Op. Cit.,

teve a agravante das enchentes nos anos de 1983 e 1984. Diante desse quadro, lideranças empresariais solicitaram ao Governo do Estado um plano visando uma rápida recuperação da economia, tendo este escolhido o turismo, que até então fora pouco explorado na região.

A aplicação do Plano favoreceu a interiorização do turismo em Santa Catarina, fazendo surgir “(...) festas municipais que valorizassem aspectos naturais, históricos e culturais nos municípios”.<sup>121</sup> A primeira *festa típica* realizada no Vale do Itajaí foi a Pomerana na cidade de Pomerode, no início de 1984. Naquele mesmo ano surgiu a Oktoberfest em Blumenau e, nos seguintes, surgiram a Fenarreco em Brusque, Fenachopp em Joinville, Schutzenfest em Jaraguá do Sul, Marejada em Itajaí, Festa do Imigrante em Timbó, Festa Trentina em Rio dos Cedros, Festa Per Tutti em Ascurra, Festa das Tradições em Benedito Novo, entre outras.<sup>122</sup>

A cada ano a festa “La Sagra” incorpora novas atrações que aparecem nos *folders* e programações cada vez mais especializadas em divulgar a *tradição italiana*. No folder da festa realizada em 1990, a ênfase foi dada às comidas *típicas* como lasanha, galinha, polenta, *pizzas*, *churrasco*, salames e queijos (grifos meus). E também às bebidas como licoreto, bonikam (aperitivo preparado com 25 ervas, açúcar queimado e *cachaça*), “birra dolza” (cerveja doce) e o vinho. Conjuntamente às bebidas *tradicionais*, o chopp esteve presente. As competições de “Mora” e “Quaranta Otto” tiveram também seu espaço, assim como o artesanato local e os souvenirs de Rodeio. Ocorreu ainda uma exposição industrial, uma agrícola e outra de “usos e costumes”. Foram duas as bandas musicais que fizeram parte da festa: a Mazzolin di Fiori e o Conjunto Verde Vale, mas que não eram da cidade. Um outro acontecimento importante da festa foi o desfile alegórico pelo centro da cidade, com a participação da *carretèla del vin*, (carroça do vinho) a partir de 1989.

De acordo com o folder de 1994, a “La Sagra” é um momento de reencontros: de amigos, parentes e compadres. É também um lugar de fazer novas amizades. A festa “é o cenário vivo do folclore regional legitimado nas raízes italianas, no dialeto trentino-vêneto, na beleza loira-morena do povo, na multiculinária herdada de um velho fogão a lenha (...)”.<sup>123</sup> É também na festa, “(...) que se vive momentos inesquecíveis, num espetáculo

---

<sup>120</sup> Para saber mais sobre festas étnicas no Estado Ver: ZIMMER, Roseli. “**Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil.**” **Manifestações de germanidade em uma festa teuta-brasileira.** Dissertação de Mestrado em História, UFSC, 1997.

<sup>121</sup> Idem, p50.

<sup>122</sup> Idem, p55.

<sup>123</sup> Folder “**La Sagra**”, 1994.

incomum de danças e músicas que nos reportam aos velhos salões, onde a alegria esfuziante da eterna juventude fica estampada em qualquer idade, daqueles que sabem viver o elo passado-presente-futuro”.<sup>124</sup>

É ímpar notar que elementos pinçados, recriados ou mesmo inventados, coexistem com *tradições* que não são *italianas*. É o caso do chopp, do churrasco e das músicas regionais. Ainda que se busque maquiagem uma autenticidade e permanência de manifestação identitária, não é possível esconder a demanda do próprio público da festa, quer seja ele local ou das cidades vizinhas. A festa tem que ter churrasco, chopp e marchinha.

Tal afirmação ganha amparo em um artigo publicado no “Jornal de Santa Catarina” por ocasião da festa realizada em 1989: “(...) os participantes da festa já consumiram algumas centenas de litros de vinho e chope, bebidas que dividem a preferência dos rodeenses, pois a maioria tem ascendência trentina e conserva traços em comum com os descendentes de alemães da região”.<sup>125</sup> Ou ainda numa justificativa do prospecto de propaganda da “La Sagra” de 1994, para quem “o vinho e cerveja confundem-se gloriosamente entre os gritos festivos de “prosit” e “salute”, no brindar infinito de cálices e copos bamboleantes, insinuando a harmoniosa integração das raças mescladas do povo brasileiro”.<sup>126</sup>

Essa *dissonância* entre a pretensão de ser a festa mais italiana do “Vale Europeu” e ao mesmo tempo congregar elementos como o chopp, churrasco e músicas diversas que não a italiana, é visível também em redações escolares que têm como temática a festa “La Sagra”.<sup>127</sup> Para uma aluna da 7ª série, a “Sagra” é a festa que resgata as tradições italianas, onde crianças, jovens, adultos e idosos, ricos e pobres confraternizam. Prosseguindo, ela enfatiza que “hoje, o tradicional se mistura com o contemporâneo. A comida típica, muitas vezes, dá lugar ao churrasco e ao cachorro-quente, o vinho dá lugar à cerveja.” No entanto alerta: “Apesar disso, nossa festa é a mais italiana do Brasil e nós esperamos que continue assim”.<sup>128</sup>

Através de uma análise dos *folders* da festa pode-se perceber que paulatinamente ocorre uma crescente especialização e uma busca de suplantar essas *contradições*. A festa

---

<sup>124</sup> Ibidem.

<sup>125</sup> **Jornal de Santa Catarina**, 30 de agosto de 1989, p 14.

<sup>126</sup> Folder “**La Sagra**”, 1994.

<sup>127</sup> **Jornal “O Corujão”**. Setembro de 1997, p16.

<sup>128</sup> Idem.



pretende-se cada vez mais *italo-trentina*, sobretudo com o surgimento na cidade, a partir da década de noventa de grupos musicais, coral e dança, que foram inseridos na programação.<sup>129</sup> O prospecto já não sinaliza a existência do chopp, e a ênfase é dada às manifestações consideradas correlatas à cultura *italiana*, como o *teatro*, *folclore*, *dança*, e os *vinhos*, *queijos* e *salames* que agora são produzidos em Rodeio. Ainda com este intuito, o ápice da festa em 2000 foi o sorteio de uma passagem para a Itália com acompanhante.<sup>130</sup>

Naquele mesmo ano aparece no folder da festa o *Inno Della Sagra*, que foi composto por Ludovico Adami. O hino contempla a grande maioria dos elementos que os membros do Círculo Trentino buscam sedimentar na composição dessa identidade. Então vejamos:

*Hino da La Sagra*<sup>131</sup>

*Hoje é dia de ir na missa  
Para agradecer, (bis)  
As graças e as alegrias de uma vida  
Cheia de trabalho, cheia de trabalho!  
Hoje é um dia de festa completa  
Para reencontrar (bis) parentes e amigos  
Que se convidam para festejar, para festejar!*

*Estríb: É a Sagra, é a Sagra uma festa santa  
Bonita festa dos colonos italianos  
É a Sagra, é a sagra que volta a relembrar  
tradição que se renova todos os anos. (bis)*

*Bebe José! Come José! Lambe os bigodes!  
Vem experimentar o bom gosto dos teus produtos.  
Bebe José! Come José! Limpa os pratos!  
Canta e dança que a sagra é para todos! (bis)*

*Acabada a missa e a novena  
Acabar de rezar, acabar de rezar.  
Agora a história é mesa cheia  
De boa comida, de boa comida!  
Come e bebe e fala e brinca,*

<sup>129</sup> De acordo com o Círculo Trentino, exceto as bandas *Giro in Itália*, *Vecchio Scarpone* e *Lamar*, tudo foi encampado pelo Círculo. Revista “Insieme” nº 34 – Setembro de 2001. Um outro dado interessante foi quando em 1992 a “La Sagra”, organizada pelo Círculo Trentino e GIBRAC, passou a pertencer oficialmente – por um espaço de dez anos - ao Círculo Trentino de Rodeio. De acordo com o Jornal “O Corujão”, o registro foi solicitado junto ao Ministério da Indústria, Comércio e Turismo em função do interesse de terceiros em explorar o sucesso da festa. Outro relevante acontecimento naquele mesmo ano, foi o reconhecimento de Rodeio pela Embiatur como município turístico de Santa Catarina, e a anexação pela Santur da “La Sagra” no seu calendário estadual de eventos.

<sup>130</sup> Folder “**La Sagra**”, 2000.

<sup>131</sup> No folder o hino está escrito em dialeto trentino todavia, para maior facilidade do leitor foi gentilmente traduzido por Lucas.

*Sempre a cantar, sempre a cantar  
Que depois da ceia vem a orquestra  
Para dançar, para dançar!*

*A meia-noite ainda se escuta  
Gente que vem e gente que vai  
Ainda bem, agora é quase hora  
De ir para a cama, de ir para casa.  
Que Sagra alegre, que beleza!  
É como dizer, pecado morrer..  
Mas no ano que vem faremos a mesma  
Se Deus quiser, BONITA ASSIM!*

O hino ressalta o teor religioso que se busca imprimir na festa, e ainda aspectos profanos como a bebida, a dança e o canto, enfatizando assim algumas das características que considera pertinentes do “italiano”: a alegria, a religiosidade e a boa comida. Ao fazer isto, repassa não apenas a idéia de como muitos moradores se vêem, mas principalmente de como querem ser vistos pelos “outros”.

Maria Bernadete Ramos Flores fez um estudo a respeito da “Oktoberfest” de Blumenau que, guardadas as devidas proporções, possui algumas semelhanças com a “La Sagra” de Rodeio. Tal qual a Oktoberfest, a festa que acontece em Rodeio prima pela ambientação do turista ao que se considera a manifestação da autêntica cultura da cidade, ou melhor, da cultura trentina-italiana. O turista, ao chegar em Rodeio no final do mês de setembro, irá se deparar com um “passado mágico” restaurado na decoração das casas, praças e ruas, nos “trajes típicos”, na culinária e ainda na música. Desta maneira, “(...) na Oktoberfest, e nas outras festas do Vale, o ícone “estrangeiro” é (re) ambientado, (re) territorializado, em seu próprio terreno, o que dá ao “artificial”, a legitimidade de “real”.<sup>132</sup> Para a historiadora, é central pensar esta fusão entre cópia e original, ou seja, “os signos dados a ver, na produção dos simulacros, aspiram a ser a própria coisa e a abolir as contradições da atividade de remetimento ao passado, da reprodução, da construção”.<sup>133</sup>

Além do aspecto mercadológico presente nas festas étnicas que afloraram em Santa Catarina a partir da década de oitenta, um outro ponto importante discutido por Flores é o caráter homogeneizador da festa. Para a autora, os “fazedores da festa”, na tentativa de “retorno às origens”, excluem as diferenças, silenciam os conflitos, obscurecem as

<sup>132</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp**. Letras Contemporâneas, Florianópolis, 1997, p21.

<sup>133</sup> Idem, p22.

contradições, para dar lugar a uma história “mitificada, apologética e seletiva”. Em Rodeio, conforme visto anteriormente, apesar da pretensão homogeneizadora da festa, são muitas as dissonâncias, as contradições e os conflitos que aparecem em torno das inúmeras “La Sagra” que já aconteceram.

Alguns destes *conflitos* se evidenciam na mudança quase que anual do cardápio da festa. Existe uma dificuldade em definir o que é *tipicamente italiano* e, paralelamente, adequar o *típico* ao gosto do público. Em uma conversa não gravada com um participante do Círculo, ele mencionou que a introdução da pizza, assim como de pratos mais sofisticados, não agradou o público. Portanto, a organização teve que retomar à comida *típica caseira*, como a galinha recheada e a *lasanha*. Um relato interessante explora o assunto:

“Tinha uma barraca de mini pizza, barraca dos queijos, depois a gente quis introduzir o chucrute com linguiçinha que seria o prato típico trentino, que seria polenta, linguiçinha e chucrute, mas também não pegou muito bem. Não teve aquela saída esperada. Temos então a lasanha que é tradicional, feita com ovo de galinha caipira.”<sup>134</sup>

Perguntei então se essas comidas já existiam nas festas dos padroeiros ou se haviam sido acrescentadas depois: “Olha, eu acho que o macarrão e a polenta já tinham, a lasanha é que foi entrando depois aos poucos. Nos primeiros anos eu não conhecia a lasanha, ela foi aparecer mais tarde. Na época da “Sagra” já existia, nos casamentos eu sempre fazia. Mas antigamente era polenta e o macarrão.”<sup>135</sup>

Em alguns depoimentos concedidos por integrantes do Círculo, as pessoas afirmaram que a entidade vem trabalhando muito pela *culinária italiana*. A construção do que seria a comida *típica* é visível neste relato: “(...) no começo as nossas cozinheiras meio que não aceitavam muito bem o que fazer, mas insistimos, vamos botar aquela comida de antigamente. E ensinamos elas a fazer, e hoje em dia dão graças a Deus que aprenderam”.<sup>136</sup> Ao perguntar qual o tipo de comida que elas queriam fazer, ele respondeu:

---

<sup>134</sup> Depoimento de Luísa (62 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002. Moradora de Rodeio desde 1955.

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.

“o tipo normal delas, mas nós queríamos o antigo (...) e depois teve um curso de culinária em Nova Trento com pessoas que vieram da Itália”.<sup>137</sup>

Curiosamente, durante dez anos a chefe de cozinha<sup>138</sup> da festa “La Sagra” foi uma descendente de alemães que, casada com um rodeense (descendente de trentinos), considera-se atualmente uma “alemã italianizada”. A ex-chefe de cozinha relata que assumiu o cargo já no segundo ano da festa e o deixou apenas para abrir o seu próprio restaurante, o “Caminetto”, considerado o mais típico restaurante italiano da cidade. Pergunto então se ela já sabia fazer os pratos *típicos* italianos quando assumiu a cozinha da festa: “Sim, eu já trabalhava há anos na cozinha da Igreja. Eu fui ajudando assim. Porque tinha um casamento (...) então a gente fazia a comida, as cozinheiras eram sempre as mesmas basicamente, e a gente se acostumou com o estilo delas”.<sup>139</sup>

De acordo com integrantes do Círculo, em breve a Província de Trento irá financiar um curso de culinária na Itália. As pessoas ficarão de dois a três meses para “(...) aprender a comida de lá, para voltar e aplicar aqui no local”<sup>140</sup> e irão aprender a fazer o que se come não apenas em Trento, mas em todas as regiões da Itália. O pertinente nesse assunto é que o que consideram comida *típica* oscila constantemente, pois ora tende para uma especialização *trentina-italiana*, ora para o que acreditam ser a comida *típica* dos primeiros colonizadores italianos da região, tendo ainda que negociar e muitas vezes incluir os diferentes alimentos que foram incorporados desde então, como é o caso do churrasco e do palmito, entre outros produtos. Todavia, para aqueles que perguntam quais são os atuais *pratos típicos italianos* de Rodeio, a resposta atualmente é unânime: lasanha, macarronada, macarrão com polenta e fortáia (queijo e ovos mexidos), galinha recheada e para beber, é claro, o bom e velho vinho.<sup>141</sup>

Significativas são também as frequentes modificações dos trajes e danças. Conforme citei anteriormente, no ano de 2000 a Província Autônoma de Trento financiou a vinda de quatro dançarinos e um filarmônico de Castello Tesino a fim de ensinarem *autênticas*

---

<sup>137</sup> Ibidem.

<sup>138</sup> A cozinha da La Sagra passou a ser de responsabilidade da Igreja São Francisco de Assis a partir do segundo ano da festa. De acordo com um depoimento a Igreja assim como as outras barracas pagam uma cota, e o restante é lucro das entidades.

<sup>139</sup> Depoimento de Luísa (62 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

<sup>140</sup> Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.

<sup>141</sup> Na festa “La Sagra” de 2001, foram oferecidos dois tipos de pratos típicos: o primeiro com macarrão ao molho com queijo, fortáia, polenta, frango, e verduras: cenoura, repolho, radicchio e alface. Já o segundo: lasanha, frango e as mesmas verduras do prato número um. Conforme: folder La Sagra, 2001.

danças trentinas. Isto porque os grupos de dança do Círculo Trentino dançavam desde a tarantella (sul da Itália) até a polka, a monfenira, a valsa e a masurka.<sup>142</sup>O relato abaixo ilustra essa miscelânea de danças:

“Quando surgiu o grupo a gente dançava a tarantella, alguma coisa trentina, alguma coisa a gente adaptou, foram inventados alguns passos, a Iracema trouxe alguma coisa da Itália. (...) Quando vieram os dançarinos de Trento eles passaram seis danças para nós da região de Castello Tesino (...) eles tem um estilo de dança e vieram passar para nós.(...) quando fomos para lá pegamos mais sete danças. O grupo deles tem mais de cem anos de existência e continua dançando sempre as mesmas músicas desde aquela época.”<sup>143</sup>

Assim como as danças e a culinária, também os trajes típicos foram constantemente (re)inventados ou ainda adaptados:

“O dos rapazes agora está perfeito, é o que eles têm como dançavam antigamente. Só que nós adaptamos o tecido porque lá é de lã, então colocamos microfibra porque é um tecido mais leve de acordo com o nosso clima. E os vestidos das moças nós tínhamos um traje, daí pegamos o traje velho do Círculo Trentino e adaptamos esse traje para as meninas. E esse traje vai ser mudado de novo, ele vai ser o traje usado no Castello Tesino, vai ser igual. Eles sempre usaram aquele traje (...)”.<sup>144</sup>

De acordo com Roselys Santos, é importante destacar que a Igreja no Vêneto, Lombardia e também em Trento, não via a dança com bons olhos por considerá-la uma atitude pagã. Para Santos, a dança surgiu quando os moradores dessas localidades iam trabalhar temporariamente na região que hoje é a Alemanha, e também na Áustria. Desta maneira: “(...) Se tu vais para uma festa trentina e você analisa as danças deles, você percebe que isso é dança de oktoberfest, é dança austríaca. Eles iam trabalhar na Alemanha

<sup>142</sup> Jornal “Diário Catarinense”. 30 de abril de 1997, p244. Edição Especial “Municípios Catarinenses”.

<sup>143</sup> Depoimento de Luiz (33 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

<sup>144</sup> Idem.

e traziam. (...) Nas festas italianas eles bebiam, comiam e cantavam, eles não dançavam. A dança e uma invenção (...).<sup>145</sup>

E continua:

“lasanha nossos ancestrais não conheciam, pizza também não. Primeiro que eles não tinham farinha branca, era farinha gialla (amarela – farinha de milho), o trigo era do Sul da Itália. Mas os italianos (especificamente do Sul do Brasil) vêm a consumir macarrão no Brasil, eles conheciam o macarrão, mas os imigrantes lá na Itália não tinham dinheiro para consumi-lo.”<sup>146</sup>

No que se refere ao aspecto inventivo presente nessas manifestações, Maria Bernadete Ramos Flores, afirma que a tradição “(...) é uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece, na prática, é um senso de continuidade”.<sup>147</sup> Nesta perspectiva, o caráter inventivo da tradição apontado pela historiadora é visível na bandeira, no brasão, nas danças e nos trajes “típicos italianos”. Trata-se de uma inventividade de tradições na medida em que apesar de serem recentemente construídas, são repassadas e assimiladas como se pertencessem a um passado longínquo e absolutamente verídico.<sup>148</sup>

Levando em consideração a trajetória da “La Sagra”, é então possível afirmar que atualmente existe por um lado uma busca intensa em se aproximar da *verdadeira cultura trentina* - se é que isso é possível -, agora inspirada na relação de *gemellaggio*<sup>149</sup> estabelecida com o grupo folclórico de Castello Tesino (sobretudo por ser este já cristalizado como tradicional, proporcionando uma legitimidade ao Círculo com relação às

<sup>145</sup> SANTOS, Roselys Correa dos. Apud SAVOLDI, Adiles. Op. Cit., p 55.

<sup>146</sup> Idem.

<sup>147</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p135.

<sup>148</sup> De acordo com Eric Hobsbawm e Terence Ranger, as tradições inventadas são um “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado”. HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. (Org). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.9. Ainda nesta perspectiva, Fiorella Giacalone afirma que a festa não é imutável e pode ser inventada. Neste sentido, a tradição se transforma onde “novos elementos entram em jogo ou novas linguagens se conjugam com materiais antigos e assim torna-se possível refuncionalizar os símbolos”. Conforme: GIACALONE, Fiorella. Festa e percursos de educação intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias. (org.) **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis: Mover, NUP, 1998, p144.

<sup>149</sup> De acordo com a antropóloga Adiles Savoldi, o gemellaggio é um pacto entre duas cidades para se tornarem cidades irmãs. Conforme: SAVOLDI, Adiles. Op.Cit., p50.

danças e aos trajes utilizados). E, de outro lado, os “organizadores” da festa (leia-se Círculo Trentino e atualmente a Associação dos Servidores Públicos Municipais) são impelidos a negociar junto ao público, principalmente com relação ao cardápio e às bebidas disponibilizadas na festa.<sup>150</sup>

Nem sempre essas negociações ocorrem de maneira tranqüila. Pelo contrário, os conflitos aparecem frequentemente. As disputas em torno do que é ser *italiano* e, portanto, dos elementos que irão compor essa identificação - onde a festa “La Sagra” é a sua principal vitrine - estão intrinsecamente relacionadas com as diferentes facções políticas existentes na cidade. Um exemplo interessante que corrobora tal afirmação foi a disputa que envolveu a “La Sagra” 2001; o resultado das eleições de 2000 veio a transformar substancialmente os rumos da festa com a escolha para prefeito de um candidato da “oposição”, filiado ao PMDB. Isso porque uma grande parte dos funcionários da Prefeitura Municipal colocou seus cargos à disposição, inclusive a Secretária de Turismo e Cultura (Iracema Moser Cani - mentora do GIBRAC e Círculo Trentino). Em seu lugar, foi admitido um paulista (casado com uma rodeense), ex-integrante do Círculo, mas que agora é um crítico das posturas adotadas por Cani. Por sua vez, o Círculo Trentino, que possui o registro da “La Sagra” em seu nome, não aceitou ceder o número do CGC para a organização do evento. Assim, apenas o nome da festa, mediante um suposto pagamento<sup>151</sup>, teria sido “alugado” para a Prefeitura, que acabou utilizando o CGC dos Servidores Públicos Municipais.

Um outro acontecimento ímpar foi a inclusão na festa “La Sagra” de uma noite das “Tradições Sulistas”, ao cargo do “Grupo Encanto”. Embora esse grupo já tenha realizado apresentações na festa, foi a primeira vez que ficou responsável por uma noite, escolhendo desde as apresentações realizadas até às músicas tocadas. Assim, foram apresentadas duas invernadas: uma de Timbó, do CTG Galpão Amigo, e outra do Grupo Encanto de Rodeio. Os responsáveis por esta noite trouxeram ainda o grupo gauchesco “Tradições”, esquecendo assim a “(...) marchinha e a música italiana”.<sup>152</sup> Este acontecimento foi recebido com muita

---

<sup>150</sup> Segundo um depoimento, o Círculo Trentino nunca organizou a La Sagra, ele só ajudava e dava apoio nas apresentações culturais. Em 2001 embora a prefeitura tenha organizado tudo, o Círculo manteve a barraquinha de café colonial e ajudou a cuidar do centro cultural. Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.

<sup>151</sup> As informações sobre as atuais disputas políticas foram obtidas em conversas não gravadas, e ainda através da observação e participação na “La Sagra” 2001. Com relação ao valor do pagamento pelo aluguel da festa, não houve um consenso, algumas pessoas afirmam que foi por 10000 reais, enquanto outras falam em 5000 reais, e ainda há quem fale que foi de graça.

<sup>152</sup> Depoimento de Luiz (33 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

desconfiança e até mesmo indignação por parte dos integrantes do Círculo Trentino e do GIBRAC, cuja principal preocupação foi com a possibilidade de descaracterização da festa:

“(...) essa introdução não vejo porque ter, nós não temos nem uma tradição gaúcha aqui. Já tivemos um ex-prefeito gaúcho, mas que sempre viveu aqui em Rodeio. Aqui não há esse negócio de bombacha, cavalos, eu achei que foi uma parte não muito positiva para a Sagra, mas também não deve ter tido uma influência maior porque segunda-feira é um dia que dá pouca gente na festa.”<sup>153</sup>

Já outro membro do Círculo Trentino acredita que,

“A música é universal. E se for colocar só música italiana, não dá. Então é diversificado um pouco para agradar todo mundo. Agora a Prefeitura quis assim... nós fazíamos o seguinte: quando a Iracema estava na secretaria, nós exigíamos que no primeiro ano 15% das músicas de cada grupo fossem italianas. E depois 30% das músicas tinham que ser italianas. Agora eu não sei o que a Prefeitura exigiu deles. Teve conjunto que só tocou música italiana e outros....”<sup>154</sup>

É importante enfatizar que a pessoa responsável pelas coreografias do “Grupo Encanto” é também coreógrafo do “Grupo Juvenil do Círculo Trentino”. Portanto, quando me refiro a existência de um descontentamento frente à inclusão de uma noite sulina, isto não inclui todas as pessoas ligadas ao Círculo. Para entender um pouco melhor essa dinâmica perguntei ao coreógrafo como é para ele fazer parte concomitantemente do Círculo e do Grupo Encanto:

“Eu separo bem, o Grupo Encanto é uma coisa e o Círculo é outra. Tanto que eu nunca repasso as danças do Círculo para outras pessoas, são restritas. Então não tem problemas, eu gosto dos dois lados, tanto que eu saio do palco com traje italiano e volto com o Grupo Encanto, pilchado. E tem mais, quase todos os jovens que participam do

---

<sup>153</sup> Depoimento de José (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/10/2001.

<sup>154</sup> Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.



Círculo já dançaram no Grupo Encanto, são vinte pessoas no grupo do Círculo e nove já dançavam comigo.”<sup>155</sup>

A argumentação do atual Secretário de Turismo e Cultura para a inserção de uma noite sulista vai na mesma direção do depoimento acima. Para ele, embora a “La Sagra” se pretenda uma festa tipicamente italiana, a Prefeitura não pode omitir as diferentes manifestações culturais existentes na cidade, sobretudo, as manifestações do CTG<sup>156</sup> que existem há mais de quinze anos. E justifica: “(...) de mais a mais os participantes do “Grupo Encanto” são todos descendentes de italianos como qualquer outro”.<sup>157</sup>

Uma outra justificativa semelhante é a seguinte:

“Você pode até achar diferente, só que no Rio Grande toda essa região de farroupilha, toda ela é colonizada por italianos, eles tem ao mesmo tempo a tradição italiana e a tradição sulina, que entrou pelo Uruguai, Paraguai. Mas eles mantêm a cultura italiana. Então se você olhar por esse lado tinha uma época na Oktober que eles faziam uma noite italiana. Então foi uma forma de colocar uma coisa nova, que na verdade está dentro da cidade, as tradições gaúchas, porque se você olhar eles (organização das primeiras Sagra) traziam música alemã, que na cidade representa 1% da população.”<sup>158</sup>

Os discursos acima revelam a complexidade que abrange a gestão e execução da festa “La Sagra”. Demonstrem que ela não é apenas um espaço de lazer e confraternização ou ainda um evento que vem coroar esta manifestação identitária, mas é também alvo de disputas políticas, de interesses pessoais e coletivos que a conformam e a modificam de acordo com as negociações realizadas. Os acontecimentos envolvendo a “La Sagra” permitem vislumbrar algumas das ações que estão sendo realizadas pelo Círculo Trentino/GIBRAC na tentativa de cristalizar uma “identidade italiana”. É também visível que essa roupagem vem sendo constantemente desfeita e refeita com diferentes cores e

<sup>155</sup> Depoimento de Luiz (33 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

<sup>156</sup> São dois os CTG existentes na cidade: o Rodeio da Amizade (primeiro a ser criado na década de 80 e que tem aproximadamente 12 componentes) e o Renzo Colorado (com aproximadamente 20 componentes) que foi criado por ex-integrantes do Rodeio da Amizade. Contudo, o Grupo Encanto não está filiado a nenhum dos dois e possui seu próprio estatuto. De acordo com um depoimento os CTGs passaram a existir em Rodeio a partir de iniciativas do ex-Prefeito Flávio Betti da Cruz, natural do Rio Grande do Sul. Depoimento de Luiz (33 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

<sup>157</sup> Depoimento de Matheus, concedido à autora em Rodeio em 15/07/2001.

texturas. Assim, nos últimos dois anos, estas entidades vêm estimulando intercâmbios com o paese de Castello Tesino na tentativa de assegurar uma legitimidade nas manifestações que são fomentadas aqui no Brasil. Contudo, suas atuações estão também entremeadas por disputas e interesses. No capítulo seguinte, busquei detalhar melhor as principais divergências em torno desse processo de (re)invenção.

---

<sup>158</sup> Depoimento de Luiz (33 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

## **CAPÍTULO II – AS DIFERENTES POLÍTICAS DE ITALIANIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS**

As discordâncias em torno das ações realizadas pelo Círculo Trentino/GIBRAC não são novidades para o leitor. Conforme já coloquei anteriormente, esses conflitos estão profundamente interligados à política local. Um acontecimento significativo no estudo desse processo de (re)invenção foram as eleições municipais do ano 2000 que acabaram modificando substancialmente o quadro de servidores, o que por sua vez ocasionou a perda do apoio municipal ao Círculo Trentino. É também após as eleições, que algumas pessoas<sup>159</sup> vêm se reunindo a fim de propor ações alternativas às fomentadas pelo Círculo.

### **1 – Políticas de Italianidade: qual delas?**

Muitas foram as modificações decorrentes do resultado das eleições municipais do ano 2000. Ainda que essas mudanças políticas tenham fortalecido a “oposição”, a grande maioria dos associados do Círculo, negou qualquer interferência em suas atividades. Estas pessoas ressaltaram que o Círculo Trentino é totalmente independente da Prefeitura Municipal, alegando que a mesma sempre colaborou com a entidade, uns prefeitos mais e outros menos. Não obstante, um depoente relata uma opinião bastante reveladora:

“Eu creio que haja essa oposição partidária, que no meu modo de pensar eles foram muito infelizes quando trocaram a secretária da cultura, a Iracema Moser Cani que é um símbolo, a pessoa mais indicada e preparada. Trocaram inclusive por uma pessoa que não é de Rodeio, apenas casou com uma rodeense. (...) eles procuraram somente pessoas ligadas a eles, justamente as pessoas que não eram ligadas ao nosso círculo. São pessoas que quase nunca participaram, pouco fizeram. Então na parte cultural de manter as tradições a maioria não participou. Então de repente, eles estão com o poder, e não se cercaram

---

<sup>159</sup> Cabe porém ressaltar, que nem todas as pessoas trabalham para a Prefeitura.

destas pessoas, simplesmente deixaram de lado. Isso é ruim. Porque é bom ter o poder público com a cultura, isso deve andar junto. Então não devia haver separação, quem sai perdendo é o município, é a cultura. Mas nem por isso nós deixamos de fazer as nossas reuniões (...) O Círculo Trentino não vai morrer, ele não depende da Prefeitura, seria bom que estivessem juntos, mas nós temos autonomia”.<sup>160</sup>

Se é possível afirmar que o Círculo Trentino é uma entidade autônoma que não depende financeiramente da Prefeitura de Rodeio, é também verdade que a junção com esta última potencializava as ações empreendidas. Neste sentido, a desvinculação com a Prefeitura Municipal reduziu sua capacidade de intervenção. Por outro lado, embora alguns dos depoentes tenham assumido que as disputas políticas influenciam nas manifestações e nos projetos em torno da italianidade, uma parte considerável dos participantes do Círculo Trentino preferem não tomar partido e “(...) deixar para a diretoria se envolver”.<sup>161</sup>

Um dos desdobramentos dessas disputas foi a criação da “União da Família Trentina” na cidade de Rodeio que, de acordo com um depoente, já existe na Itália há aproximadamente cinco anos e é composta por dissidentes da “Associação Trentini nel Mondo”, entidade à qual está ligado o Círculo Trentino de Rodeio. Em Santa Catarina, a “Família Trentina” está presente nas cidades de Florianópolis, Joinville e agora também em Rodeio. Com estatuto e perspectivas diferenciadas, a nova entidade conta atualmente com 36 famílias, inclusive com moradores de outras cidades como Blumenau e Doutor Pedrinho.<sup>162</sup> Segundo o mesmo depoente, o Círculo Trentino não reconhece a entidade e está profundamente descontente. Isto porque, quando os participantes do Círculo souberam da fundação da Família, buscaram conversar e convencer a nova entidade a se aliar ao Círculo, o que não surtiu nenhum efeito. A alegação por parte de alguns membros da nova entidade está na total incompatibilidade de direcionamento no que tange às ações em prol da italianidade. O relato abaixo explicita um pouco melhor a discordância: “Nós consideramos que o Círculo Trentino é muito fechado, são trinta e poucas pessoas e só moradores aqui do centro. E o objetivo da Família Trentina é abranger o interior, porque se sabe que a maior comunidade trentina está no interior e não só aqui no centro”.<sup>163</sup>

---

<sup>160</sup> Depoimento de José (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2001.

<sup>161</sup> Depoimento de Luiz (33 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

<sup>162</sup> Depoimento de Carlos (32 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

<sup>163</sup> Idem.

Todavia, o não reconhecimento da Família Trentina em Rodeio apareceu em praticamente todos os depoimentos colhidos de participantes do Círculo Trentino. Um depoente colocou que,

“(...) nesse caso estão pessoas que não aderiram a nossa cultura ainda, pessoas que querem disputar, cultura não se disputa, cultura se trabalha com engajamento. Se alguém está querendo colocar uma Família Trentina aqui, eu tenho certeza absoluta que se não for através do Círculo Trentino eles não vão conseguir. Porque todo o trabalho feito em Rodeio, tem um embasamento de 20 e poucos anos, com contatos diretos com a Província de Trento e toda a parte estrutural emana de lá. E queiram ou não quem está com o poder hoje é a Iracema, porque ela é a representante dos Círculos Trentinos do Brasil, como consultora, é o maior título que uma pessoa possa ter (...) então se alguém quiser fazer um trabalho fora disso vai ter problema, porque vai ser muito difícil (...)”.<sup>164</sup>

Os conflitos entre membros da Família Trentina e a cúpula do Círculo Trentino não terminam por aí. Muitas críticas, conforme já mencionado no primeiro capítulo dessa pesquisa, são frutos das ações da entidade nos intercâmbios financeiros oferecidos pela Província Autônoma de Trento, tanto os que envolveram os projetos *vinho e leite*, como o *soggiorno*. Uma das principais reclamações foi o envio de pessoas para a Itália que desconheciam a língua italiana ou ainda amigos e parentes de pessoas ligadas ao Círculo e que, portanto, não teriam contribuído para trazer benefícios ulteriores para a cidade. Todavia, um dos elementos preponderantes para estabelecer diferenças entre o Círculo Trentino e a Família Trentina está no trato da língua italiana.

Para Iracema Moser Cani uma das fundadoras do Círculo Trentino,

“Compreender os méritos do dialeto é conhecer as raízes de uma personalidade de base do grupo social a que pertencemos. É uma espécie de “documento social” do qual não devemos ter vergonha ou receio de demonstrá-lo, publicá-lo, readquiri-lo. Serve inclusive para

---

<sup>164</sup> Depoimento de José (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2001.

coligar grupos afins, integrando através dele a educação e a realidade social.”<sup>165</sup>

Ao contrário do Círculo, a Família Trentina não tem a mesma preocupação com a manutenção do dialeto, sobretudo por acreditar ser uma língua que se faz presente apenas na oralidade e que está fadada ao desaparecimento. Nesta perspectiva, enquanto para o Círculo Trentino a conservação do dialeto é fundamental para a composição da “identidade trentina-italiana” de Rodeio, para a Família (embora o dialeto seja considerado importante como “origem da cidade”) o imprescindível é a divulgação da língua italiana, de preferência junto às escolas municipais e estaduais. Como bem demonstra o relato abaixo:

“(...) eu sei que tem em Rodeio pessoas que estão tendo um atrito conosco porque não querem que os meninos aprendam a língua standard [italiano] porque querem ficar com o dialeto e acabou-se. Acabou-se de verdade, porque mortos os velhos morreu a língua, porque os jovens em Rodeio hoje, ninguém mais fala o dialeto trentino, fora umas famílias que moram no interior (...) o nosso interesse é não deixar morrer a cultura italiana, pelo menos a língua standard que é a língua que na Itália se fala nas escolas, nos lugares de trabalho.”<sup>166</sup>

O ensino da língua italiana é também considerado crucial uma vez que na Itália existe uma enorme quantidade de dialetos e, portanto o uso da língua *standard* é muito mais recorrente nas relações estabelecidas. Um depoente italiano, mas que mora no Brasil, coloca que na Província de Trento existem dezenove variações do dialeto trentino e ainda outras três línguas de etnias minoritárias (Ladino, Mocho e Cimbro) que também vivem na região, além da língua italiana. Assim, são no total vinte e três línguas. E complementa com uma observação bastante instigante: “Como em Rodeio, que lá tem um jornal que tem uma senhora que escreve ditados em dialeto trentino, poesias, piadas. Eu me pergunto. Em que dialeto trentino? É de Rodeio? Seja bem claro, porque ele muda em cada vale”.<sup>167</sup>

A inserção da língua italiana nas escolas estaduais e municipais pretendida pela Família Trentina está interligada à proposta curricular para o ensino de línguas estrangeiras do governo estadual de Santa Catarina. A importância da aprendizagem de língua

<sup>165</sup> CANI, Iracema Moser. Cultura e Dialeto. In: Jornal “O Corujão”. Maio de 1997, p13.

<sup>166</sup> Depoimento de Joana, concedido à autora em Blumenau no dia 28/09/2001.

<sup>167</sup> Idem.

estrangeira faz-se presente na atual LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional<sup>168</sup>e, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira escrito em 1998, o aprendizado de língua estrangeira “(...) oportuniza não somente a aquisição de habilidades linguísticas, mas aumenta a compreensão do funcionamento da própria língua. Promove, ainda, o (re)conhecimento dos costumes e valores de outras culturas e, com isso, contribui para uma nova percepção da própria cultura” .<sup>169</sup>

Os parâmetros ressaltam ainda que a escola, ao escolher a língua estrangeira, deve considerar as necessidades lingüísticas de sua cidade e levar em conta as prioridades econômicas e as pluralidades culturais existentes. O ensino de língua estrangeira é também visto como importante frente à atual globalização, principalmente pela intensificação dos intercâmbios entre os países. Neste sentido, a documentação oficial considera línguas de comunicação mundial: o inglês, o espanhol, o alemão, o francês e o italiano. No que tange ao ensino da língua italiana, o objetivo apontado pelas diretrizes é de “resgatar e manter as raízes culturais dos descendentes”, bem como propiciar o estabelecimento de relações com a Itália através de intercâmbios culturais, comerciais e profissionais.

A fim de capacitar professores para o ensino da língua italiana foi criado o Programa Magister – Italiano, iniciado em 1996 e que contou com a ajuda financeira do governo italiano<sup>170</sup>, sendo ministrado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).<sup>171</sup> O programa aconteceu em cinco regiões que foram selecionadas por apresentarem fortes traços da colonização italiana: Criciúma, Rodeio, Concórdia, Tubarão e Arroio Trinta. Em Rodeio, o Programa Magister formou 32 professores em dezembro de 2000, sendo que uma parcela destes já foi absorvida nas escolas estaduais e municipais que estão oferecendo a língua italiana.<sup>172</sup> É importante ressaltar que entre os que frequentaram o curso existiam pessoas vinculadas à Família Trentina e também ao Círculo Trentino.

---

<sup>168</sup> A lei nº 9394/96 aponta para a importância da língua estrangeira quando se refere à obrigatoriedade, a partir do 3º ciclo referentes ao Ensino Fundamental e Médio. Desde meados da década de 80, em função da política plurilingüística para o ensino de língua estrangeira, vêm sendo fomentado projetos e ações visando propiciar as escolas a opção entre o inglês, espanhol, alemão, italiano e francês. Ver: **Diretrizes – Organização da Prática Escolar na Educação Básica: Ensino Fundamental e Ensino Médio**, 1999, p41.

<sup>169</sup> Idem.

<sup>170</sup> No ano de 1997, o governo italiano repassou para o catarinense cerca de R\$ 50 mil, que foram aplicados na formação e aperfeiçoamento dos professores da língua italiana no Estado, bem como na compra de material didático. Em julho daquele mesmo ano, o governo italiano financiou a vinda de três professores da Universidade da Perugia para dar aulas nos cursos Magister. Conforme: **Jornal de Santa Catarina**, 02 de junho de 1997, p5.

<sup>171</sup> Revista “**Insieme**”, nº20 março de 1999, p41.

<sup>172</sup> Quando o curso iniciou contava com 44 professores provenientes de várias cidades: Rodeio (18), Apiúna (4), Benedito Novo (2), Brusque (2), Gaspar (2), Indaial (2), Timbó (2), Chapadão do Lajeado (1), Dr.

O emprego da educação em estratégias políticas a fim de “resgatar e manter as origens culturais de seus descendentes” já vem acontecendo, ainda que não sistematicamente.<sup>173</sup> É o que sugerem as iniciativas realizadas no Colégio Estadual Oswaldo Cruz. Em 1998, os professores incitaram os alunos do ensino médio a escreverem sobre a colonização italiana por ocasião do aniversário de Rodeio. O objetivo era “(...) incutir no educando a importância da preservação da “cultura” dos primeiros colonizadores pelos cidadãos rodeenses”.<sup>174</sup>

Iniciativa semelhante foi realizada em 1997 no então Colégio Franciscano Santo Antônio. Desta vez, o tema prescrito foi a festa “La Sagra”. Um trecho de uma das redações publicadas no jornal local permite pensar o relevante papel da educação na transformação do *espaço em lugar*:<sup>175</sup>

“A La Sagra, com suas comidas à moda italiana, seus vinhos, bailes e danças, constitui hoje, uma das maiores festas da região. Aliás, não poderia ser de outra forma, pois sendo feita em Rodeio, “O Vale dos Trentinos”, ela recebe um carinho muito especial de seu povo (...)”.<sup>176</sup>

Como se pode perceber, a denominação “Vale dos Trentinos” para a cidade aparece naturalizada, ou seja, Rodeio é consagrada como sinônimo de trentinidade, o que por sua vez negligencia as outras etnias que também colonizaram a região. Essa pretensão de sedimentar uma “identidade” para a cidade, remete aos dizeres de Michel Foucault que enfatiza que o sistema de educação “(...) é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.<sup>177</sup>

Pedrinho (1), Jaraguá do Sul (1) e Luis Alves (1). Segundo um artigo publicado no jornal local “O Corujão”, a metade desses professores são descendentes de italianos e na grande maioria de trentinos. Durante o curso os estudantes fundaram a “Associazione degli Accademici del Magister Lettere di Italiano di Rodeio” (AMIR). O interessante é que na época (1999), a associação se propunha a trabalhar junto ao Círculo Trentino da cidade, no intuito de somar esforços para o êxito do curso participando e favorecendo as manifestações em torno de uma conscientização da cultura italiana. Pautados em um interesse comum: “(...) *lavorare per la conservazione della lingua e della cultura italiana nelle comunità di origine italiana*”. SARDAGNA, Célio. Jornal “O Corujão”. Março de 1999, p3.

<sup>173</sup> O emprego da educação na conformação de uma identidade foi também percebido por: SEVERINO, José Roberto. Op. Cit., pp34-36.

<sup>174</sup> Conforme: Jornal “O Corujão”. Março de 1998, p3.

<sup>175</sup> Uma reflexão muito interessante acerca da transformação do espaço em lugar e que será melhor pontuada no capítulo seguinte está em: GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: **O Espaço da Diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

<sup>176</sup> Jornal “O Corujão”. Setembro de 1997, p 16.

<sup>177</sup> FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996, p44.



É possível inferir que o sistema de ensino já estava sendo utilizado como meio de instituir uma “identidade trentina-italiana” para a cidade. Por outro lado, a aprovação do projeto de inserção da língua italiana nas escolas estaduais e municipais potencializa esta pretensão. Todavia, esta iniciativa tem gerado uma série de debates entre aqueles que advogam a favor do ensino do “dialeto trentino” e os que defendem a língua italiana.

Essas duas vertentes com relação à política de italianidade não aparecem apenas em Rodeio. Em 1996, na cidade de Caxias do Sul, durante o “Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e o IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros”, vários foram os debates travados tendo em vista esta problemática. Na ocasião, o arquiteto Júlio Posenato afirmou que uma das formas mais importantes de promover a herança cultural consiste no ensino das línguas dos diferentes grupos étnicos existentes aqui no Brasil, posicionando-se favoravelmente ao ensino do dialeto e fazendo uma crítica ferrenha aos que defendem a língua oficial dos países de origem dos imigrantes. Isto porque, de acordo com ele:

“Dos que se opõem ao estudo do *talian*<sup>178</sup> preconizando, ao invés, o ensino da língua italiana oficial alguns são motivados por interesses particulares (títulos honoríficos e viagens gratuitas), eis que representam grupos sediados na Itália que, através da língua, pretendem promover uma espécie de colonização cultural da comunidade ítalo-brasileira ou, na condição de professores de língua italiana, simplesmente defendem seu mercado de trabalho. Já outros, externam falta de preparo (evito dizer ignorância). (...) para muitos o *talian* ainda não passa de um dialeto grotesco, vulgar e humilhante, que deve ser *rebocado* pela língua italiana oficial.”<sup>179</sup> (grifos do autor)

Na outra ponta, intelectuais colocam-se contra o ensino dos dialetos, assemelhando-se ao que é preconizado pela Família Trentina de Rodeio. O lingüista Elvo Clemente exemplifica com os acontecimentos da década de oitenta na Catalunha, quando o governo

---

<sup>178</sup> De acordo com a antropóloga Raquel Mombelli, os imigrantes italianos que chegaram ao Brasil não falavam uma língua única. Coube a Igreja e a muitos religiosos a socialização de uma língua comum entre essas populações, num fenômeno que os lingüistas chamam de *Koiné* (forma dialetal que se amalgamou e se sobrepôs sobre todos os outros grupos). O *talian* seria então uma forma de koiné. Ver: MOMBELLI, Raquel. Op.Cit., p59.

<sup>179</sup> POSENATO, Júlio. *Talian: língua e identidade cultural*. In: **Imigração Italiana e Estudos Ítalo-Brasileiros: Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Forum de Estudos Ítalo-Brasileiros**. Orgs: DAL BÓ, Juventino et alii. Caxias do Sul. Ed: EDUSC, 1999, p271.

obrigou o ensino da língua catalã nas escolas, ficando o castelhano como segunda língua. Afirma que nos dois últimos anos ocorreram várias manifestações reclamando e solicitando o retorno do ensino do castelhano. A justificativa é de que a língua catalã não possui uma aceitação internacional, inviabilizando assim os intercâmbios com outros países. Seguindo esta linha de pensamento, Clemente questiona:

“Qual seria a sorte do *talian* entre nós? Valerá a pena mantê-lo com a força política que algumas pessoas e instituições estão lhe emprestando? Mais vale um bom curso de língua italiana *standart* do que perder o precioso tempo em lecionar para crianças e jovens uma língua que não possui unidade de léxico, de sintaxe e morfologia mais perto do português do Brasil que das raízes vênetas. (...) Os dialetos vênets aquém e além-mar têm vidas limitadas e fluxos socioculturais ou de anseios políticos. A língua italiana que navegou por oito séculos entre tantas dificuldades e tempestades vai levando o facho da cultura e do progresso às gerações atuais e porvindouras por outros tantos séculos que a Providência lhes destinar.”<sup>180</sup> (grifos do autor)

Na realidade, a discussão sobre ensinar nas escolas os *dialetos* ou a língua oficial tem gerado uma série de debates que até o momento permanecem em aberto. Na cidade de Rodeio, paralelamente à fundação da “União da Família Trentina” e à capacitação de professores através do Magister, foi também instituído o “Centro Cultural Italo-brasileiro - Comitato da Dante Alighieri” da região de Blumenau. A “Dante Alighieri” tem sede em Roma e foi criada em 1889 com o intuito de difundir a língua e cultura italiana.<sup>181</sup> Aqui no Brasil existem comitatos em Recife, São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Brasília e agora o da região de Blumenau. Este último foi fundado no ano 2000, e atualmente conta com registro na Itália e também com recursos para finalizar sua implantação. De acordo com um depoimento, membros da “Família Trentina” também atuam junto ao Comitato da “Dante

<sup>180</sup> CLEMENTE, Elvo. Situação do dialeto vêneto no Rio Grande do Sul. In: **Imigração Italiana e Estudos Ítalo-Brasileiros**. Op. Cit., p254.

<sup>181</sup> Atualmente existem cerca de 3000 escolas fundadas pelos comitatos da Dante Alighieri: 75 na África, 2100 na América, 42 na Ásia, 840 na Europa e 212 na Oceania. O número de alunos é de aproximadamente 100000 assim distribuídos: 3100 na África, 60000 na América, 859 na Ásia, 30000 na Europa e 5850 na Oceania. A instituição conta ainda com 250 bibliotecas totalizando cerca de 500000 volumes. Para maiores informações ver: [www.soc-dante-alighieri.it/](http://www.soc-dante-alighieri.it/). Capturado em 17/06/2002.

Alighieri”,<sup>182</sup> ainda que sejam elas entidades distintas e com estatutos diferentes. A atuação da “Dante” está vinculada principalmente ao ensino da língua italiana. Reconhecida pelo governo da Itália, através do comitato, a entidade fornece material didático e dinheiro para o pagamento dos professores. As provas para verificação do aprendizado são realizadas concomitantemente em todos os lugares onde existe a entidade e são enviadas à Itália para correção e, posteriormente, as pessoas que atingem o grau exigido de conhecimento recebem um certificado que as capacita a ensinar a língua italiana em qualquer lugar do mundo.<sup>183</sup>

A intenção da diretoria do mais novo comitato da “Dante” aqui no Brasil é inserir o ensino da língua italiana na grade curricular das escolas municipais e estaduais de Rodeio, tornando-a obrigatória.<sup>184</sup> Isto porque o ensino já vem sendo realizado em algumas escolas, mas de maneira opcional, o que na ótica da entidade não obtém os mesmos resultados. A idéia então é de que a “Dante Alighieri” forneça certificados para os alunos dessas escolas que concluírem o curso de língua italiana.<sup>185</sup>

O discurso dos participantes da “Dante Alighieri”, assim como os dos mentores da proposta de inclusão da língua estrangeira (italiano) na grade curricular das escolas estaduais, é de que existe uma demanda muito grande em Santa Catarina, sobretudo porque se estima que 65% da população é descendente de italianos.<sup>186</sup> Uma outra justificativa é de que, ao contrário do inglês ou espanhol (que tem uma finalidade comercial), a língua italiana não tem essa utilidade, mas em compensação está relacionada culturalmente à população.

Esta motivação em relação à língua italiana deu-se também a partir do surgimento de entidades, que vêm fomentando e divulgando uma necessidade de “resgate da cultura

---

<sup>182</sup> Segundo este mesmo depoente atualmente faz parte Comitato da Dante Alighieri para a região de Blumenau, uma diretoria formada por sete pessoas. Depoimento de Carlos (32 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

<sup>183</sup> Outras entidades oferecem cursos de italiano no Brasil. Tais como: o CCI (Centro de Cultura Italiana) mas que de acordo com o depoimento de um membro do Comitato Dante Alighieri, não é reconhecida pelo governo italiano.

<sup>184</sup> O ensino da língua italiana vem sendo realizado em algumas escolas da cidade: a “Oswaldo Cruz” (Centro), uma no bairro de Rodeio 12 e outra em Rodeio 50 (estaduais) e na escola “Santo Antonio” (Centro) que é municipal. Nestas escolas a língua italiana está dentro do currículo, mas de acordo com um depoimento a inserção é uma opção dos diretores dos estabelecimentos. Na escola estadual “Oswaldo Cruz” o ensino é oferecido a partir do 1º ciclo do ensino médio. E nas municipais é a partir do 1º ciclo até o 3º do ensino fundamental. Depoimento de Carlos (32 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

<sup>185</sup> Contudo, até o momento, os integrantes da “Dante” não haviam obtido resposta de Roma com relação à possibilidade de atuar junto ao currículo escolar.

<sup>186</sup> Ver em anexo as estimativas acerca dos descendentes de italianos no Vale do Itajaí.

italiana” e ainda frente às possibilidades de se conseguir a cidadania italiana.<sup>187</sup> Seguindo esta linha de pensamento, a criação do comitato da Dante e da Família Trentina estaria afinada com a crescente demanda por parte dos descendentes italianos.<sup>188</sup>

O comitato da Dante Alighieri da região de Blumenau tem ainda intenção de criar, primeiramente em Rodeio e depois em outras cidades vizinhas, eventos ligados à cultura trentina e também italiana de uma maneira geral. Todavia, o objetivo inicial é com relação ao ensino da língua, principalmente por ser ela imprescindível para pleitear as bolsas de estudos que são oferecidas anualmente pelo governo italiano. Não obstante, ainda que os eventos tenham ficado para um segundo momento, através dos depoimentos colhidos foi possível perceber uma perspectiva muito diferente com relação à política de italianidade que vem sendo realizada pelo Círculo Trentino/GIBRAC. Além do que já foi mencionado sobre o *soggiorno* e os projetos, também a festa “La Sagra” está no centro das discussões, como demonstra a seguinte fala:

“A La Sagra até hoje de italiano na verdade tem bem pouco. Porque se você vai lá, geralmente a música tem pagode e dança de salão. Música italiana tem bem pouca. Esse ano [2001], porque mudou a composição municipal, mudou um pouquinho, mas ainda falta muito. Na festa Itália em Blumenau a música é só italiana. Já em Rodeio, é uma festa mais comercial. (...) não se tem muito conhecimento sobre a música italiana, aqui no Brasil se entende música italiana como música romântica, ou aquela música alegre, música do passado também.”<sup>189</sup>

Como se pode ver, há uma dissonância gritante entre a maneira pela qual o Círculo Trentino vem pensando a italianidade e a que membros da Família Trentina pretendem

---

<sup>187</sup> A possibilidade de obtenção da cidadania italiana é um dos atrativos que impelem descendentes de italianos a “resgatarem sua origem”. O que assegura o reconhecimento da cidadania italiana é o *jus sanguinis*, ou seja, o vínculo sangüíneo do ascendente italiano até os seus descendentes sem limites de geração. Até pouco tempo atrás os descendentes de emigrantes trentinos não tinham direito à cidadania italiana. Essa situação mudou apenas no ano 2000, quando foi aprovada a Lei nº 379/00 de 14 de dezembro, e que foi publicada na Gazzetta Ufficiale della Republica sob o número 295 no dia 19 de dezembro de 2000. Tal lei prevê que as pessoas, nascidas e que já residiam nos territórios austro-húngaricos e emigraram antes de 16 de julho de 1920, como também aos seus descendentes seja reconhecida a cidadania italiana uma vez que faça uma declaração em tal senso, até cinco anos da data de entrada em vigor da lei.

<sup>188</sup> Segundo um depoimento, o interesse pelo aprendizado da língua italiana se dá também entre os não-descendentes. Cita o exemplo de Indaial, cidade colonizada majoritariamente por alemães mas que tem manifestado desejo de inserir o ensino do italiano em algumas escolas. Depoimento de Carlos (32 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.

fomentar. Para estes últimos, as músicas: “Mérica Mérica, Mazzolin del Fiori, La bella polenta, são sempre as mesmas e estão cansando o pessoal daqui. O pessoal que tem mais cultura, começa hoje a ouvir música italiana de verdade, a música que gostam os italianos, que não é só a romântica ou alegre”.<sup>190</sup> Na mesma direção são as críticas feitas aos trajes, às danças e à culinária “típica italiana” divulgados pelo Círculo. Para os representantes da Família, existe uma necessidade urgente de adequar as danças à região do Trentino, deixando de lado por exemplo a “tarantella”, que é do Sul da Itália. O mesmo deveria acontecer com os trajes, que na ótica da Família são tiroleses ou de outras regiões e províncias da Itália. Ou ainda com relação à “comida típica,” como é o caso do prato composto por polenta e galinha, que consideram cultura dos italianos daqui (prato típico trentino seria a polenta com coelho).

As discussões que envolvem essas diferentes posturas com relação à política de italianidade ocorrem também num âmbito mais amplo, e não são tão recentes assim. Por ocasião do “II Simpósio de Imigração e Cultura Italiana” promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina em maio de 1987, essas duas vertentes foram percebidas pelo pesquisador Pasquale Petrone. Em artigo publicado no livro “A Presença Italiana no Brasil”,<sup>191</sup> ele traz à tona algumas inquietações que já se faziam presentes naquele momento. O interessante é que as considerações foram tecidas após a apresentação do “Grupo Folclórico da Cidade de Rodeio”, na abertura do referido Simpósio. Naquela ocasião, um jornalista do “Il Corriere” de São Paulo publicou um texto no qual se referiu à apresentação do coral de Rodeio da seguinte maneira:

“La sera del primo giorno si conclude con un coro folclorico di Rodeio, il cui repertorio va da ‘Santa Lucia a’ Papà non vuole mamma nemmeno’ passando per ‘La montanara’. In questa scelta quello che mi spaventa non è tanto la presenza del vecchio, quanto la totale assenza del nuovo. Sarà tutta così la cultura italiana del Sud del Brasile? Perchè, in questo caso, più che di preservazione bisognerebbe parlare di mummificazione.”<sup>192</sup>

---

<sup>189</sup> Depoimento de Joana, concedido à autora em Blumenau no dia 28/09/2001.

<sup>190</sup> Idem

<sup>191</sup> BONI, Luis de. (org) **A Presença Italiana no Brasil**. Vol. III. Porto Alegre, Torino: Escola Superior de Teologia, Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

Pasquale Petrone alerta que esse tipo de argumentação é geralmente proferida por intelectuais italianos e até mesmo cientistas sociais, que têm revelado uma total incompreensão no que se refere às manifestações culturais realizadas por imigrantes italianos e seus descendentes. As considerações tecidas por Petrone vão de encontro à perspectiva dos que defendem a adequação desses movimentos a uma imagem de uma *Itália atual*, ou seja, um país que está entre as primeiras potências econômicas do mundo moderno e tecnicamente avançado. Até ai nenhuma grande novidade, mas Petrone traz questões inovadoras. Nesta perspectiva, ressalta que esta imagem (Itália atual) difere da anterior na qual a Itália é percebida como um país fornecedor de massas de emigrantes pobres e analfabetos. Assim, para o autor, manifestações como a do GIBRAC são expressões de uma Itália que é passado:

“Manifestações como as exemplificadas acima são consideradas por muitos como não sendo representativas de uma moderna realidade italiana. Nos casos extremos afirma-se que as manifestações decididamente não são italianas. Considerá-las como não-italianas não significa sempre tão somente diferenciá-las, mas em muitos casos depreciá-las. Nem sempre se trata de mera e fria observação de uma realidade, mas sim uma interpretação preconceituosa dessa realidade.”<sup>193</sup>

Para Petrone, o que realmente importa salientar é o componente ideológico que está implícito neste tipo de argumentação. Enfatiza que são os valores de *modernidade e rusticidade* que se opõem, assim como os valores *urbanos* face aos *rurais*, ou seja, existe uma distinção entre a *moderna Itália* de hoje, e a *Italieta* do último quartel do século XIX, explicitando uma distinção entre o imigrante do *passaporto rosso* que fala a língua italiana, e o *terrone* ou *cafone* que para o Brasil emigrou. (grifos do autor)

O discurso que preconiza uma *Itália atual* estaria então recusando tudo o que lembrasse esse passado da Itália, apagando assim toda a história da emigração. Para Petrone:

---

<sup>192</sup> PROIETTIS, Gianni apud PETRONE, Pasquale. “Imigrantes italianos no Brasil: identidade cultural e integração”. In: BONI, Luis de. (org) **A Presença Italiana no Brasil**. Vol. III. Op. Cit., p628. Este artigo foi publicado anteriormente no “Jornal do Imigrante” (ano 11, n.122, São Paulo, maio de 1988).

<sup>193</sup> Idem, p630.

“Na verdade o equívoco a que se fez referência implica conotações de natureza ideológica bastante complexas, inclusive relacionadas com o próprio conceito de *cultura*. Nesse sentido desperta a atenção o fato, (...) de grande parte das manifestações dos *oriundos* no Brasil serem recusadas culturalmente *italianas* não apenas porque consideradas *arcaicas* – mumificadas, alguém poderia dizer – e conseqüentemente não condizentes com a *modernidade* da Itália atual, não apenas porque vinculadas à condição de *imigrantes* dos antepassados de seus promotores, mas também porque, em última análise, seriam manifestações *menores* (porque populares, e o popular seria tão-somente *folclore*, numa conotação nitidamente depreciativa). O *folclórico*, como lembrado acima, teria componentes de *gheto cultural*.”<sup>194</sup> (grifos do autor)

Um último ponto levantado por Petrone diz respeito ao grande equívoco que esses críticos cometem ao não levarem em consideração as mudanças históricas presentes na vida dos emigrantes, bem como as modificações que se deram na própria Itália. Julga necessário alertar que as transformações culturais ocorridas na Itália são absolutamente distintas daquelas que atingiram os italianos radicados no Brasil e os seus descendentes. Com efeito, determinados traços culturais que desapareceram na Itália ainda se fazem presentes entre os *oriundi* do Brasil. Não obstante, muitas dessas manifestações foram influenciadas por elementos de outros grupos étnicos, fruto das relações interétnicas estabelecidas. Assim:

“Não é demais insistir, as comunidades de *oriundi*, no Brasil não são culturalmente fósseis. Elas diferem, na sua bagagem de vida material, espiritual e social, do *italiano* atual da Itália, e sob tal perspectiva é que deveriam ser compreendidas. Parece-me natural que nesse sentido elas não espelham, e não poderiam espelhar, a *Itália atual*. Convém ter em mente também, entretanto, que tais comunidades não mais espelham, e nem poderiam espelhar, a Itália do tempo da grande emigração. Ainda sempre dentro da mesma perspectiva, é evidente que cabe considerar antes de mais nada a existência de uma profunda diferença entre o que foi a Itália de cem anos atrás e o que é a Itália

---

<sup>194</sup> Ibidem, p631.

hoje, da mesma forma como há uma substancial diferença entre o que foram culturalmente os imigrantes chegados ao Brasil em fins do século passado e o que são seus descendentes hoje.”<sup>195</sup>

Diametralmente oposta é a opinião de Túlio Pascoli (italiano nato) publicada na revista “Insieme”. Com o título “A Itália “romântica” dos ítalo-brasileiros”, o empresário blumenauense tece críticas bastante arrojadas no que se refere às ações que vem sendo realizadas na manutenção da italianidade:

“(…) O que eu gostaria de evidenciar aqui é uma tendência a “romantizar” e a criar uma certa tradição artificial, isto é, produzir uma cultura que não é propriamente italiana. De fato, estamos assistindo a uma verdadeira explosão de festa italianas no interior do Brasil, (…) mas quem conhece a Itália sabe que também estão se idealizando formas folclóricas que não são autênticas, as quais tem bem pouco a ver com as verdadeiras raízes dos imigrantes que chegaram ao Brasil (…)”.<sup>196</sup>

Em dezembro de 2001, a revista “Insieme” publicou outro artigo de Tulio Pascoli, que segue em sua explanação sobre as *contradições* e *distorções* cometidas pelas entidades:

“Ora, eu admiro muito os oriundi que se esforçam em manter vivas as próprias raízes, mas devo igualmente alertar que certas atitudes fogem um pouco dessas raízes que eles pretendem “redescobrir” (...) É frequente ver, por exemplo, ítalo-brasileiros vestidos com roupas imitando as do Tirol, dançando nada menos que uma tarantella com chapéu de montanhês ou tirolês na cabeça e cantando canções como *O sole mio*, *Torna a Surriento*, *Santa Lucia*, etc., que são de origem napolitana. (...) Misturar as duas tradições é o equivalente a misturar cantos e danças da caatinga, as roupas dos cangaceiros do Nordeste brasileiro com os cantos, as roupas e danças dos gaúchos... (...) é preciso alertar que às vezes esse tipo de boa vontade pode produzir efeitos negativos e contrários e no lugar de difundir cultura, se corre

---

<sup>195</sup> Ibidem, p635.

<sup>196</sup> PASCOLI, Tulio. “A Itália “romântica” dos ítalo-brasileiros”. In: **Revista “Insieme”**, nº34 setembro de 2001, p21.



o risco de fazer uma “anti-cultura”. A esses aspectos pouco ortodoxos, se soma a imagem negativa que se forma diante dos italianos, os quais estranham estas misturas “meio gastronômicas” e as acham divertidas...”.<sup>197</sup>

O interessante é que a maioria dessas questões foi levantada nos anos de 2000 e 2001, justamente quando se inicia de uma maneira mais intensa a aproximação do Círculo Trentino com o Grupo Folclórico de Castello Tesino (Trento). No capítulo anterior, foi visto que muitas das “lacunas” apontadas pela Família Trentina e críticos da “Itália romântica dos brasileiros” estão sendo paulatinamente preenchidas. Sobretudo com relação aos trajes e danças, que nesta perspectiva de *autenticidade* trentina estariam agora de acordo. Contudo, tudo indica que o Círculo Trentino não tem muita clareza com relação aos elementos pertinentes ao “italiano” que deseja forjar. Isto porque, se por um lado trabalha para uma especialização e aproximação crescente com o paese de Castello Tesino, por outro apoia e incentiva o “resgate” de costumes dos primeiros emigrantes “italianos” que vieram para a região. Desta maneira, são também favoráveis à manutenção do dialeto, da polenta com galinha, antigas canções, etc.

Na outra ponta, para um depoente italiano nato e membro da Família Trentina, as ações em torno da italianidade devem estar voltadas para uma aproximação com o que hoje é considerado típico na Itália. Para tanto, acredita que é preciso apresentar e trazer esses hábitos para o Brasil. Uma dificuldade apontada está na persistência dos italianos-brasileiros em manter costumes que são completamente diferentes do italiano da Itália. Esse olhar “estrangeiro” e etnocêntrico sobre o descendente italiano aqui do Brasil é melhor percebido no trecho abaixo:

“O brasileiro que vai para a Itália e come a pizza pela primeira vez, não gosta. Porque a pizza de lá é bem diferente da pizza daqui, a primeira vez não gosta, depois vai comer a segunda vez, a terceira e vai entender o que é pizza (...) outra coisa, para nós italianos o ato de

---

<sup>197</sup> PASCOLI, Tulio. Revista “**Insieme**”, nº 36 dezembro de 2001, p22. O autor é italiano e vive no Brasil há 25 anos.

comer é um ritual, (...) tudo separado. O italiano daqui, junta tudo. Não consegue sentir o gosto das coisas...”.<sup>198</sup>

Para além dessas diferenças, o que importa salientar é a política de italianidade que perpassa esse discurso. A intenção de aproximar as manifestações à uma “Itália atual”, sejam elas de danças, festas, músicas, trajes e culinária, está diretamente relacionada ao ensino da língua italiana e à possibilidade de viajar para a Itália, seja para trabalhar, estudar ou até mesmo morar no país. Desta maneira, a Família Trentina quer,

“(…) apresentar uma Itália atual. Nós não queremos viver do passado, aquela coisa nostálgica, da saudade, Mérica Mérica, o sofrimento que eles tiveram para vir para cá, e não sei o que. Nós queremos uma coisa para o jovem. Por exemplo, meu filho é brasileiro e também italiano, meu filho vai estudar aqui, mas eu quero que meu filho tenha a possibilidade de fazer um curso na Itália, universitário, uma pós-graduação, um doutorado, quem sabe? (...) Eu quero que ele tenha o conhecimento da Itália de hoje, não quero que ele vá para lá e depois sofra, porque achava que a Itália era aquela Itália do ano de 1875.”<sup>199</sup>

A postura da Família Trentina com relação ao ensino da língua italiana é vista de diferentes maneiras pelos integrantes do Círculo Trentino. Alguns, mais enfáticos, afirmam que sem o apoio do Círculo a nova entidade não irá obter resultados. O relato abaixo exprime esse descontentamento:

“Uma coisa que existe que eu tenho observado, é que eles não trabalham com o círculo nessa parte, é uma coisa desintegrada. É uma pena porque poderia haver um intercâmbio com a Itália diretamente. É um trabalho isolado, e todo trabalho isolado ele tende a ir até um ponto e depois morrer. (...) Eu pessoalmente eu não ensinaria o italiano, isso eu já tenho me manifestado, eu ensinaria para nós, para a nossa região, o dialeto. A gente devia cultivar e manter com as nossas crianças e os nossos jovens. Nada contra o italiano gramatical, absolutamente. Acho que certas expressões são importantes. Mas eu vi na Itália que eu pude me manifestar e me sai muito bem no dialeto,

---

<sup>198</sup> Depoimento de Joana, concedido à autora em Blumenau no dia 28/09/2001.

estive em Roma, Veneza e não tive nenhum problema com o dialeto. (...) Então eu acho que a língua italiana, eu não vejo um grande sucesso, se isso vai ter continuidade. (...) inclusive eu acho que as pessoas não estão preparadas, os professores que se formaram no magister, eu acho que não estão preparados, porque você tem que viver a instrução, e essa vivência seria o que? Fazer um estágio na Itália. Tem que falar porque qualquer língua tem que ter conversação, porque sem conversação só serve para instruir e está sujeita com o tempo diminuir e a desaparecer.”<sup>200</sup>

Enquanto outros colocam que,

“Nós preservamos o dialeto e incentivamos o italiano. Tanto assim que temos pessoas do próprio grupo que dão aulas aqui gratuitamente para alguns alunos. (...) Eu acho que é uma pena que não colocaram o ensino de italiano antes. Porque uma vez veio uma pesquisa do Estado pedindo o que queria de língua estrangeira, e os diretores e professores sem consultar a gente escolheram o inglês. E agora eles estão vendo que não é bem assim.”<sup>201</sup>

Ou ainda que “a introdução da língua italiana nas escolas de Rodeio veio a calhar com a nossa cultura. Acho uma ótima idéia”.<sup>202</sup>

Até o momento em que foi finalizada a pesquisa, a Família Trentina, bem como o comitato da Dante Alighieri, estavam em fase de implementação. A maior dificuldade apontada para concretizar os projetos está na escassez de recursos. Um depoente afirma que os Círculos Trentinos recebem da Província de Trento muito mais recursos financeiros do que a União das Famílias Trentinas. Assim:

“É óbvio que a força é diferente porque com dinheiro você faz tudo, só que devagarinho com pessoas humildes, sérias e competentes e além disso com pessoas jovens as coisas vão mudando. (...) E se

---

<sup>199</sup> Ibidem.

<sup>200</sup> Depoimento de José (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2001.

<sup>201</sup> Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2000.

<sup>202</sup> Depoimento de Mário (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.

muda em Rodeio, muda em qualquer lugar que tem comunidade trentina. Existe um medo muito grande nas pessoas. Repito, comigo a política não pode entrar porque eu tenho amigos em qualquer partido.”<sup>203</sup>

Como se pode notar, as disputas políticas aparecem ao longo de todo o processo de (re)invenção da italianidade. E, portanto, o forjar de uma “identidade italiana” passa também por interesses pessoais e políticos, e é através das relações de poder estabelecidas que as ações em torno dessa edificação se modificam. Assim, foi possível pontuar óticas diferenciadas em torno dos direcionamentos e concepções da *italianità* e perceber que as tramas dessa teia são de tonalidades diferenciadas. Todavia, um olhar mais atento observa que as peças na quais se urdem os ramos das teias são bastante similares. Em outras palavras: os dois grupos articulam-se na tentativa de construir uma “identidade” para a cidade, buscando instituir uma unicidade que não contempla as diferentes manifestações e grupos existentes.

## **2 – Juventude: herdeira da italianidade?**

Conforme visto, as diferentes políticas de italianidade buscam delimitar uma identidade étnica razoavelmente estável para a cidade. Para além desta tentativa, existe uma “realidade” efetiva que destoa destes discursos. Nesta direção, entre os inúmeros desdobramentos possíveis de serem analisados, a ressonância destas políticas na juventude rodeense é emblemática.

Nas conversas realizadas com participantes do Círculo Trentino e da Família Trentina são frequentes as referências aos jovens de Rodeio, sobretudo no que se refere à manutenção da italianidade. Esse apelo para que a juventude se engaje na perpetuação e divulgação da “cultura italiana” pode ser percebido no seguinte relato de um integrante do Círculo Trentino.

---

<sup>203</sup> Depoimento de José (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2001

“Então em Rodeio hoje, os descendentes de trentinos, as pessoas que querem se engajar, participar, precisam procurar conhecer o que os antepassados deixaram (...). Outra coisa que tem que ter é vontade de participar dos acontecimentos, saber que essa comida se você nunca experimentou, experimente, procurar participar dos cantos, etc. As danças aqui, as danças trentinas acontecem apenas na festa, mas nos bailes é música bastante alemã, gauchesca, samba, então se perde muito, só se você tem os filhos que participam. Agora, a pessoa tem que se sentir orgulhosa que tem uma língua (...). Então é importante que os pais ensinem aos seus filhos o dialeto que é gratuito, enquanto que o inglês e o espanhol tem que ser adquirido. Então tem que ter esse valor, essa busca, essa participação, esse engajamento junto com a cultura. E uma das maneiras é participar do Círculo Trentino, nas festas, etc. Temos alguns jovens que participam, mas são poucos. E é muito importante que eles venham fazer parte para dar continuidade ao nosso trabalho.”<sup>204</sup>

Como se pode ver, são poucos os jovens que participam ativamente das manifestações fomentadas pelo Círculo Trentino. Uma outra fala ilustra bem esta preocupação em seduzir o jovem para participar do “movimento”:

“A juventude não é fácil de trazer para o grupo, esses que estão entrando estão vendo as vantagens, foram para a Itália, mas tem gente que quer ir para a Itália sem participar do movimento, e daí não dá. Quem não participa não vai. Eles talvez teriam vontade mas não estão encontrando o caminho certo. Agora são 10, 12 jovens no Círculo. Muitos vêm e depois começam a desanimar e não vêm mais.”<sup>205</sup>

São dois os aspectos de maior relevância que aparecem nos discursos. Primeiro, a questão do uso do “dialeto trentino”. De acordo com os depoimentos, é preciso um esforço contínuo para que o dialeto não desapareça. Como já visto, essa é uma preocupação manifesta pelo Círculo Trentino e que aparece na coluna “Pró – Dialeto” escrita por Iracema Moser Cani publicada no jornal “O Corujão”, bem como nas discussões acerca da inclusão

---

<sup>204</sup> Ibidem.

<sup>205</sup> Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.

da língua italiana nas escolas de Rodeio. Em segundo lugar, a dissonância entre o “gosto” da juventude e o que é exaltado pelo Círculo Trentino. Uma enquete<sup>206</sup> aplicada junto aos alunos do 1º Ciclo do Ensino Médio do Colégio Estadual Oswaldo Cruz traz alguns indícios interessantes para pensar esta problemática.

Cento e oito alunos responderam o questionário que trazia 26 questões objetivas referentes à moradia, ao uso do dialeto trentino, à alimentação, ao gosto musical, ao acesso a internet, etc. Ainda que não seja possível fazer uma análise aprofundada, a enquete permite desenhar um perfil de alguns dos hábitos da juventude rodeense. Neste sentido, ela sugere que, embora a maioria faça uso da língua italiana e/ou do dialeto trentino, isso ocorre de maneira ocasional. Com efeito, os dados demonstram que 81 alunos falam italiano ou dialeto trentino, embora apenas 9 falam frequentemente, enquanto que 38 falam às vezes e 34 quase nunca falam. A tabela abaixo permite verificar estes dados em relação aos pais desses alunos.

<b>Filhos</b> <sup>207</sup>	HIF	HIQ	HIN	HCF	HCQ	HCN	MIF	MIQ	MIN	MCF	MCQ	MCN
<b>Pais</b>												
Falam freq.	02	05	02	01	01		02	08		02	01	
O pai fala freq.		02	04	02	01	01		02			02	
Pais falam às vezes ou quase nunca		13	01		04	01		04			07	
Pai às vezes					01			01	01		02	
Os pais nunca		02	06			02		01	04		01	03
Pai às vezes e mãe freq		02			02			03			01	
Mãe às vezes e pai não fala					01				01		01	
Mãe freq e pai não fala		01				01		01				
<b>Total</b> <sup>208</sup>	02	25	11	03	10	05	02	20	06	02	15	03

<sup>206</sup> Ver questionário anexo.

<sup>207</sup> As siglas significam respectivamente: **HIF**: Homens do interior falam com frequência; **HIQ**: Homens do interior que falam às vezes ou quase nunca; **HIN**: Homens do interior que nunca falam; **HCF**: Homens do centro que falam com frequência; **HCQ**: Homens do centro que falam às vezes ou quase nunca; **HCN**: Homens do centro que nunca falam; **MIF**: Mulheres do interior que falam com frequência; **MIQ**: Mulheres do interior que falam às vezes ou quase nunca; **MIN**: Mulheres do interior que nunca falam; **MCF**: Mulheres do centro que falam com frequência; **MCQ**: Mulheres do centro que falam às vezes ou quase nunca; **MCN**: Mulheres do centro que nunca falam.

<sup>208</sup> Cabe observar que 1 homem que não disse onde mora – fala às vezes e os pais também; 1 homem que não disse onde mora – fala frequentemente e os pais também; 1 homem de outro município não fala e os pais também; 1 mulher que mora em outro município quase nunca fala e os pais também.

Analisando os dados referentes dos que não falam “dialetto trentino” e/ou italiano pode-se inferir que seus pais em sua maioria quase nunca falam ou simplesmente não falam. Por outro lado, o fato dos pais, falarem frequentemente não implica que os filhos façam o mesmo. Pelo contrário, a grande maioria dos depoentes afirmou que fala às vezes. Neste sentido, a resultante desta pesquisa – ainda que bastante estrita – está em sintonia com o que vêm sendo colocado por entidades como o Círculo Trentino e a Família Trentina, ou seja, que o “dialetto trentino” está paulatinamente deixando de ser utilizado. Todavia, enquanto que para o Círculo Trentino a língua (dialetto trentino rodeense) é um dos elementos de maior valor distintivo e que portanto ela precisa ser “resgatada” e preservada, para a Família Trentina a extinção do dialeto está próxima e é irreversível.

Para além das questões relacionadas ao uso do “dialetto trentino”, elementos como a música e os hábitos alimentares merecem destaque. No que se refere à música, foi perguntado qual o gênero que o(a) aluno(a) gosta de dançar e o ritmo que prefere ouvir. Dentre as várias opções, a música italiana teve uma inexpressiva aceitação, ficando acima apenas da música clássica. Dos 108 alunos entrevistados, apenas 3 citaram a música italiana como opção para dançar ou ouvir. Já o gênero que mais agradou foi o *pop rock*, embora o *gauchesco*, o sertanejo e a *tecno dance* tenham também figurado entre os preferidos.

A preferência de uma grande parte dos jovens por outras músicas que não a italiana é do conhecimento do Círculo Trentino e da Família Trentina. Para o Círculo, a justificativa do ecletismo musical presente na festa “La Sagra” é justamente em função de que “é a juventude que quer escutar música de fora”.<sup>209</sup> Por outro lado, a entidade procura (re)positivar músicas que consideram “tipicamente italianas” e, paralelamente, incentivar os jovens a participarem da entidade através das possibilidades de intercâmbio com a Itália. Por sua vez, a Família Trentina também aposta nos intercâmbios enquanto estratégia de sedução dos jovens rodeenses. Todavia, ao contrário do Círculo, ela busca arregimentá-los a partir de elementos da Itália contemporânea. Assim, a intenção é trazer as últimas novidades musicais da Itália para festas como a “La Sagra”, o que seduziria os jovens que, de acordo

---

<sup>209</sup> Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.

com participantes da Família Trentina, têm maior abertura do que as pessoas mais velhas, as quais estão presas ao passado.<sup>210</sup>

Deixando um pouco de lado as estratégias empreendidas pelas entidades que (re)inventam uma italianidade para o município, é possível pensar a evidência musical presente nos dados computados. Claramente, pode-se notar que o gosto musical da juventude rodeense não difere muito de jovens residentes em outros lugares. Tal afirmação pode ser relacionada com o que Renato Ortiz<sup>211</sup> chama de *mundialização da cultura*. Para Ortiz, esta mundialização se revela no cotidiano das pessoas e está visível na alimentação, vestuário, filmes, aparelhos eletrônicos, etc. Ao analisar a repercussão da música “enka” no Japão, o sociólogo tece considerações bastante interessantes e que, guardadas as devidas proporções, trazem algumas similitudes com a preferência dos jovens de Rodeio pelo gênero *pop rock*.

A música “enka” no Japão é desvalorizada pela juventude que a considera desgastada e ligada ao passado. Nesta perspectiva, as novas gerações a fim de se diferenciarem das anteriores, fazem uso de símbolos mundializados, tais como o rock-and-roll. De acordo com Ortiz,

“não se trata porém de uma mera preferência dos jovens, ela se associa a todo um modo de vida – frequência às casas noturnas, concertos, *shopping centers*, etc. As rádios FM, que massivamente veiculam, não são apenas um meio de comunicação, mas instâncias de consagração de um determinado gosto (...)”.<sup>212</sup>

---

<sup>210</sup> Cabe lembrar que a Província Autônoma de Trento através da Associação Trentini nel Mondo e da União das Famílias Trentinas, vêm buscando se aproximar dos jovens trentinos e descendentes de trentinos espalhados nos quatro cantos do mundo. Um exemplo interessante são os congressos mundiais de jovens trentinos. O primeiro deles, o Congresso Mondiale della Gioventù Trentina, aconteceu em Trento no ano de 1998. Os principais objetivos foram: pensar as sugestões, propostas e hipóteses de trabalho para elaborar uma nova política provincial de emigração, em consonância com os tempos atuais e mais atenta às necessidades das novas gerações. Segundo, favorecer o encontro dos jovens de origem trentina que vivem, trabalham e estudam nas várias partes do mundo e por último, encorajar a construção de uma nova relação entre as associações trentinas no exterior e os jovens, promovendo maior interesse destes pela vida associativa. Após esta primeira iniciativa foi criado um grupo europeu e uma redação internacional visando manter o contato com grupos de diferentes países. A revista “Trentini nel Mondo” destina ainda um espaço mensal para divulgação do grupo jovem. Conforme: **Trentino Emigrazione: bollettino trimestrale per gli emigranti**. PAT – Dipartimento Cultura n°5 – Aprile, Maggio, Giugno, 1997 p10.

<sup>211</sup> ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

<sup>212</sup> Idem, p202.



Assim como a música, os dados referentes à alimentação são importantes para se pensar esta temática. A grande maioria dos entrevistados optou pela chamada *fast food*, ou seja, comidas como cachorro-quente, batata frita, x-salada, etc.<sup>213</sup>

É então possível afirmar que, se por um lado a maioria desses jovens congregam especificidades tais como o uso do “dialeto trentino”, de outro lado partilham elementos de uma cultura mundializada. Ao privilegiar os aspectos relacionados à sociedade de consumo, Renato Ortiz afirma que “(...) ela se transformou numa das principais instâncias mundiais de definição da legitimidade dos comportamentos e dos valores”.<sup>214</sup> No entanto, adverte que uma cultura mundializada não significa a destruição de manifestações culturais díspares mas, ao contrário, ela coabita e se alimenta destas. Assim, embora considere que o processo de mundialização é um fenômeno social que envolve todo o conjunto das manifestações culturais, observa que este “traço comum” não implica em uma homogeneidade, admitindo contudo a existência de uma *estandardização* de diferentes esferas da vida moderna, como por exemplo a produção serializada de artefatos culturais.<sup>215</sup>

No que se refere à alimentação, Ortiz destaca que com a modernidade rompe-se a relação entre lugar e alimento. Em outras palavras, a diversificação dos produtos e a passagem da cozinha *tradicional* para uma cozinha industrial, que ocorreu durante o século XX, ocasionou uma desterritorialização da alimentação, que passou a ser distribuída em escala mundial. Assim sendo,

“A comida industrial não possui nenhum vínculo territorial. Não quero sugerir que os pratos tradicionais tendam com isso a desaparecer. Muitos deles serão inclusive integrados à cozinha industrial. Mas perdem sua singularidade. Existiria alguma “italianidade” nas pizzas Hut, ou “mexicanidade” nos tacos Bell”? Os pratos chineses, vendidos congelados nos supermercados, têm algum sabor do império celestial?”.<sup>216</sup>

<sup>213</sup> Todavia, a macarronada também teve uma expressiva aceitação.

<sup>214</sup> ORTIZ, Renato. *Ibidem*, p10. Um outro ponto interessante abordado por Ortiz é a diferenciação que este estabelece entre os termos “global” e “mundial”. O primeiro deles se refere aos processos econômicos e tecnológicos, enquanto que o segundo é reservado para tratar especificamente da esfera cultural.

<sup>215</sup> *Idem*, pp 30-33.

<sup>216</sup> *Idem*, p81.

Para Ortiz, a preferência pelo *fast food* que tão bem aparece nos questionários está diretamente relacionada com um novo padrão alimentar que têm sua gênese nos Estados Unidos durante as décadas de 20 e 40. Este fenômeno está ligado ao surgimento das grandes companhias processadoras de comida e ao modo de vida urbano. Todavia, o sociólogo adverte que perceber esta desterritorialização enquanto mera “imitação” do *american way of life* não dá conta dos múltiplos aspectos que perpassam este fenômeno. Para ele, é preciso pensá-lo enquanto “mecanismo interno de uma “mega-sociedade” que se expandiu”.<sup>217</sup>

Nesta direção, as considerações acima vão ao encontro dos dados contidos no questionário aplicado junto aos alunos do Colégio Oswaldo Cruz. Por exemplo, ainda que a maioria dos alunos não tenha computador em sua residência, 50 pessoas acessam a internet no próprio colégio. A presença de uma “comunicação de massa” é também perceptível ao observar os números referentes à frequência com que assistem televisão, ou seja, 91 alunos vêem televisão mais de 3 vezes por semana. O mesmo pode-se dizer daqueles que em dezembro têm suas residências enfeitadas com árvores natalinas e a figura do papai noel (95 pessoas); fato este bastante emblemático uma vez que tal figura é uma invenção bastante recente (foi a empresa Coca-Cola Co., que na década de 30 popularizou a figura do papai noel convenientemente vestida nas cores vermelha e branca da corporação para vender seu produto durante o inverno).<sup>218</sup>

Nesta perspectiva, tudo parece indicar que este perfil dos jovens rodeenses está também interligado com as mudanças produzidas pela chamada “globalização” da “modernidade tardia”.<sup>219</sup> Embora o fenômeno da globalização não seja recente, é a partir da década de 70 do século XX que aumenta o ritmo da integração global. Desta maneira, segundo Stuart Hall:

“Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar

<sup>217</sup> Ibidem, p97

<sup>218</sup> Conforme: [www.cocacolaalways.hpg.ig.com.br/natal.htm](http://www.cocacolaalways.hpg.ig.com.br/natal.htm) / Capturado em 28/01/2003.

<sup>219</sup> O termo “modernidade tardia” é utilizado por: HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (...), dentre as quais parece possível fazer uma escolha.”<sup>220</sup>

Assim, a *mundialização da cultura* como define Ortiz, ou a *integração global* como sugere Hall, tem intensificado o número de identidades culturais híbridas<sup>221</sup> e deslizantes, que transitam por diferentes “lugares” e que “(...) retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais (...)”.<sup>222</sup> Com efeito, segundo Hall, o sujeito descentralizado da modernidade compreende não uma, mas várias identidades muitas vezes contraditórias e cambiantes. Por sua vez, as múltiplas identidades, definidas historicamente são constantemente reformuladas a partir das relações sociais estabelecidas, ou melhor, das interpelações e representações dos sistemas culturais que nos circundam.<sup>223</sup>

---

<sup>220</sup> Ibidem. p75.

<sup>221</sup> Uma abordagem interessante sobre os sujeitos híbridos está em: BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998.

<sup>222</sup> HALL, Stuart. Ibidem, p88.

<sup>223</sup> Idem.

### **CAPÍTULO III - ITALIANIDADE: UM PERCURSO A SER CONCLUÍDO**

Ao falar dos atuais projetos de italianidade não é possível deixar de fazer referência àqueles que os antecederam. Tais como as políticas de italianidade de agora, eles desejavam forjar uma “identidade” para a população local. Ainda que tragam especificidades e, principalmente, interesses diversos das atuais propostas, esses projetos também enfrentaram obstáculos de sedimentação. Desta maneira, em um primeiro momento busquei mapear as iniciativas anteriores de implementação de um sentimento de “italianidade”. Em seguida, procurei perceber quais as dissonâncias presentes nas manifestações culturais dos imigrantes trentinos e de seus descendentes que vão de encontro aos discursos dos que professam a italianidade. Por último, tratei dos acontecimentos em torno da Segunda Guerra Mundial que provocaram um refluxo dessas primeiras iniciativas de difusão da italianidade.

#### **1 – Os diferentes projetos de italianidade: da imigração ao entre guerras**

A presença de indivíduos que falavam italiano no Brasil remonta à época de seu descobrimento, com os viajantes do século XVI e também com refugiados políticos, jesuítas, mercadores e marinheiros. Um século depois, contou com a visita de geógrafos, etnógrafos e militares. No entanto, a emigração “italiana” para o Brasil entre os séculos XVI e XVIII foi considerada insignificante. É no início do século XIX que a emigração se impulsiona com alguns condenados políticos, pequenos comerciantes e vários refugiados. Não obstante, a partir das últimas três décadas do século XIX a emigração transformou-se em um fenômeno de massa, principalmente entre os anos de 1887 e 1902, o que resultou num substancial aumento da população brasileira. Entre 1880 a 1914 o Brasil foi o terceiro lugar no fluxo de emigrantes italianos, só perdendo para os EUA e a Argentina. Vários são os estímulos apontados pelos historiadores com relação a vinda destes imigrantes.<sup>224</sup> No Brasil, a escassa densidade demográfica aliada à necessidade de mão-de-obra para o café e,

---

<sup>224</sup> Uma motivação importante apontada por Possamai, foi a influência a partir da luta entre o Estado e a Igreja Católica fazendo com que muitas pessoas decidissem pela emigração, marcadas pelo conservadorismo e pelo espírito clerical. Outras motivações importantes foram o avanço das idéias socialistas, da urbanização crescente e do militarismo. Ver: POSSAMAI, Paulo César. Op. Cit., pp 75 – 90.

neste caso, de uma mão-de-obra branca e européia para produzir o “branqueamento” da população brasileira, contribuiu para o ensejo desta população.

Já na Itália, e também no “Tirol Meridional” ou “Tirol Italiano” (que pertencia ao Império Austro-Húngaro)<sup>225</sup>, a principal motivação apontada pelos estudiosos do assunto foi sem dúvida a miséria que assolava estas regiões. Para Angelo Trento, o fluxo de imigração foi determinado tanto por motivos de ordem demográfica (diminuição da mortalidade e estabilização da natalidade após 1870), quanto de ordem econômica (crise agrícola nos anos 80).<sup>226</sup> Entre as causas menores estavam: a diminuição da procura de mão-de-obra no Império Austro-Húngaro e na Alemanha, que funcionavam como mercados de trabalho temporário, o esgotamento da fase de obras públicas e a alta taxa sobre a moagem de farinha. Desta maneira, os fatores de expulsão sobrepuseram-se aos fatores de atração da imigração.

Mas vale lembrar que os fatores de atração, ou seja, as propagandas veiculadas no período, também contribuíram e muito para as pessoas emigrarem. Segundo Roselys Santos, muitas dessas propagandas recorreram ao antigo mito do “país da cocanha” para incentivar a imigração.<sup>227</sup> Deixando um pouco de lado as motivações que influenciaram a decisão de emigrar, interessa aqui analisar as experiências dessas pessoas em terras catarinenses.

Apinhadas em navios que levavam cerca de 20 a 30 dias para chegar, passaram por toda a sorte de infortúnios, desde as péssimas condições de higiene e alimentação até a superlotação dos navios. O índice de mortalidade era elevado, principalmente a infantil. Tal situação torna-se inteligível ao levarmos em consideração os interesses que permearam este processo.<sup>228</sup> De um lado, os interesses dos armadores e das sociedades de navegação italiana, para quem quanto mais gente trouxessem, melhor. E de outro, os interesses dos

---

<sup>225</sup> A região era então conhecida como “Tirol Meridional” ou “Tirol Italiano”, nome imposto a partir de 1854 no lugar de “Trentino”. Com o término da I Grande Guerra, em 1919 foi então anexada à Itália e dividida em duas Províncias: Trento e Bolzano

<sup>226</sup> TRENTO, Angelo. Op. Cit., pp30-40.

<sup>227</sup> São muitas as obras que tratam das propagandas enganosas que permearam todo o processo da imigração italiana. Um exemplo interessante está em: SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. **A Terra Prometida Emigração Italiana: Mito e Realidade**. 2.ed. Itajaí: Ed. da UNIVALI, 1999.

<sup>228</sup> O autor Luiz Amado Cervo fez uma pesquisa sobre as relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861. Afirma que “(..) as relações com o Brasil evoluíram para um entrelaçamento crescente, sob o impulso sucessivo ou simultâneo de fatores tais como o elemento demográfico, o comercial, o econômico, o cultural e o afetivo”. Para o autor até o término da I Guerra a iniciativa foi brasileira, sendo que a partir da década de 20 equilibraram-se os interesses e as iniciativas. Ver: CERVO, Luiz Amado. As Relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861. In: **A Presença Italiana no Brasil** Vol. II. Op.Cit., p21-35.

governos italiano e brasileiro.<sup>229</sup> Os italianos e trentinos ao chegarem no Brasil foram enviados para as fazendas de café para trabalharem como *braccianti*, principalmente em São Paulo e no Espírito Santo - e neste último, logo convertidos em pequenos proprietários - ou ainda para as “bordas” dos núcleos coloniais já existentes no Sul do país.

Uma vez no Brasil, eram hospedados em barracões gratuitamente por um período de até oito dias. Contudo, nos anos de maior afluência, a impossibilidade de abrigar a todos fez com que muitos imigrantes fossem obrigados a mendigar pelas ruas ou a se amontoarem nas hospedarias. Várias foram as dificuldades encontradas: o excesso de pessoas nos barracões de hospedagem, o não cumprimento dos contratos por parte do governo e, especificamente para os que se dirigiram aos núcleos coloniais, o desbravamento da floresta, o relativo isolamento inicial, os animais ferozes e peçonhentos e o encontro com grupos indígenas. Em Santa Catarina a grande maioria foi para as chamadas “valadas”.<sup>230</sup> É também verdade que, apesar das péssimas condições a que foram submetidos, o governo da Itália pouco ou nada fez, embora a imprensa italiana não tenha cessado de denunciar as falsas propagandas com relação ao Brasil. Em contrapartida, não faltaram aqueles que fizeram apologia do Brasil.

E é justamente entre os apologistas que aparecem na imprensa os divulgadores do mito da *Itália Più Grande* (Itália Maior) que, além dos aspectos comerciais, destacavam o caráter político da sua propaganda. A pretensão “(...) não era tanto a criação de novas Itálias, mas de fortes unidades étnicas na terra americana, através das quais seriam transmitidas as tradições, a língua e a cultura italiana”.<sup>231</sup> Um outro trecho compilado por Angelo Trento demonstra algumas das intenções presentes neste projeto de buscar instaurar uma “política de italianidade”: “Novas Itálias, portanto, não mas (...) povos densos em galhardos de civilização latina, com maneiras nossas, assimiladas ao nosso gênio, unificados continuamente por um incessante movimento emigratório proveniente da Itália e com ela em relação perene, intelectual e material”.<sup>232</sup>

---

<sup>229</sup> Com relação aos interesses que envolviam a emigração transoceânica, tal como o envio de remessas de dinheiro para os parentes que na Itália ficaram, ver: TRENTO, Angelo. Op. Cit., p44. Bem como: GROSSELLI, Renzo. **Vencer ou Morrer: Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas Florestas Brasileiras 1875-1900**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

<sup>230</sup> Valadas ou valatte, significa o mesmo que vales, que eram de diversas dimensões com matas extremamente cerradas e distantes cerca de 50 km da sede colonial.

<sup>231</sup> TRENTO, Angelo. Op., Cit., p57.

<sup>232</sup> Idem.

Com efeito, a língua e a cultura italiana adquirem dimensões políticas com a consolidação do Estado nacional italiano. Segundo Pedro Ghirardi, a intenção de forjar e expandir a identidade cultural italiana, ou melhor a *italianità*, aparece durante as duas últimas décadas do século XIX principalmente nos ministérios presididos por Crispi.<sup>233</sup> Nesta mesma perspectiva, a pesquisa realizada por Geraldo Rogatto revela que o jornal de São Paulo “*Fanfulla*”, em 1893, já lançava apelos à união da comunidade italiana em nome de uma *italianità* única, em total recusa aos regionalismos que imperavam naquele momento. Assim, existia uma pretensão de aglutinação e fortalecimento dos imigrantes provenientes de diferentes regiões em torno de uma única identidade; da “identidade italiana”, incitados não apenas pelo governo italiano mas por nacionalistas convictos que para cá vieram. Tudo indica que esse primeiro projeto de italianidade estava vinculado ao desejo, tanto por parte dos dirigentes italianos quanto de imigrantes italianos nacionalistas, em divulgar e cristalizar a unificação do Reino da Itália.

Mas em que medida esse tipo de discurso encontrou ressonância aqui no Brasil e, mais especificamente em Santa Catarina? Nas palavras de Geraldo Rogatto, a “identidade italiana” surgiu somente quando os imigrantes se inseriram na economia colonial. Isto porque essas pessoas identificavam-se com o “paese” ou região de origem e, portanto, não se percebiam como “italianas”, tanto as que pertenciam ao reino da Itália, quanto as que estavam vinculadas ao Império Austro-Húngaro. Será portanto frente aos “brasileiros” que eles se descobrem “italianos”.<sup>234</sup> Esta denominação surgiu e se fortaleceu com os conflitos decorrentes da concorrência com o trabalhador nacional. Partilhando da mesma perspectiva, a antropóloga Adiles Savoldi afirma que “(...) as diferenciações internas e o estranhamento são revelados dentro do próprio grupo, mas quando comparados aos “outros”, as diferenças internas não desaparecem, mas são enfatizadas as semelhanças, como no caso a disposição para o trabalho”.<sup>235</sup>

Importa frisar que não é minha intenção estabelecer uma *causa* ou um *marco* específico para o surgimento de uma “identidade italiana” entre os imigrantes. Não obstante, embora seja correto afirmar que circunstâncias históricas contribuíram para a constituição de um sentimento de pertença, isto não significa que essas circunstâncias se deram

---

<sup>233</sup> Conforme: GHIRARDI, Pedro Garcez. Op. Cit., p20. Francesco Crispi participou do governo italiano entre 1887 a 1896, exercendo a Presidência do Conselho, e ainda dos Ministérios do Exterior e do Interior. Ver: [www.italy.kit.net](http://www.italy.kit.net) / Capturado em 18/10/2002.

<sup>234</sup> Ver: ROGATTO, Geraldo Matheus. Op. Cit., pp 411-421.

<sup>235</sup> SAVOLDI, Adiles. Op. Cit., p30.

concomitantemente, nem tampouco que seduziram todas as pessoas e há um só tempo. Ainda que Rogatto afirme o surgimento de uma “consciência” generalizada de pertencimento entre os imigrantes, é possível pensar que a “identidade italiana” surge tanto em oposição aos brasileiros (ao afirmar como etnia superior perante o “outro”), quanto também inversamente, a partir do olhar desse “outro” (que percebe essas pessoas enquanto um bloco homogêneo).<sup>236</sup>

Todavia, por vários anos o traço distintivo foi sem dúvida o regionalismo, que nas palavras de Trento era “(...) um processo cumulativo, por mecanismo de homogeneidade e solidariedade restrita, que se traduziria até mesmo em exclusivismo na escolha das localizações geográficas ou inclusive de bairro”.<sup>237</sup> Esse apego regional deu-se por motivos diferenciados, desde a total incompreensão da língua falada por outra região até as antigas rivalidades regionais.

“(…) entre as primeiríssimas famílias que se estabeleceram naquele que sucessivamente se teria tornado o Distrito de Nova Trento, parte de Monza e parte de Valsugana, foram detectados graves problemas de comunicação verbal. Os monzenses pensavam que os valsuganotos fossem alemães e os valsuganotos pensavam outro tanto dos monzenses.”<sup>238</sup>

Um outro fator importante que também contribuiu para dificultar a constituição de uma *Itália Più Grande* foi a situação peculiar do Tirol Italiano. Isto porque a grande maioria dos camponeses que lá viviam não se engajou na luta pela unificação, devido ao conservadorismo e clericalismo que influenciavam a sociedade trentina. A posição anti-liberal do clero fez com que muitos imigrantes trentinos no Brasil fizessem questão de se

---

<sup>236</sup> A antropóloga Antonella Tassinari ao fazer uma reflexão acerca dos estudos referentes à noção de fronteira, ressalta que segundo Fredrik Barth, é através de uma determinada situação de intercâmbio que aparecem as distinções étnicas. Para Barth, não se trata de enfatizar a resistência das tradições, mas sim a produção da diferença e a sua manutenção. Nesta mesma perspectiva, cita os antropólogos Gupta e Ferguson que consideram imperativo explorar os processos de produção da diferença num mundo culturalmente, socialmente economicamente e espacialmente interconectado. Assim, (...) *a proposta é entender a diferença cultural como produto de processos históricos compartilhados que diferencia o mundo bem como o conecta.*” Ver: TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da, FERREIRA, Mariana Kawall Leal (orgs). **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola.** São Paulo: Global, 2001.

<sup>237</sup> TRENTO, Angelo. Op. Cit., pp161-162.

<sup>238</sup> GROSSELLI, Renzo. Op. Cit., p 432.



diferenciar dos “italianos” como “tirolezes”, nem tanto por um nacionalismo austríaco mas sim para não serem associados a um país condenado pela Igreja Católica.<sup>239</sup>

Assim, o projeto de italianidade que buscava aglutinar os diferentes grupos em torno da constituição de uma *Itália Più Grande* encontrou empecilhos para sua sedimentação, sobretudo pela dificuldade de congregar “emigrantes italianos” que se caracterizavam por uma polifonia de sons, gostos e valores.<sup>240</sup> Além disto, conforme já pontuado, questões outras que não a heterogeneidade cultural contribuíram para a recusa - por parte de muitos italianos e trentinos - da italianidade oficial. Neste particular, cabe referência às restrições explícitas feitas pelos seus principais adversários, o Papado e o governo imperial da Áustria.<sup>241</sup> O primeiro deles, despojado de Roma e de seu território a partir de 1870, condenou a unificação italiana e proibiu os católicos de atuarem politicamente. Já o segundo, devido a ameaça constante de perder suas terras consideradas irredentas pelos nacionalistas italianos (regiões de Trento e Trieste), apelou para os sentimentos católicos de seus súditos “(...) fazendo-os recear a italianidade anti-clerical dos que tentavam seduzi-los”.<sup>242</sup>

E é em torno da religiosidade que também aparecem iniciativas buscando disseminar uma política de italianidade. Um caso interessante foi a atuação de D. Giovanni Battista Scalabrini, fundador da Congregação de missionários para emigrados no ano de 1877. Dez anos depois, a Congregação chegou ao Rio Grande do Sul, e ainda que ela não tenha atuado na localidade aqui estudada, interessa assinalar que Scalabrini trabalhou em prol de uma difusão da italianidade.<sup>243</sup> Preocupado com as agruras sofridas pelos imigrantes, dedicou-se paralelamente à reconciliação entre a Igreja Católica e o Estado italiano. Nas palavras de Possamai:

---

<sup>239</sup> POSSAMAI, Paulo César. Op. Cit., pp 75-90.

<sup>240</sup> Todavia, embora este projeto de italianidade não tenha alcançado seus objetivos iniciais, isto não significa que ele não tenha seduzido ninguém. Nas páginas seguintes, discutirei mais detalhadamente suas repercussões e estratégias de implementação.

<sup>241</sup> Foi a partir de 1848 que surgiram os primeiros atritos entre a Igreja e o liberalismo, e é justamente após este ano que a política de centralização toma fôlego quando Roma dá início a uma ação sistemática visando reagrupar o catolicismo em torno de um único centro. Esse movimento de romanização da Igreja acabou por revigorar o ultramontanismo. Assim, após a ocupação de Roma em 1870, o papa Pio IX se recusou a reconhecer o Estado italiano e proibiu aos católicos italianos de participar de eleições. Conforme: POSSAMAI, Paulo César. Op. Cit., p77.

<sup>242</sup> GHIRARDI, Pedro Garcez. Op.Cit., p20.

<sup>243</sup> Em 1896 a Congregação passou a chamar-se “Congregação dos Missionários de São Carlos”, e seus missionários conhecidos como carlistas. Conforme: POSSAMAI, Paulo César. Idem, p83.

“Para os carlistas ou escalabrinianos, a italianidade ligava o amor à Itália à manutenção da religião católica. Scalabrini defendia a idéia de que a preservação da fé católica estava estreitamente ligada à manutenção da língua, da cultura e dos costumes italianos pelos imigrantes.”<sup>244</sup>

Para além da ordem religiosa supracitada, uma outra que contribuiu na disseminação da italianidade foi a dos capuchinhos. Guardadas as devidas proporções, Possamai argumenta que existiu uma estreita relação entre a atuação dos frades capuchinhos e a dos alemães franciscanos em Rodeio. No Rio Grande do Sul, os frades que eram franceses enfrentaram uma forte oposição por parte dos nacionalistas italianos. Essa oposição foi realizada sobretudo pelos padres carlistas, onde a principal acusação era de que os capuchinhos faziam propaganda francesa junto aos italianos e seus descendentes. Com efeito, esta influência francesa se fez presente através da introdução de costumes religiosos, na tradução para o italiano de orações e cantos franceses e na divulgação da devoção do Sagrado Coração de Jesus.<sup>245</sup> Veremos que em Rodeio tais acusações também se fizeram presentes.

Na documentação analisada, uma das principais frustrações destas pessoas era a ausência de um sacerdote permanente, até mesmo na sede da colônia. Assim sendo, era na Igreja que “(...) se formavam os quadros dirigentes do campesinato, para o qual o padre não era somente um sacerdote, mas também um líder intelectual. A moral camponesa era a moral católica e a verdadeira autoridade reconhecida por essa grande parcela da população era o clero”.<sup>246</sup> Além de líder espiritual, o padre atuava como líder político, intelectual, médico, conselheiro, enfim possuía uma autoridade quase inquestionável dentro da comunidade. Para Olívio Manfrói não resta dúvida que o catolicismo foi o “cimento” que propiciou a unidade das comunidades italianas do Rio Grande do Sul.

Se partirmos da hipótese que a colonização de Rodeio foi realizada por diferentes grupos étnicos como alemães, poloneses, “brasileiros”, italianos e trentinos, e que estes dois últimos se sobrepuseram em quantidade aos primeiros, é possível afirmar que a religião

---

<sup>244</sup> Ibidem. p83.

<sup>245</sup> Idem. p85.

<sup>246</sup> GHIRARDI, Pedro Garcez. Op.Cit., p79.

católica teve forte influência na localidade<sup>247</sup>, principalmente se levarmos em conta que poloneses e “brasileiros” também professavam esta mesma religião.<sup>248</sup> Assim, entre os imigrantes trentinos e italianos (ainda que não para todos), a religião católica foi por muito tempo o que amalgamou e conseguiu aglutinar pessoas de diferentes regiões, que falavam dialetos diferentes e tinham costumes diferenciados. A religião católica acabou sendo “(...) a força que permitiu aos imigrantes italianos se integrarem no novo ambiente e formar aquela solidariedade indispensável para enfrentar todas as dificuldades materiais e psicológicas dos primeiros tempos (...)”.<sup>249</sup>

Essa postura é ainda ratificada pelo agrônomo Giovanni Rossi que, ao escrever um artigo por ocasião do cinquentenário de Blumenau, lamentava que na casa do colono, do artífice ou do negociante de origem italiana “(...) salvo raríssimas exceções, não encontrar-se (sic) um jornal político, uma revista literária ou um livro de ciência positiva ou agricultura. Abundavam ao em vez (sic) os livros de orações, algum almanaque católico e alguns números de uma gazeta do clero.”<sup>250</sup>

Embora o catolicismo tenha aglutinado diferentes grupos étnicos que colonizaram a região, existiram também desavenças e negociações em torno da religiosidade, seja entre os próprios moradores do local ou com os párocos que esporadicamente visitavam a região. Exemplos disto foram as constantes solicitações por parte dos colonos de um sacerdote de nacionalidade italiana, principalmente por não gostarem do padre Jacobs, então pároco de Blumenau, sobretudo porque em suas visitas o padre “(...) procura impor sua direção e autoridade aos principais fatos religiosos, como o local e limite das novas capelas,

---

<sup>247</sup> Os números com relação a entrada de imigrantes são controversos. Segundo José F. da Silva, em 1875 entraram na Colônia Blumenau: 1.129 imigrantes; 711 do Tirol, 264 da Prússia, 27 da Saxônia, 9 da Suíça, 3 da Espanha, 2 da Bélgica, 26 da Itália. Em um relatório do Diretor da Colônia Blumenau em 1877 existiam: 1405 austríacos de língua italiana (735 homens e 670 mulheres), 236 italianos, 8708 alemães e 1183 brasileiros. Ver: GROSSELLI, Renzo. Op. Cit., p 319 e 408.

<sup>248</sup> Um relatório escrito por volta de 1915 pelo frei Policarpo Schuhen para o Bispo Núncio Apostólico, traz alguns dados interessantes acerca da disposição territorial das diferentes etnias de Rodeio e das localidades vizinhas que atualmente fazem parte do município: Diamante: italianos, brasileiros e alemães; Diamantina: tirolese; Rodeio (sede): tirolese; Ipiranga: poloneses e italianos; Rodeio (São Virgílio): tirolese; Rodeio (Santo Antônio): tirolese. Conforme: Relatório ao Senhor Núncio Apostólico In: PINTARELLI, Ary E. **Menores entre Pequenos: cem anos de vida Franciscana em Rodeio. Coleção Centenário**. Cúria Provincial, Edições Loyola, s/d.

<sup>249</sup> MANFRÓI, Olivio. Apud POSSAMAI, Paulo César. Op. Cit., p81.

<sup>250</sup> ROSSI, Giovanni. Influência do imigrante italiano na colonização do Vale do Itajaí. Artigo extraído do jornal “A Nação” de 02/09/1950, transcrito e traduzido do livro do Cinquentenário de Blumenau. In: **Blumenau em Cadernos** Tomo 32 nº10 Outubro de 1991, p311.

aprovação dos conselhos de fábrica, funcionamento das escolas paroquiais, rituais litúrgicos, etc”.<sup>251</sup>

Por outro lado, a escassez de visitas do clero fez com que os imigrantes se organizassem buscando suprir essa carência espiritual, o que de certa maneira conferia uma relativa autonomia dos serviços religiosos.<sup>252</sup> O ofício passou a ser realizado pelos chamados “capelões leigos”, que também davam aulas de catequese e de primeiras letras. Ao capelão cabia a realização do culto, dar avisos de interesse geral, anunciar perdidos e achados, comunicar situações especiais da comunidade (doenças mais sérias em algumas famílias, a chegada de um novo morador, convidar as pessoas para participar de mutirões de ajuda, melhorar estradas, construir capelas, ou ainda colher a plantaço de alguém doente), exercendo também a função de juiz de paz. Além do capelão, foi também instituído o “conselho de fábrica”, ou seja, dois a cinco “homens notáveis” que ficavam responsáveis em cuidar das terras, bens e acervo da Igreja. Organizavam as festas<sup>253</sup> e as quermeses, e ainda buscavam o padre para visitar as capelas ou algum doente em estágio terminal. Essas capelas que ficavam sob a responsabilidade dos capelões e conselhos de fábrica foram construídas em lugares estratégicos dos vales, principalmente nos cruzamentos das diferentes picadas. E é em torno da escolha do local de construção e do próprio nome destas que aparecem os conflitos, geralmente resolvidos a partir da vontade da maioria dos moradores.<sup>254</sup> Nesta perspectiva, a pesquisa realizada por Norberto Dallabrida permite afirmar que embora tenha existido uma tentativa de criar mais familiaridade com seus “paese” de origem, e que a religião tenha servido naquele primeiro momento enquanto amálgama, essas pessoas foram obrigadas a negociar e a (re)elaborar muitas de suas práticas para conviver com diferentes grupos. Por isto, a solidariedade em torno da religião não significou a ausência de conflitos e dissabores.

Outro aspecto tão importante quanto a religiosidade, - e ao mesmo tempo profundamente entrelaçado com esta, e onde uma “política de italianidade” também se fazia

---

<sup>251</sup> DALLABRIDA, Norberto. **A Sombra do Campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do médio Vale do Itajaí Açu. (1892 – 1918)**. Dissertação de Mestrado em História. UFSC, 1993. p50-54.

<sup>252</sup> O primeiro sacerdote a chegar às colônias italianas de Rodeio, Rio dos Cedros, Ascurra entre outras, foi o Pe. Carlos Boergershausen, que de Joinville onde era Pároco, percorria toda a região realizando missas, batizados e alguns casamentos. Posteriormente, essas colônias passaram a receber a visita do Pe. Jacobs, que havia sido ordenado pároco de Blumenau. Contudo, devido as grandes distâncias entre a sede da colônia e as capelas, as visitas eram feitas cerca de 3 a 5 vezes por ano. PINTARELLI, Ary E. Op. Cit.,

<sup>253</sup> As festas mais concorridas destas primeiras décadas após a colonização eram as chamadas “Sagre”, ou seja, festa do padroeiro de cada capela, festa esta que foi revitalizada na década de 1980.

<sup>254</sup> DALLABRIDA, Norberto. Op. Cit.,

presente – foi a educação. Em 1880, começaram a funcionar nas capelas italianas as “escolas paroquiais” para o ensino das “primeiras letras” e do catecismo católico na língua italiana. As aulas eram ministradas por um mestre-escola escolhido entre os mais letrados, o qual às vezes exercia também o ofício de capelão. Essas primeiras capelas-escolas foram incentivadas pelo Pe. Jacobs em suas visitas trimensais, mas funcionavam de maneira precária e irregular, sobretudo por ser o mestre-escola um colono que precisava primeiramente garantir o seu próprio sustento para depois se preocupar com o ensino. Até o ano de 1892, funcionavam na região sete escolas paroquiais, sendo que duas delas em Rodeio: uma na Capela Nossa Senhora das Dores (Rodeio sede) e a outra em São Virgílio.<sup>255</sup>

Contudo, foi no final do século XIX, com a vinda da Congregação Franciscana para Santa Catarina que essa situação acabou se modificando. Os franciscanos assumiram a direção da Paróquia de Blumenau em 1892, passando a demonstrar uma preferência pela cidade de Rodeio e posteriormente escolhendo esta localidade enquanto sede da Congregação.<sup>256</sup> Até aquele momento as capelas eram propriedades das comunidades, mas a partir de então esse espaço foi tomado pelo clero franciscano, que estabeleceu uma rígida fiscalização sobre as práticas religiosas e os currículos escolares.

Com relação às escolas paroquiais, o clero franciscano fomentou uma reestruturação administrativa e pedagógica, aumentando ainda o número de escolas. Vale lembrar, que nestas áreas de colonização as instituições civis responsáveis pela educação formal eram praticamente ausentes. Assim, sob a égide da religião católica, os imigrantes supriram esta necessidade com a organização das escolas paroquiais.<sup>257</sup> Para o clero, nas palavras de

---

<sup>255</sup> Em toda a Paróquia de Rodeio funcionavam sete escolas: Rodeio (sede), São Virgílio (Rodeio 50), Pomeranos, Rio dos Cedros, Ascurra, São Paulo e Aquidaban. Conforme: GASCHO, Maria de Lurdes. **Catequistas Franciscanas: uma antecipação do “aggiornamento” em Santa Catarina (1915 – 1965)**. Dissertação de Mestrado em História, UFSC, 1998.

<sup>256</sup> Este fato desagradou os moradores de Ascurra e Rio dos Cedros, ocasionando inúmeras disputas que perduraram durante muito tempo. Sobretudo, com a escolha da Capela Nossa Senhora das Dores como residência permanente a partir de 1895, fato que contribuiu para construção de uma grande igreja em 1899, elevada à Igreja Matriz do Curato de São Francisco de Assis em 1900. Para saber mais sobre as divergências entre o clero franciscano e a população de Ascurra e Rio dos Cedros ver: OTTO, Clarícia. Os “Filhos Transviados” no Desacato à Lei: Tensões entre a hierarquia católica e os imigrantes italianos. Rodeio, SC – 1906. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XLII – N 11/12 – Novembro/Dezembro – 2001.

<sup>257</sup> A “Sociedade da Escola de Rodeio” foi criada em 1899 e era formada por aproximadamente 37 famílias. No currículo escolar constavam: religião e idioma pátrio (língua italiana) em todos os anos, idioma nativo (classe superior), aritmética, geometria, história, geografia (classe superior), história natural, desenho e canto. Os livros utilizados eram: *Storia Sacra de Schister* e *Catechismo della Religione Catolica*, esses livros provinham da Diocese de Trento, Áustria. No relatório adjacente sobre as escolas tirolesas, está registrado que na de São Virgílio em Rodeio II existiam aproximadamente 70 alunos sendo o professor um tirolês nato, mas que falava corretamente italiano, alemão e português. Em Diamante–Alto a escola possuía 25 – 30 alunos e

Dallabrida: “(...) as escolas paroquiais eram consideradas meios estratégicos para a transmissão da doutrina católica às crianças, de forma sistemática e regular”.<sup>258</sup> Ainda de acordo com esse historiador, o currículo das escolas de Rodeio cultivava os valores do Trentino, com ênfase na história da Áustria e do Tirol, recebendo inclusive subsídios do Consulado Austríaco.

Com o estabelecimento em Florianópolis no ano de 1896 do *Consulado Italiano* e da *Sociedade União Italiana* e com o intercâmbio estabelecido com a *Società Nazionale Dante Alighieri*, criada em Roma no ano de 1889 para divulgar a língua e cultura italiana, estas instituições paulatinamente buscaram articular os imigrantes italianos no Estado, visando disseminar uma “política de italianidade” na região.<sup>259</sup> A partir desse momento e, mais intensamente na primeira década do século XX, ocorreram inúmeros embates entre o clero franciscano e o consulado italiano.<sup>260</sup> Um relatório escrito no ano de 1901 pelo então Régio Cônsul italiano Pio de Savóia indica o teor dessas disputas no início do século XX. A principal crítica realizada por Savóia era de que o clero franciscano estava germanizando os colonizadores. Nesta direção, acusava-os de usarem “(...) a língua como um negociante se esforça para conhecer a do cliente”<sup>261</sup>, reiterando ainda: “(...) que esses sacerdotes têm clara a visão do que será do sentimento religioso, no dia em que for arrancado do coração dos italianos qualquer traço de italianidade, e consideram a língua uma barreira contra o indiferentismo religioso brasileiro e o proselitismo protestante”.<sup>262</sup>

É possível perceber que os franciscanos alemães em Rodeio também defendiam o uso da língua italiana, embora com objetivos radicalmente distintos daqueles propostos pelos nacionalistas. Paulo César Possamai, que estudou as relações entre a Igreja e a italianidade, registra:

“Da mesma forma que os carlistas, os frades [capuchinhos] acreditavam que a preservação da cultura e língua italianas era

---

todos eram tirolezes. Em Santo Antonio – Rodeio II 12, possuía 30 alunos distribuídos entre alemães e tirolezes. **Relatório Sobre as Escolas Tirolezas, 1910.** In: PINTARELLI, Ary E. Op. Cit., p41-42.

<sup>258</sup> DALLABRIDA, Norberto. Op. Cit., p107.

<sup>259</sup> Idem. Contudo, o termo “política de italianidade” não é utilizado pelo autor. Embora Dallabrida traga esta data para a instituição do consulado, existe uma série de correspondências já a partir de 1868 no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, da Régia Agência Consular da Itália em Santa Catarina. Todavia, as preocupações giram em torno de auxílio financeiro para compra de passagens para imigrantes sem recursos.

<sup>260</sup> A resistência ao clero franciscano se deu através de três vertentes: capelas, as escolas italianas vinculadas ao consulado italiano e por último, algumas sociedades cooperativas. Em Rodeio existiu: Sociedade Cooperativa Rodeio I (1900), Rodeio II – São Virgílio (1903), e Rodeio III – Rodeio 12.

<sup>261</sup> **Relatório do Cônsul Pio de Savoia, 1901.** In: In: PINTARELLI, Ary E. Op. Cit., p44.

necessária à manutenção da fé católica entre os imigrantes e seus descendentes, mas não defendiam a vinculação dos mesmos ao Estado italiano, pois este era visto como um inimigo da Igreja Católica.”<sup>263</sup>

De acordo com isto, a fim de contrapor a posição conservadora da Igreja Católica, foram criadas “escolas italianas” subsidiadas pelo Consulado Italiano, as quais tinham como prioridade enfatizar os valores do recente “Reino da Itália” e do “Rissorgimento”, buscando definir e disseminar a *italianità*. Com efeito, em 1906, Caruso G. Macdonald relatou que as escolas paroquiais não tinham caráter nacional e que ainda não haviam utilizado os livros oferecidos pelo consulado. Segundo Norberto Dallabrida, a negativa deu-se em função do clero franciscano considerar aqueles livros altamente perigosos e ofensivos à Igreja Católica.<sup>264</sup>

Na tentativa de trazer à tona os interesses e a ótica dos franciscanos sobre esses acontecimentos, importa destacar o relatório sobre a “Sociedade da Escola de Rodeio” e das “Escolas Tirolesas” apresentado ao Cônsul austríaco Leopold Hoeschl em 1910, no qual foram assinaladas as obrigações dos sócios, os conteúdos curriculares e alguns indícios sobre essas escaramuças. Em primeiro lugar, o relato enfatiza que a “Dante Alighieri” havia organizado escolas na região com exceção de Rodeio (sede) e Diamante-Alto, contando para isto com a ajuda do governo italiano. Segundo o mesmo relatório, as famílias vinculadas aos franciscanos pagavam uma importância de 404.000 rs (quatrocentos e quatro mil réis) para sustentar a escola e professores. Em contrapartida, aquelas que eram ligadas às escolas subsidiadas pelo governo italiano pagavam apenas 54.000 rs e ainda recebiam gratuitamente livros e cadernos. A maior preocupação naquele momento, estava com a nomeação, por parte do Cônsul italiano, de um “(...) ateu e socialista como Inspetor das escolas mantidas pela Dante Alighieri. O mesmo indica o material didático a usar bem como as matérias a serem ensinadas e usa sua influência para espalhar suas idéias”.<sup>265</sup>

Nesta direção, em algumas capelas as escolas paroquiais foram transformadas em escolas italianas, enquanto que em outras coexistiam as duas escolas. Todavia, de acordo com um relatório escrito pelos franciscanos, muitos “(...) italianos, como por exemplo em Guaricanas, rejeitaram as ofertas do cônsul, muitos tiroleses, ao contrário, tornaram-se

---

<sup>262</sup> Ibidem.

<sup>263</sup> POSSAMAI, Paulo César. Op. Cit., p85.

<sup>264</sup> DALLABRIDA, Norberto. Op. Cit., p 115.

<sup>265</sup> **Relatório Sobre as Escolas Tirolesas, 1910.** In: PINTARELLI, Ary E. Op. Cit., p 42.

“Italianissimi”<sup>266</sup>. É portanto possível afirmar que, embora com propósitos diferenciados, os protagonistas desses conflitos ocorridos durante as primeiras décadas após o início da colonização fizeram uso da italianidade, seja nas ações e discursos de nacionalistas liberais que ansiavam a formação de cidadãos italianos no Brasil, seja nas atividades da parte do clero franciscano que ensejava produzir sujeitos ordeiros e pacíficos sob a égide da Igreja Católica.

Um outro momento bastante importante em que também aparece uma “política de italianidade” foi marcado pela entrada do governo italiano na Primeira Guerra Mundial, em 1915. As manifestações pró-Itália aumentaram significativamente, assim como as associações em prol dos inválidos, mutilados e sobreviventes da guerra. Apesar da ocorrência anterior de conflitos interétnicos envolvendo imigrantes “italianos”<sup>267</sup>, até então a preocupação por parte do governo brasileiro com a possibilidade da formação de “quistos étnicos” estava voltada para as colônias alemãs. Entretanto, com a eclosão da guerra, e com a multiplicação das associações e jornais italianos, paralelamente a um empenho maior dos intelectuais brasileiros para a constituição de uma identidade nacional durante os anos 20, chegou-se a falar em *perigo italiano*.

Todavia, é no período entre-guerras que se acentuam os antagonismos entre a sociedade nacional, os emigrados e seus descendentes. O interessante é que neste mesmo período, pelo menos até a implantação do Estado Novo, Luiz Amado Cervo afirma que as relações diplomáticas entre o governo italiano e o brasileiro se apaziguaram, justamente por ter a Itália interesse de divulgar o *fascio* no Brasil. Com este intuito, em 1924 o Ministro de Estado Giovanni Giuriati em visita ao Brasil teve a incumbência de divulgar a nova fase da Itália (progressista, moderna e ordeira), bem como ostentar os produtos de sua arte e indústria. Para Cervo, a missão Giuriati revelou “(...) que o Brasil representara nos cálculos italianos não um país de escape demográfico, mas um terreno onde se podia desde já cultivar interesses políticos, culturais e econômicos”.<sup>268</sup>

<sup>266</sup> **Relatório ao Senhor Núncio Apostólico.** Ibidem, p61.

<sup>267</sup> Os conflitos envolvendo imigrantes “italianos” e autoridades da colônia ocorreram desde a chegada dos primeiros. As revoltas contra os dirigentes locais bem como, os relatórios realizados pelo Doutor Blumenau indicam que não foram poucas as tensões: “(...) Além da multiplicidade e acumulação de serviços na presente época do ano, é especialmente a mal afamada imigração tirolesa e italiana, suas constantes inquietudes, impertinentes e exageradas exigências, ameaças e também delitos e crimes, que não nos deixam, e especialmente a mim, repousar o espírito e o tempo necessário para os muitos outros e muito urgentes serviços”. **Relatório Doutor Blumenau, 18/02/1876.** GROSSELLI, Renzo. Op. Cit., p 339.

<sup>268</sup> CERVO, Luiz Amado. Op. Cit., p 28.



Com isto, ao mesmo tempo em que projetos de cunho nacionalista eram formulados nos grandes centros urbanos do Brasil, o governo fascista voltava-se às colônias italianas no exterior apelando para a italianidade. Através de jornais, intercâmbios de professores universitários, alunos, conferencistas e ainda troca de informações, Mussolini buscou incutir nos emigrados um sentimento uníssono de identidade cultural italiana. A maior preocupação de seu governo naquele momento era divulgar os resultados do fascismo, o que foi feito através do envio de exemplares de publicações para a América Latina.<sup>269</sup> Desta maneira, o governo fascista buscou seduzir os emigrados através de uma retórica nacionalista, que enfatizava a importância da língua e da cultura italiana.<sup>270</sup>

Como bem demonstrou Angelo Trento:

“(...) o fascismo tentou dar um caráter mais fechado e, de certa forma, mais agressivo, aos grupos de italianos espalhados pelo mundo; esta postura manifestou-se também no plano do vocabulário, pois (...) foi substituído o termo “emigrado” por “italiano no exterior” – para destacar a idéia de que este devia se manter fortemente ligado à pátria e contribuir para sua expansão econômica e cultural.”<sup>271</sup>

A propaganda fascista também fez-se presente no Sul do Brasil, com o apoio da diplomacia e do Ministério dos Negócios Exteriores da Itália.<sup>272</sup> Todavia, a impossibilidade de alcançar os objetivos iniciais, ou seja, de disseminar por toda a população de imigrantes e seus descendentes a ideologia do fascismo, a política fascista volta-se para a elite dirigente que possuía idéias muito próximas às do regime.<sup>273</sup> A Itália inaugura então uma política na

<sup>269</sup> Para ter uma noção desta divulgação, durante os primeiros meses de 1937 foram mais de cem mil publicações distribuídas na América Latina, sendo que para o Brasil foram enviados 11785 exemplares. Ver: SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. As Relações entre Brasil e Itália no período de 1918 – 1939. In: BONI, Luis A. de. **A Presença Italiana no Brasil**. Vol. II. Op. Cit., pp39-45.

<sup>270</sup> O apogeu da política de italianidade se dá sobretudo após o reatamento de relações entre o governo italiano e a Santa Sé em 1929. Conforme: GHIRARDI, Pedro Garcez. Op.Cit.,

<sup>271</sup> TRENTO, Angelo. **Os Italianos no Brasil**. São Paulo: Prêmio Editorial Ltda., 2000. p116

<sup>272</sup> Em Rodeio o jornal local noticiou a criação da “Junta Brasileira Pró-Itália” responsável por implementar um programa de ações a fim de demonstrar cordialidade e simpatia pela Itália devido as batalhas empreendidas na África. Algo como a “settimana d’italinità” realizada pelo comitato argentino. Neste mesmo mês, são veiculadas mensagens em prol do fascismo. Jornal “**Correio de Timbó**” Ano I – nº 36 e 38 Rodeio 11 e 25 de janeiro de 1936.

<sup>273</sup> É também neste período que surgem os “Instituti di Cultura” e os “Centri di Studio”. O primeiro deles foi o “Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura” criado em 1933 no Rio de Janeiro. Os principais objetivos desses institutos eram oferecer cursos de literatura, arte, direito e outros temas ligados à Itália, ou ainda, organizar conferências de intelectuais italianos, etc. Importa assinalar que essas iniciativas oficiais do governo italiano em criar institutos de cultura no exterior tiveram continuidade após o término da Segunda Guerra Mundial. Assim, embora em menor número foram criados ao longo da década de 50, alguns institutos de cultura. Por

América Latina que vê no Brasil um fértil terreno de intervenção. Essa aproximação deu-se preferencialmente com a AIB – Ação Integralista Brasileira, partido conservador e ultra-nacionalista que em 1936 teve grande sucesso nas eleições municipais em Santa Catarina.<sup>274</sup> Os meios utilizados para esta aproximação foram: fornecer subvenções à AIB; fazer propaganda fascista no seio da AIB e ainda estreitar as relações com Plínio Salgado e outras figuras importantes do integralismo brasileiro. Porém, essa aproximação não se estendeu durante muito tempo devido às crescentes reservas frente às implicações que teria uma possível tomada do poder pelos integralistas, ou seja, o combate a *italianità* por se tratar de um partido ultra-nacionalista.

Luiz Amado Cervo indica que foram dois os motivos que levaram Getúlio Vargas a ficar contra o movimento fascista: o primeiro ocorreu em 1937, com a implantação do Estado Novo em nome de um nacionalismo que não admitia intervenções estrangeiras em assuntos internos do Brasil, o segundo, deu-se a partir de 1942, em virtude da aliança contra os países do eixo durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>275</sup> A partir daí, o governo brasileiro iniciou uma ostensiva campanha de nacionalização visando imprimir um sentimento de “brasilidade” nas “populações estrangeiras”.<sup>276</sup>

Nas três décadas seguintes após o término da Segunda Guerra Mundial – ainda que não se tenham pesquisas mais amplas que enfoquem a temática - tudo sugere uma ausência de projetos ensejando incutir um “sentimento de italianidade” nos imigrantes e seus descendentes. O que importa salientar aqui é que os projetos visando disseminar uma “política de italianidade”, tão presentes no início do século XX, têm então um refluxo após a Segunda Guerra Mundial. Este refluxo foi ocasionado sobretudo pela política de nacionalização instaurada mais enfaticamente a partir de 1938 aqui no Brasil, e a

---

outro lado, é interessante pontuar que a grande maioria das associações que surgiram principalmente no final da década de 80 e início de 90 são *filiais* de entidades ligadas às diferentes regiões da Itália e não mais ao governo italiano propriamente dito. Para ler sobre os institutos de cultura das décadas de 30,40 e 50 ver: TRENTO, Angelo. **Os Italianos no Brasil**. Op. Cit., pp139-140.

<sup>274</sup> De acordo com Luiz Felipe Falcão, o movimento integralista em Santa Catarina provocou o deslocamento do poder político das antigas lideranças do Partido Republicano Catarinense (PRC). O interesse pelo movimento integralista pode ser explicado ao levar em consideração o desalento com os rumos tomados pela revolução de 30, a tomada do poder por regimes totalitários na Europa e o sentimento de perigo do comunismo. Assim, o integralismo surgiu como uma prolífera alternativa. Ver: FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre Ontem e Amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

<sup>275</sup> CERVO, Luiz Amado..Op. Cit., p29.

<sup>276</sup> Após o término da Guerra o governo brasileiro reconheceu o novo governo italiano em outubro de 1944, e em julho de 1945 liberou os bens seqüestrados dos italianos residentes no Brasil. E em 11 de outubro de 1945 firmaram um acordo através de uma “Declaração de Amizade e cooperação entre o Brasil e a Itália”. Ver: CERVO, Luiz Amado. Idem.

conseqüente proibição a toda e qualquer intervenção estrangeira que pudesse comprometer a formação do caráter brasileiro tão cara naquele momento, bem como pela derrota italiana (e dos países do Eixo) na guerra.

## 2 – “Hábitos, usos e costumes” dos “italianos” na cidade de Rodeio:

Geralmente quando se fala da imigração italiana para o Sul do país, uma grande parte dos estudiosos, e também da mídia, acaba enfatizando a existência de uma “identidade italiana” que se construiu a partir de uma *reprodução fiel* de costumes vivenciados em seu *paese* de origem.<sup>277</sup> Essas pessoas teriam reproduzido aqui no Brasil suas festas, suas crenças, alimentação, casas, enfim sua “identidade” teria sido apenas transplantada. As teorias que enfatizavam o isolacionismo como principal responsável pela preservação “intacta” de uma identidade, contribuíram para fundamentar esse tipo de interpretação. Ora, um olhar mais atento na documentação, na língua, culinária, festas, entre outros elementos, consegue perceber alguns aspectos que contradizem tal afirmação. Ao pretender pontuar as discontinuidades, as negociações e o hibridismo, as invenções e as (re)significações presentes, considero oportuno fazer – ainda que ligeiramente – uma (re)leitura das experiências vivenciadas pelos moradores da “picada de Rodeio” a partir da colonização, o que por sua vez permitirá vislumbrar alguns dos elementos acionados pelos atuais projetos de italianidade tais como a religiosidade, hábitos alimentares como a polenta com galinha, jogos como a “mora” e a bocha.

Começemos pela Colônia Blumenau, final do ano de 1875. Giuseppe nascido e batizado em Civezzano, pai de quatro filhos, deixa sua família na “hospedaria” e segue mata adentro em direção ao seu lote na “picada de Rodeio”. Sua primeira preocupação, após a definição dos lotes, foi preparar a terra para o plantio. A idéia era usar as sementes que trouxe de seu *paese* e cultivar cereais, frutas e videiras.<sup>278</sup> Mas as coisas não foram assim tão simples. O clima não ajudou e o trigo não vingou. Quanto as videiras, as únicas que se adequaram não produziram vinho de boa qualidade. E agora, Giuseppe? Como sobreviver?

---

<sup>277</sup> Um exemplo desse tipo de discurso está presente em um artigo publicado no Jornal de Santa Catarina: “(...) preservando as características tipicamente italianas, sem que o contato com outras culturas tenha alterado, mesmo com o passar dos anos, Rodeio pode ser considerado ainda um pedaço da Itália no Brasil (...)”. **Jornal de Santa Catarina** 31 de maio e 01 de junho de 1987, pp18 e 19.

<sup>278</sup> BERRI, Aléssio. **Imigrantes Italianos: Criadores de Riquezas**. Blumenau: Fundação Blumenau: “Casa Dr. Blumenau”, 1993. p40

Como pagar as dívidas? A ajuda veio em boa hora. Brasileiros, conhecedores do clima da região e das épocas de plantio, ensinaram e ajudaram imigrantes como Giuseppe.<sup>279</sup>

Giuseppe faz parte da ficção, mas os acontecimentos em torno dele, não. Segundo Grosseli, já no primeiro ano foi plantado milho, feijão, aveia, centeio, mudas de videira e algumas hortaliças. Em 1876, foram distribuídas pelo diretor da Colônia, sementes de fumo, mudas de cafezeiros, de árvores frutíferas, videiras e amoreiras. Claro está que muitos produtos cultivados eram até então desconhecidos pelos imigrantes italianos e tirolezes, como por exemplo o café e o feijão. Uma exceção foi o milho, que no ano de 1885 já se destacava como cultura principal, sobretudo porque era a base alimentar do lavrador “italiano”.<sup>280</sup> Por outro lado, a polenta - feita da farinha de milho - passou a ser também acompanhada de alimentos experimentados aqui no Brasil, tais como a banana-frita ou ainda o café.

Já nas primeiras décadas do século XX, o arroz irrigado<sup>281</sup> e o fumo eram os principais produtos da região. Seu cultivo foi iniciado no ano de 1883, em Guaricanas, difundindo-se rapidamente por Rodeio e Rio dos Cedros devido ao grande rendimento por hectare. Assim, no início do século XX, de acordo com Berri, três eram as riquezas dessas regiões: arroz e milho para alimentação e o fumo (tabaco) para exportação. Um morador de Rodeio relembra que, na década de 30, a família plantava,

“(...) arroz, milho, tinha um pouco de gado, vendia leite, e fazia compra uma vez por ano. Naquela época não existia roupa feita, tinha que comprar fazenda. Fazia compra no fim do ano. A nossa família nunca fez, mas a maior parte comprava esse ano para pagar no ano que vem com a safra. Comprava fazenda, trigo, azeite, vinagre e sal (...)”.<sup>282</sup>

Outro morador relata que também naquela época:

---

<sup>279</sup> A interação entre “brasileiros” e “italianos” pode ser percebida no seguinte relato: “*Os camponeses trentinos tiveram de aprender muito, para a sobrevivência da floresta, dos colonos brasileiros (...) ensinaram-lhes a construir choupanas, a defender-se das intempéries, a conhecer os animais, as estações e as plantas. E ainda as épocas certas para as várias plantações, os tipos de plantação*”. Ver: GROSSELLI, Renzo. Op. Cit., p362.

<sup>280</sup> BERRI, Aléssio. Op. Cit., A polenta feita da farinha de milho, é um dos principais ícones da alimentação presente na atual afirmação da “identidade italiana” no Brasil.

<sup>281</sup> Até 1916, era cultivado dentro do sistema adotado no norte da Itália (seco), a partir deste ano passou a ser plantado em quadras irrigadas.

<sup>282</sup> Depoimento de Alice (77 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

“(...) nós comprávamos fiado por um ano, colheita por colheita. Nós tínhamos quase de tudo, fome não se passava, mas era meio apertadinho. Mas a gente pagava no ano seguinte com a própria colheita. Só que se plantava bastante e se ganhava pouco. O milho lá em casa quem comprava eram os irmãos Gadotti, Angelo Saccenti, as vezes em Indaial, eles vinham em casa buscar com carroça (...). Depois fazia a conta, porque o que se ganhava era pouco. (..) o milho tá o preço de hoje naquela época. Hoje o milho é de graça, coitado de quem planta milho hoje (...)”.<sup>283</sup>

Os discursos acima demonstram as dificuldades que enfrentaram os lavradores para obter bons preços pelos seus produtos. Durante as primeiras décadas após a colonização, os imigrantes negociavam com comerciantes de Blumenau. Segundo Berri, excetuando o fumo, o restante dos produtos era negociado com a condição de pagar com dinheiro apenas a metade da importância, sendo que com a outra metade o lavrador deveria adquirir fazendas e outros artigos do próprio comerciante.<sup>284</sup> Em 1885, Gustav Salinger, comerciante alemão que possuía importante negócio de importação de toda espécie de mercadoria e exportação de produtos coloniais, instalou uma filial na localidade da Itoupava Seca, ponto estratégico de escoamento de toda a produção oriunda de Rodeio, Rio dos Cedros, Ascurra, etc. Nas palavras de Berri:

“os colonos italianos e trentinos, bem como os pequenos comerciantes, sentiam-se explorados pelos comerciantes alemães, que sobre eles impunham seu pesado jugo, ditando os preços de todos os artigos de compra e venda. Julgavam-se tolhidos em seu progresso e inferiorizados com esse tratamento, razão por que estudavam um meio de romper essa nefasta situação”.<sup>285</sup>

A forma encontrada para suprimir esta hegemonia comercial foi a criação das cooperativas<sup>286</sup>, sendo que a primeira a obter bons resultados foi a de Rio dos Cedros, a

<sup>283</sup> Depoimento de João (85 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

<sup>284</sup> De acordo com Berri, o comerciante de Blumenau trabalhava com uma margem de lucro que ia de 40 a 70%. Ver: BERRI, Aléssio. Op. Cit., p 79.

<sup>285</sup> Idem, p82.

<sup>286</sup> Idem. Este tipo de sociedade era desconhecida aqui no Brasil, mas já funcionava na Itália. Em Rodeio a que mais se sobressaiu foi a “Sociedade Cooperativa de Rodeio” fundada em 1900, que dispunha de sortido comércio de todos os gêneros necessários ao consumo e possuía também um matadouro de porcos, onde se

partir de 1899. Contando com a ajuda dos franciscanos e do consulado italiano, realizaram inúmeras negociações de exportação e importação sem a presença de intermediários, conseguindo assim eliminar o monopólio dos comerciantes alemães.<sup>287</sup> Considerando esta acirrada rivalidade comercial entre comerciantes alemães e colonos da picada de Rodeio, ela ilustra que embora seja pertinente afirmar um certo “isolamento” nos primeiros momentos da colonização, é também verdade que apesar da precariedade das estradas, as pessoas circulavam por diferentes lugares para trabalhar, vender seus produtos, etc.

Um depoimento interessante ilustra tal afirmação:

“O meu avô Nicola Moser veio da Itália, era agrônomo, engenheiro, meu avó para viver ele andava até Paranaguá de pé, para trabalhar, ele era pedreiro, fazia tudo. Para sobreviver, ia ele com mais alguns amigos dele, pegava a mochila e ia. Às vezes ficava dois anos fora, mandava dinheiro para a família, até quando saía de casa a mulher estava grávida, quando voltava encontrava o filho já na estrada. E depois, sabe aquela ponte mais velha que tem em Florianópolis? Foi ele e o filho dele que construíram”.<sup>288</sup>

Assim como existia uma circulação periódica de moradores da Picada de Rodeio, pessoas de outros lugares também passavam pelo local:

“(...) quando eu tinha oito, nove anos vinham os tropeiros de Lages, com mulas carregadas de queijos, vendendo em Rio do Sul, Ascurra, Rodeio, Timbó, Pomerode, Jaraguá, Joinville. Vinham os pastores de porco, com o milho na mão, e passavam com os porcos. Depois passava a tropa de bois, os bois pulavam a cerca, iam para o meio do mato, e os lajeanos corriam atrás (...)”.<sup>289</sup>

Esta picada por onde passavam os tropeiros vindos de Curitiba e Lages tinha sido aberta já em 1878, quando Dr. Blumenau mandou abrir um “picadão” em direção à Serra

---

fabricava linguiças, banha e sabão. Exportava também tabaco para a Europa, e revendia produtos para o comércio de Blumenau.

<sup>287</sup> Um grande impulso para a comercialização dos produtos da região foi a construção da ferrovia iniciada em 1906 e concluída em 1910. Todas as localidades ao longo da ferrovia desejaram possuir sua estação, fato este que suscitou inúmeros conflitos. Por fim, foram estabelecidas três estações: Diamante, São Paulo (atual Ascurra) e Aquidaban (atual Apiúna). Conforme: BERRI, Aléssio. Op. Cit.,

<sup>288</sup> Depoimento de Alice (77 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

Geral, possibilitando assim a vinda de carregamentos de fumo de corda, queijos, charque, porcos, bois, que eram trocados pela produção da colônia.<sup>290</sup>

As relações interétnicas aqui presentes remetem àquilo que Akhil Gupta e James Ferguson escreveram sobre o espaço, identidade e política da diferença.<sup>291</sup> Tecendo uma crítica severa aos antropólogos que pouca atenção dispensaram às questões relacionadas ao espaço, Gupta e Ferguson assinalam os problemas em conceber cultura, espaço e lugar como algo isomórfico. Em outras palavras, uma grande parcela dos pesquisadores tendem a enquadrar populações enquanto grupos culturalmente unitários onde “(...) o espaço torna-se uma grade neutra sobre a qual a diferença cultural, a memória histórica e a organização social são inscritas”.<sup>292</sup> No entanto, pensar desta maneira não dá conta de inúmeras experiências. Três são as assinaladas por Gupta e Ferguson: as vivenciadas por aqueles que habitam a fronteira dos Estados nacionais; a dos que vivem cruzando fronteiras (trabalhador migrante, nômades e membros da elite profissional); e por último- e aqui são as que me interessam – as daqueles que cruzam a fronteira de maneira mais ou menos permanente como os imigrantes, refugiados, exilados e expatriotas.

Embora os antropólogos supracitados estejam fazendo uma reflexão sobre a situação pós-colonial, as questões e os caminhos apontados são pertinentes para se pensar a situação dos que emigraram para a “picada de Rodeio”:

“(...) se partimos da premissa de que os espaços sempre estiveram interligados hierarquicamente, em vez de naturalmente desconectados, então, a mudança cultural e social não se torna mais uma questão de contato e de articulação cultural, mas de repensar a diferença por meio da conexão”.<sup>293</sup>

Ao contrário de supor a autonomia de um determinado grupo, é preciso perguntar de que maneira ele se formou como uma “comunidade” a partir de um espaço que sempre foi interligado. É preciso ainda estar atento as *estruturas de sentimento* que estão imbricadas à imaginação de uma comunidade que, por sua vez, contribuem para construir o espaço

---

<sup>289</sup> Depoimento de João (85 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

<sup>290</sup> Segundo Berri, a passagem de tropeiros na região era muito comum até por volta de 1960, quando o transporte de mercadorias passou a ser feito por caminhões. Ver BERRI, Aléssio. Op. Cit., pp48 – 62.

<sup>291</sup> GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. Op. Cit,

<sup>292</sup> Idem, p32.

<sup>293</sup> Idem, p33.

enquanto lugar. Por outro lado, vale lembrar que a transformação do espaço em lugar está diretamente ligada às relações de poder estabelecidas.

Uma outra documentação que permite relativizar os discursos que afirmam um total isolamento dessas pessoas, bem como perceber a multiplicidade de etnias presentes na região, são os registros de casamentos. É o que sugere os dados contidos na seguinte tabela:

Tabela II– Registros de casamentos (1875 – 1895)<sup>294</sup>

homem	T	T	I	I	B	B	A	I	T	T	P	T	I	P	A	A	B	B
mulher	T	I	T	I	B	I	T	B	P	B	P	A	P	B	A	A	T	A
1875																		
-	82	14	13	24	10	3	1	5	1	7	7	2	2	1	1	1	1	1
1895																		

*Fontes: Livro I e II de registros de casamentos – Paróquia São Paulo Apóstolo Blumenau e Livro I – Paróquia de Blumenau – Rodeio – Casamentos / fev 1895 a dez de 1909.*

Alguns complicadores impedem uma análise mais apurada dos dados acima elencados, sobretudo devido a freqüente omissão por parte dos clérigos quanto ao local de nascimento e moradia dos noivos. Assim, compilei apenas aqueles que especificavam o local de moradia como sendo Rodeio.<sup>295</sup> Embora não seja possível realizar uma análise estatística, os dados servem como indícios para tecer algumas considerações. Ainda que esses indícios evidenciem uma forte tendência de casamentos intraétnicos durante os primeiros anos após a colonização, é também possível observar a ocorrência de casamentos interétnicos. Interessante é também a freqüência dos casamentos realizados com moradores de localidades vizinhas como: Aquidaban, Rio dos Cedros, Pomerânia, Rio Morto, Guaricanas, São Paulo e Caminho dos Tiroleses. Dos 176 registros compilados, 23 foram com moradores(as) desses lugares. Ainda com relação à mobilidade, importa destacar que

<sup>294</sup> Respectivamente as siglas significam: trentino com trentina; trentino com italiana; italiano com trentina; italiano com italiana; brasileiro com brasileira; brasileiro com italiana; alemão com trentina; italiano com brasileira; trentino com polonesa; trentino com brasileira; polonês com polonesa; trentino com alemã; italiano com polonesa; polonês com brasileira; alemão com alemã; austríaco com austríaca; brasileiro com trentina; brasileiro com alemã.



muitas pessoas residentes nas localidades vizinhas vinham se casar na Capela Provisória de Rodeio I (sede) a partir de 1876 e, posteriormente na de Rodeio II. E, inversamente pois muitos moradores de Rodeio iam se casar na Igreja Matriz de Blumenau. Assim, os dados permitem inferir relações interétnicas estabelecidas e sobretudo mobilidade.

Um exemplo pertinente foi o casamento realizado na Capela de Rodeio I em 1887, entre Manoel Dias da Silva e Guilhermina Schoroeder, ele natural e morador de Lages e ela de Blumenau. Outro caso semelhante nesta mesma data, foi o casamento também na Capela de Rodeio, de Luiz Quirino de Souza, natural de Porto Belo e morador do Rio Morto, com Luiza Rosalia de Jesus também natural de Porto Belo, mas moradora de Aquidaban. Essa mobilidade, pôde ser também percebida nos que residiam em Rodeio. Foi o caso de Rafele Prada natural de Civezzano e morador de Rodeio, que se casou em 1892, com Bartolomea Machoppi, natural de Cremona e residente em São Paulo. Um último exemplo que considero emblemático é o registro do casamento realizado em 1876 de Daniele Fontana, viúvo de 44 anos, natural de Roncegno, e Constância Corn, também nascida em Roncegno e então com 24 anos de idade. O interessante é que, embora vivessem em Rodeio, o matrimônio foi realizado em Itajaí, na casa de Abraham Bawhardt, “(...) onde a Constância se achava doente de parto”.<sup>296</sup>

Por outro lado, apesar dos dados permitirem observar a interação entre as pessoas refutando a idéia de um espaço desconectado, é também verdade que havia uma concentração de determinados grupos étnicos que, por imposição ou desejo, viviam em lugares específicos. Assim, a maioria dos moradores do Rio Morto<sup>297</sup> registrados nos livros de casamentos, era “brasileiro” nascido em Porto Belo, Itajaí, Camboriú, etc. Ou ainda os poloneses, que viviam no lugar de nome Ipiranga. Contudo, tal configuração não impedia uma circulação dessas pessoas, o que por vezes resultava na troca de alianças.

Refletindo sobre essas considerações, é possível afirmar que existia uma interação entre os moradores de Rodeio – que possuíam culturas diferentes - com pessoas que moravam a quilômetros de distância, resultando em conflitos envolvendo trentinos, italianos, poloneses, alemães e brasileiros, mas também suscitando trocas efetivas de hábitos

---

<sup>295</sup> Os dados referentes às “localidades” Ipiranga, Rio Bello, São Pedro Velho e Diamantina foram também compilados uma vez que esses nomes eram citados ao lado da palavra Rodeio. Atualmente são bairros da cidade.

<sup>296</sup> Dados compilados do **Livro I e II de registros de casamentos** – Paróquia São Paulo Apóstolo Blumenau.

<sup>297</sup> Um dado bastante significativo é de que a localidade de Rio Morto atualmente pertence ao município de Rodeio.

alimentares, técnicas de cultivo e construção, alianças, etc. Nesta perspectiva, o imigrante que aqui chegou com uma bagagem cultural específica paulatinamente foi se adaptando e acrescentando novos elementos diferentes daqueles que possuía quando partiu.

Em outras palavras, a cultura não pode ser percebida como algo estanque e primordial. As pessoas significam e (re)significam manifestações culturais de acordo com suas experiências. Assim, levando em consideração que não foi apenas um grupo que colonizou Rodeio, e que eles interagiam com pessoas de outras localidades, tudo parece indicar que as experiências culturais dos primeiros imigrantes trentinos e italianos eram híbridas, compostas por diferentes costumes e hábitos.

### **3 - Segunda Guerra Mundial: refluxo das políticas de italianidade**

Uma das principais motivações apontadas pelos atuais promotores da italianidade está na necessidade de “resgatar” as manifestações culturais que foram reprimidas com o advento da Segunda Grande Guerra. Um sentimento de orgulho que fora terminantemente proibido por um longo período a partir da entrada do Brasil na guerra será reivindicado mais de três décadas depois. Mais propriamente, a abertura política que se deu no final da década de 70, favoreceu a retomada de uma “política de italianidade” por parte do governo italiano, bem como pelos dirigentes de diferentes regiões italianas (principalmente do Norte da Itália, a mais rica do país). Os intercâmbios culturais e financeiros que haviam cessado com a Segunda Guerra foram reatados, incentivando a criação de diferentes entidades com o objetivo de divulgar a língua e cultura italiana. Para melhor entender essa “(re)invenção da italianidade”, considero importante reportar aos acontecimentos em torno da Segunda Grande Guerra.

Após a década de 1920, período relativamente latente com relação às tensões interétnicas, ocorre um recrudescimento destas em Santa Catarina.<sup>298</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial, os conflitos interétnicos entre os *imigrantes ideais* (imigração europeia) e os *brasileiros* foram intensificados. No século XIX, estes últimos foram vistos como indolentes e não afeitos ao trabalho, enquanto que os imigrantes europeus eram considerados pelo governo brasileiro “trabalhadores ideais”, mas na década de 1930 essa situação se inverte e os *estrangeiros* passam a ser percebidos como um perigo iminente para

a consolidação da nação brasileira. O golpe do Estado Novo liderado por Getúlio Vargas em 1937 recrudescceu a campanha de nacionalização que já vinha sendo disseminada, e isto foi ainda mais intensificado quando da entrada do Brasil na guerra ao lado dos *aliados* contra os países do *eixo*, entre eles a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini.

As primeiras ações implementadas pelo “Estado Novo” atingiram a educação; com o fechamento das escolas (transformadas em “escolas nacionais”).<sup>299</sup> A proibição do uso da língua estrangeira veio em seguida. Outras medidas foram implementadas, como a obrigatoriedade do serviço militar e a proibição de jornais, revistas, livros e transmissões radiofônicas em língua que não fosse a portuguesa. Em Rodeio, o Exército passou a orientar a organização das solenidades cívicas, a colocação de retratos de Getúlio Vargas e Duque de Caxias e as atividades recreativas e culturais. Isso até 1942; porque com a entrada do Brasil na guerra todas as manifestações que se opusessem aos ideais de brasilidade foram sumariamente proibidas.

Muito se tem escrito sobre as conseqüências do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial no cotidiano das populações de língua estrangeira em Santa Catarina. Contudo, grande parte dos estudos refere-se às agruras junto aos núcleos de colonização alemã, quase não dando importância aos italianos. Todavia, foi possível perceber através da memória, de jornais e de alguma documentação, que a intervenção do governo se estendeu com bastante rigor junto aos italianos.

O jornal “O Semeador”, nos primeiros meses de 1938, publicou vários discursos em louvor do novo regime. Em maio daquele ano trouxe as normas do ensino primário para as escolas particulares do Estado, entre elas a exigência de que os professores fossem brasileiros natos; assim como os diretores das instituições. As escolas ficavam ainda obrigadas a usar exclusivamente a língua nacional na escrituração, tabuletas, placas, cartazes, avisos, instruções e dísticos tanto na parte interna quanto na externa do prédio. Uma outra “regra” estabelecida foi a obrigatoriedade da colocação da Bandeira Nacional em

---

<sup>298</sup> Conforme: FALCÃO, Luiz Felipe. Op. Cit.,

<sup>299</sup> Em Rodeio ainda existia escola na qual se lecionava em italiano, havendo também banda musical e missa cantada. Em 1942 a “Escola Italiana” foi substituída pelo Grupo Escolar “Oswaldo Cruz”, primeira Escola Pública Estadual, recebendo uma equipe de professoras de Florianópolis pela inexistência de outros que lecionassem em língua portuguesa.

todas as salas, a qual deveria ser homenageada todos os sábados.<sup>300</sup> Nesta direção, o martírio de Tiradentes foi lembrado da seguinte forma:

“Revestiu-se de extraordinário brilhantismo (...) celebradas nesta cidade com inexcedível entusiasmo. Rodeio quiz aproveitar dessa ocasião para demonstrar o inefutável sentimento de civismo patriótico de sua população. Quem, mal informado, ainda duvidasse da completa nacionalização da gente deste município, considerado zona colonial com preponderância de elementos imigrados, seria forçado a reconhecer infundado preconceito. (...) Os hinos e os cantos patrióticos saiam do peito desses cidadãos tão espontâneos, singelos e entusiásticos, que somente podiam exprimir sentimentos enraizados no coração”.<sup>301</sup>

A programação foi iniciada logo cedo às 6:00 horas da manhã, com alvorada pelos atiradores e hasteamento da bandeira nacional nos edifícios públicos e particulares. Até a noite, houve discursos, desfile, declamação de poesias, orações, jogos e concurso de robustez infantil. Uma outra grande manifestação de “patriotismo” aconteceu quando da inauguração do retrato de Getúlio Vargas na Prefeitura Municipal, assim como na comemoração da Batalha do Riachuelo, que contou com a participação de 600 alunos, atiradores e escoteiros.<sup>302</sup>

Para Eunice Sueli Nodari, o cerne da discussão estava na busca por parte do governo brasileiro da criação de uma memória pública com a celebração do passado da nação através da inserção de inúmeras atividades comemorativas que, obrigatoriamente passavam pelo ensino, pelas comemorações cívicas e pelos congressos de brasilidade. Essas comemorações eram orquestradas pelos representantes do poder público local, estadual e federal e tinham como principais participantes os professores e alunos. Assim, as datas comemoradas foram: o Dia da Pátria, Tiradentes, Batalha do Riachuelo, Proclamação da República, Dia da Bandeira, Dia do Presidente entre outras que eram

“coordenadas e direcionadas pelo poder público para a defesa dos valores nacionais introduzidos por seus representantes, tais como

---

<sup>300</sup> Jornal “O Semeador” 16 e 23 de abril de 1938, nº 20.

<sup>301</sup> Jornal “O Semeador” 23 de abril de 1938, nº 20.

<sup>302</sup> Jornal “O Semeador”. 18 de junho de 1938, nº 27.

defesa e enaltecimento da pátria (patriotismo), unidade nacional, obediência cega e irrestrita aos ditames do Governo e reverência ao Presidente da República”.<sup>303</sup>

É possível então perceber as inúmeras modificações no cotidiano da população em virtude das imposições do governo brasileiro. Mudanças que atingiram desde o simples, mas imprescindível, ato da fala, com a proibição do uso de língua que não a portuguesa, até o cotidiano escolar, considerado lugar fecundo e fundamental para o objetivo de instituir um sentimento de brasilidade. Desta maneira, a vigilância e a repressão durante a guerra foram muito intensas, fazendo uso de uma “política do medo” enquanto estratégia para a consolidação da nacionalidade instaurando uma suspeição e demonização do “outro”, neste caso, do “estrangeiro” em oposição ao nacional. Para Marlene de Fáveri, é sobre o “outro” que convergem discursos que ao mesmo tempo incitam o ódio, formam imaginários e constroem sujeitos. As pessoas são então enquadradas, nomeadas e, portanto incluídas num determinado enunciado, em um discurso que por sua vez funda o sujeito. Por outro lado, a pesquisa realizada por Fáveri possibilitou perceber os enfrentamentos e resistências, assim como os diferentes papéis sociais experimentados por homens e mulheres, nacionais e “estrangeiros”.<sup>304</sup>

Com a oportunidade de colher depoimentos de pessoas que vivenciaram o cotidiano da guerra, pude também vislumbrar os sentimentos e ressentimentos, assim como os silêncios<sup>305</sup> e o orgulho de terem sobrevivido e muitas vezes driblado a situação. Uma lembrança bastante recorrente foi com relação à proibição da língua italiana e à repressão sobre os que não conseguiam se comunicar em português. Um dos depoentes relata que

---

<sup>303</sup> NODARI, Eunice Sueli. **A Renegociação da Etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954)**. Tese de Doutorado em História PUC-RS, 1999 p229. A autora traz ainda um quadro montado pelas autoridades estaduais na década de 40 das cidades “não assimiladas”, no qual consta a localidade de Rodeio. p258

<sup>304</sup> FAVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante Segunda Guerra em Santa Catarina**. Tese de Doutorado em História, UFSC, 2002. pp15-16

<sup>305</sup> Eni Orlandi apoiada nos escritos de Pêcheux compreende que o silêncio não deve ser percebido como uma ausência, o nada ou o vazio. Mas sim, que o silêncio é matéria significativa por excelência, ou seja, o silêncio é “fundante”, tendo assim excelência sobre a palavra. A linguísta ressalta a existência do *silêncio fundador* (aquele que existe na palavra, o não dito que dá espaço de recuo significativo) e a *política do silêncio*, que por sua vez desdobra-se em *silêncio constitutivo* (aquele em que para dizer é preciso não dizer) e o *silêncio local* que seria a censura. A política do silêncio ao contrário do silêncio fundador, produz um recorte entre o que se diz e o que não se pode dizer. Aqui, particularmente me interessa o silêncio local, que afeta a identidade do sujeito. Por outro lado, se existe um silêncio que afeta a identidade do sujeito, concomitantemente existe um silêncio que *explode os limites da significação*, ou seja, aquilo que Orlandi chama de “retórica da resistência” (se diz *x* para não deixar de dizer *y*). ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

serviu o exército durante a guerra, ficando confinado por 26 meses em Blumenau.<sup>306</sup> Ele conta que às vezes os soldados conversavam na língua materna, obviamente escondidos, pois do contrário seriam severamente repreendidos. Também lembra que: “em Rodeio teve muita gente presa. Os policiais eram brasileiros. Não me lembro bem certo. Eles vinham atrás da casa para escutar. Teve uma vez que vieram numa casa, e o dono deu um tiro para cima, que saíram correndo”.<sup>307</sup>

É interessante perceber que os relatos trazem os “ressentimentos” com relação às repressões sofridas, mas também às práticas de resistência que durante este período se fizeram presentes:

“Aqui tinha muita judiação no tempo do Nereu Ramos. Qualquer grupinho que se formava botavam na cadeia. (...). No tempo da guerra era um perigo sair de casa, (...) tinha um tal de Tambosi, porque eles vinham atrás das casas escutar se estavam falando italiano, então esse Tambosi tinha sempre uma chaleira de água fervendo e passava em volta da casa, porque se tivesse alguém escutando embaixo da janela, do lado da casa, ele dizia: eu vou queimar tudo”.<sup>308</sup>

Embora as lembranças acerca das punições e do medo estejam presentes, as pessoas que conseguiram de alguma forma subverter a situação são lembradas a todo o momento, como o morador que deu um tiro para o alto a fim de afugentar os policiais ou o outro que com a chaleira de água fervente ameaçava os que por acaso viessem em sua casa escutar atrás da porta. O mesmo ocorre com o fato de esconder livros, armas, dinheiro, bebidas enfim, tudo o que os condenaria a uma punição mais severa. Como relata um morador da cidade:

“Nós casamos em 9 de agosto de 1941, e por ai já tinha chegado a guerra. Teve muita perseguição. Então eu tinha um pouco de dinheiro de níquel, eu apreciava aquilo, então fui lá no pasto, arranquei debaixo de um cepo e coloquei meu dinheirinho, e escondi lá. Eu

---

<sup>306</sup> Rodeio foi a cidade de Santa Catarina em que proporcionalmente mais homens foram convocados para a guerra.

<sup>307</sup> Depoimento de Pedro (79 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

<sup>308</sup> Depoimento de Alice (77 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

tinha uma arma, diziam que era proibido, então fiz uma fossinha, coloquei tábua, capim, e escondi também”.<sup>309</sup>

Ainda nesta perspectiva está o relato de um depoente sobre a enorme vigilância das cartas recebidas ou enviadas. Seu pai que era um dos poucos homens letrados que conhecia, além do trentino, o português e também a língua alemã, foi por isto requisitado para fazer a revisão das cartas, sobretudo as de Benedito Novo (onde moravam muitos alemães) que, na época pertencia, a Rodeio. Assim:

“(…) as correspondências que chegavam para eles, chegavam na agência de Rodeio, então a correspondência era presa ali por determinado tempo, e meu pai era chamado para fazer a tradução. E haviam cartas que comprometiam, meu pai contava que como os outros não sabiam ler, ele dizia que eram cartas de amor, que havia nascido uma criança”.<sup>310</sup>

Apesar das inúmeras menções aos “dribles” realizados com relação à campanha de nacionalização, uma moradora já com 80 anos de idade não consegue esquecer as imposições que sofreram:

“E depois eles vinham nas casas ver se a gente falava italiano, se tinha uma garrafa de cachaça, ou uma garrafa de licor, entravam já. Ele dava óleo para aqueles que falavam em italiano. Eu me lembro, coitado, eu fui lá no farmacêutico e tinha um alemão, então ele disse assim: eu quero um remédio e apontava. Ele queria um remédio para ir ao banheiro. Ele não sabia falar. Eu tenho ainda na memória. Eles vinham debaixo das casas escutar, (..) Quando morreu a minha nonna, ninguém ficou lá de noite, porque eles viam uma lâmpada acesa, eles corriam para reprimir a gente”.<sup>311</sup>

O fato de não poder velar a avó teve um significado todo especial para essa moradora, que com inúmeras imagens de santos pela casa revela ser uma católica fervorosa. Pergunto então sobre os policiais: “era tudo gente de fora. Tinha um pretão, com uma barba,

<sup>309</sup> Depoimento de João(85 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

<sup>310</sup> Depoimento de Manoel (77 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/10/2001.

<sup>311</sup> Depoimento de Anita (80 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

feito, com aquela roupa. As mães fechavam as crianças no quarto o dia inteiro para não falar”.<sup>312</sup>

As mágoas e os ressentimentos são percebidos ainda nesta fala:

“As conseqüências da guerra para nós foram drásticas, (...) eles cortaram a língua. Então nós tivemos que abandonar todos os costumes, nós cantávamos cantigas populares, na roça, quando havia o mutirão para descascar o milho, cantávamos em companhia, pois não havia rádio, televisão, não havia jornais. Tudo isso nós tivemos que abdicar, simplesmente proibiram, não podia nem cumprimentar boun giorno, buona sera ou buona notte, que era preso. (...) meu pai tinha um acervo grande de livros importantes, o que é que ele fez? Queimou. Porque eles entravam nas casas. Então a nossa cultura veio abaixo. Tiveram que começar daí pra frente. Esse foi um período em que os nossos combatentes estavam na Itália, além disso nós tínhamos mais essa mágoa de cuidar para não falar nenhuma palavra para não ir preso”.<sup>313</sup>

As coerções em torno da utilização do dialeto podem ser pensadas através da interpretação proposta por Pierre Bourdieu. Para este, a língua oficial está diretamente enredada ao Estado, tanto no que se refere a sua gênese como em seus usos sociais. É justamente em torno da constituição do Estado que paralelamente surge um mercado linguístico unificado e dominado pela língua oficial. Não obstante, ao se tornar “(...) obrigatória em ocasiões e espaços oficiais (escolas, entidades públicas, instituições políticas etc.), esta língua de Estado torna-se a norma teórica pela qual todas as práticas linguísticas são objetivamente medidas”.<sup>314</sup> Nesta direção, analisando os acontecimentos em torno da Revolução Francesa e seus desdobramentos, Bourdieu enfatiza que enquanto é conferido a um determinado modo de expressão o status de língua oficial, os usos populares e essencialmente orais (dialeto) ficam rebaixados ao estatuto de “patoá”. Para o sociólogo, é um erro pensar a pretensão de unificação linguística somente enquanto necessidade de “técnicas de comunicação”, tampouco vê-la como produto direto de um poder estatal que

<sup>312</sup> Ibidem.

<sup>313</sup> Depoimento de Manoel (77 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/10/2001. O juiz Severino Pedrosa da Comarca de Indaial era o responsável pelas ordens de prisões.

<sup>314</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar quer Dizer**. Op. Cit., p32



pretende suplantar os “particularismos locais”. Tratam-se sim de conflitos pelo *poder simbólico*, “(...) cujo móvel é a *formação* e a *re-formação* das estruturas mentais”.<sup>315</sup> Ou seja, o intento é reconhecer “(...) um novo discurso de autoridade, com seu novo vocabulário político, termos de estilo e referência, metáforas, eufemismos e a representação do mundo social por ele veiculada”.<sup>316</sup>

Em Rodeio, a política nacionalista dirigida por Vargas, além de acentuar as tensões interétnicas entre *brasilianos* e *estrangeiros*, fez também com que eclodissem uma série de delações efetuadas por vizinhos, inimigos políticos, etc.<sup>317</sup> Um relato interessante sobre as denúncias suscitadas pela guerra é o seguinte: “(...) eram também pessoas daqui que tinham determinado poder que perseguiam, o pai era um perseguido, porque meu pai era um pouquinho letrado (...)”.<sup>318</sup> Ainda nesta perspectiva, um morador da cidade cujo irmão foi para a guerra relata que havia muita retaliação na época: “(...) manda este, dessa família não vai ninguém, vai daquela”, e que inclusive mandaram o único filho homem de uma família que por causa de um desafeto com uma autoridade local foi enviado para a linha de frente.<sup>319</sup>

Para além das repressões, delações e tensões interétnicas decorrentes da Segunda Guerra Mundial, o que interessa aqui assinalar é que a “identidade cultural italiana” que vinha paulatinamente se (re)significando tem uma ruptura nesse período. Embora o uso da língua – ainda que clandestinamente – continuasse a ser feito, a proibição de falar em público obscureceu em muito as manifestações culturais desse grupo. Por exemplo, apesar das peças teatrais não serem proibidas, deixaram de ser realizadas em italiano ou dialeto trentino. Ora, levando em consideração que possivelmente uma parte dos atores não falasse o português, dá para imaginar o quanto foram prejudicadas as sessões. E o mesmo aconteceu com os corais, a missa cantada, jogos como a “mora”, as festas, os velórios, as associações, o jornal, enfim toda uma série de manifestações culturais.

---

<sup>315</sup> Ibidem. p34

<sup>316</sup> Idem p32.

<sup>317</sup> Uma pesquisa bastante relevante que trata desta problemática foi realizada por: MOSER, Anita. **A violência do Estado Novo contra “colônias” descendentes de italianos em Santa Catarina**: um estudo interdisciplinar sobre identidade étnica e violência do Estado. Tese de Doutorado do Departamento de Ciências Sociais, UFSC, 1995.

<sup>318</sup> Depoimento de Manoel (77 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/10/2001.

<sup>319</sup> Idem.

Nas conversas realizadas perguntei como havia sido após o término da guerra, se voltaram a realizar as missas cantadas, os teatros, etc. O discurso abaixo ajuda o leitor a ter uma pequena idéia desta ruptura e da dificuldade de (re)construir o que havia sido perdido:

“Demorou porque se perdeu, ficou um livrinho daqueles mas não tinha a melodia, faltou a partitura. Como nó temos aqui o convento, (...) entre eles há músicos, e aconteceu que em uma turma dessas tinha um grande músico, então o vigário reuniu pessoas de idade que conhecessem aqueles cantos, e nós começamos a cantar, e esse noviço fez a partitura, e então o órgão podia acompanhar”.<sup>320</sup>

Uma moradora conta que depois da guerra muita coisa mudou porque “(...) os velhinhos nunca mais saíram de casa, tinham medo. Porque você passava assim, ele olhava, ele tirava o chicote e dava. [no tempo da guerra]. Depois tinham os malandros que faziam isso, para ver os velhos correrem, depois faziam balote, riam”.<sup>321</sup>

O medo e a vergonha perduraram por muitos anos na cidade, principalmente com relação ao uso da língua. A fala abaixo retrata como um morador percebe aquele momento:

“Com o fim da guerra, cada um trabalhava dentro da sua casa, a gente olhava de falar pouco o italiano, fora de casa. Se falasse fora de casa a gente olhava como se tivesse estranho ainda, gente estranha, então a gente se chamava num canto e se falava. Depois da guerra a maior parte tudo procurava de falar em brasileiro”.<sup>322</sup>

O discurso acima permite fazer uma analogia com o que Bourdieu escreveu, ou seja, com a existência de fissuras na unificação do mercado linguístico. Noutras palavras, apesar da coerção em torno do uso da língua, as pessoas encontraram espaços na vida privada, familiar ou entre seus pares, que permitiram driblar os promotores de uma unificação linguística.

Esse *discurso arrevesado* pode ser percebido na geração que vivenciou o período da guerra. Apesar de continuar a fazer uso da língua, em função da repressão que sofreu, passou a ter vergonha de se expressar em português na frente de *estranhos* (brasileiros)

---

<sup>320</sup> Ibidem.

<sup>321</sup> Depoimento de Anita (80 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

<sup>322</sup> Depoimento de João (85 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

devido ao forte sotaque (principalmente na pronúncia dos *erres*, presente ainda hoje na fala da população), e a ter medo de falar em dialeto e ser novamente repreendida.<sup>323</sup> Tais sentimentos de medo e vergonha acabaram sendo repassados para as gerações seguintes, fazendo com que as pessoas se sentissem a vontade para falar somente com os seus “pares”. Claramente, é possível perceber a produção de um *silêncio local*, que pode ser vislumbrada na seguinte fala onde a depoente lembra da vergonha que sentia em falar nos anos 50 e 60: “(...) foi um atraso, porque não sabia se falava direito. Então a gente ficava mais mudo. Em italiano a gente não tinha vergonha, mas em brasileiro sim”.<sup>324</sup>

Numa direção semelhante um outro morador afirma:

“A juventude sentia muita vergonha em falar, o sotaque era visado. Na minha época, no colégio eu fui reprimido, em São Bento do Sul, no colégio dos maristas não era permitido falar a não ser em português. Depois em 1962, teve a abertura, cada um podia falar a sua língua. A juventude aqui em Rodeio sentia vergonha em falar o dialeto e comer principalmente a polenta, sinal de pobreza”.<sup>325</sup>

A proibição de falar o “italiano” resultou na “(...) interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas. Consequentemente, a identidade do sujeito é imediatamente afetada enquanto sujeito-do-discurso (...)”.<sup>326</sup> Ser colono, falar “errado” e comer polenta acabaram se transformando em um estigma, do qual principalmente os jovens tinham (e muitos ainda tem) uma grande vergonha, sobretudo os que saíam de Rodeio para estudar nas cidades maiores.<sup>327</sup> Para muitos, esse sentimento de vergonha irá paulatinamente

<sup>323</sup> Para Pierre Bourdieu: “o traço próprio da dominação simbólica reside precisamente no fato de que ela supõe, da parte de quem a sofre, uma atitude que desafia a alternativa ordinária entre a liberdade e a coerção: as “escolhas” do *habitus* (aquela, por exemplo, que consiste em corrigir o *r* em presença de locutores legítimos) são realizadas, sem consciência nem coerção, (...) apesar de serem indiscutivelmente o produto de determinismo sociais.” BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas linguísticas: o que Falar quer Dizer**. Op. Cit., p38

<sup>324</sup> Depoimento de Anita (80 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

<sup>325</sup> Depoimento de José (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2001.

<sup>326</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. Op. Cit., p 78.

<sup>327</sup> A vergonha está também relacionada pelo fato de Rodeio ser uma cidade pequena, do “interior” de Santa Catarina. Tal sentimento perdura até os dias atuais, fato este percebido no editorial do “Jornal Alternativo” de Rodeio. Neste, o autor se revela indignado por ter o Jornal de Santa Catarina questionado um morador da cidade se quando um cachorro fizer cocô na rua o dono do mesmo deve ou não ser condenado. Assim, encolerizado escreve: “*Geralmente nas cidades vizinhas todos pensam que quem mora em Rodeio é colono (e daí), ficam tirando sarro do sotaque e agora tem mais motivos para falar mal. Mas é claro que como todo rodeense não damos bola (...) se acontece algo em outra cidade e você está perto, alguém já grita “Só podia ser de Rodeio”. Temos que mudar isso, pois não queremos que os futuros rodeenses tenham medo de sair para estudar ou fazer festas nas cidades vizinhas*”. Jornal “**Alternativo**”. Dezembro de 2000, p2.

se transformar em orgulho a partir da “(re)invenção da italianidade”, principalmente nos anos 90, quando o uso do dialeto assume um papel preponderante nessa identificação. Falar o dialeto passa a ser um diferencial que, após a consangüinidade, é considerado o traço distintivo de maior valor.

O início do “resgate da cultura italiana” é reivindicado pelo GIBRAC e pelo Círculo Trentino, entidades constituídas em 1979 e 1987 respectivamente, cujo componentes já vinham atuando no Grupo Folclórico criado em 1975, por ocasião da preparação das festividades em comemoração ao centenário da emigração italiana para o Brasil. A versão oficial, publicada em forma de artigo no jornal “O Corujão” e escrita por Iracema Moser Cani, é a seguinte: o ato considerado inaugural desse “resgate” teria acontecido em setembro de 1966, quando uma turma de alunos do curso ginásial local, em comemoração ao *folclore brasileiro*, realizou um “recital melodramático” sobre a imigração italiana em Rodeio. Tal episódio é enfatizado pelo grupo de pessoas que vem forjando uma memória da cidade como o primeiro momento, após a campanha de nacionalização, em que “(...) romperam-se naquele Teatro, quase que inconscientemente, as enferrujadas algemas de um vocabulário saudoso e afetivo, doce e maternal, até então pronunciado a “sottovoce” ou no aconchego familiar (...)”.<sup>328</sup> De acordo com Cani, este foi o momento “ (...) responsável de um resgate que continuaria a criar novas idéias, conscientização e nova forma de amor cultural”.<sup>329</sup>

Porém, a versão deste acontecimento relatada por um integrante do Círculo Trentino e que também participou do tal teatro, foi diferente. Em primeiro lugar, não se tratou de uma “noite italiana”, mas sim de uma noite cultural gaúcha, francesa e italiana. E, embora considere este episódio também “ato inaugural” do “resgate da cultura italiana”, o depoente observa que foi um acontecimento isolado e não suscitou outras manifestações mas, ao contrário, “ficou um pouquinho parado depois”.<sup>330</sup> Claro está que foram pinçados nestes acontecimentos apenas os fatos que concorrem para legitimar a atuação do Círculo Trentino e do GIBRAC. Em outras palavras, trata-se da construção de uma memória que procura, através de um passado *idealizado*, reivindicar um pioneirismo e, conseqüentemente, a legitimidade de seus atos. E, neste sentido, o “resgate da cultura italiana” traz também

<sup>328</sup> CANI, Iracema Moser. Jornal “O Corujão”. Ano XXI nº212 outubro de 1998. p 13.

<sup>329</sup> Idem.

<sup>330</sup> Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2000.

consigo uma série de negociações, conflitos e, principalmente conformações do que é e do que não é ser “italiano”.

Como visto, logo após a chegada dos primeiros imigrantes “italianos” no Brasil, foram fomentadas ações visando instituir um sentimento de italianidade na região. Todavia, estas iniciativas, realizadas por diferentes instituições e com objetivos diversos, enfrentaram obstáculos de implementação. É possível pensar esses obstáculos (entre estes o *regionalismo*) não apenas para os projetos anteriores de divulgação da italianidade, mas também para os atuais. Nesta perspectiva, considero extrema ingenuidade e grave erro histórico acreditar que os elementos acionados pelo Círculo Trentino são os mesmos que aqueles afirmados pelos imigrantes. Assim, ao verificar um certo “hibridismo” das práticas culturais manifestas é possível questionar a autoridade da voz do passado na qual se pauta o Círculo Trentino em sua política de italianidade, ou seja, não é possível sustentar o discurso que somente prevê uma homogeneidade e impermeabilidade nas experiências dessas pessoas.

Por outro lado, ao fazer uma retrospectiva das diferentes políticas de italianidade, não foi possível deixar de falar dos acontecimentos em torno da Segunda Guerra Mundial, uma vez que foi justamente neste período que ocorreu um refluxo das ações de divulgação e instituição de uma identidade italiana e que foram (re)inventadas mais de duas décadas depois.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como uma estrada sinuosa, as trajetórias das entidades que buscam forjar uma “identidade trentina-italiana” para a cidade de Rodeio são repletas de percalços e reentrâncias, diluindo assim toda e qualquer perspectiva de linearidade. Concomitantemente, os conflitos, as contraditoriedades e ambivalências aparecem em todo o percurso. Nesta direção, o trajeto percorrido pelo Círculo Trentino é bastante emblemático.

Ainda que institucionalizado no ano de 1987, as pessoas ligadas ao Círculo Trentino já vinham atuando junto ao GIBRAC desde o final da década de 70. Embora tenham sofrido algumas modificações ao longo do tempo, os discursos produzidos por essas entidades buscam erigir uma “identidade trentina-italiana” pautados em uma noção estática de cultura e identidade que prevê uma continuidade entre as manifestações culturais dos primeiros imigrantes trentinos e a de seus descendentes. No entanto, tais discursos acabam não dando visibilidade às múltiplas experiências culturais e às diferentes etnias que compõem o cenário municipal. O mesmo não se pode inferir dos discursos fomentados pela Família Trentina, entidade dissidente do Círculo Trentino e que foi instituída em 2000 no município de Rodeio. Ao contrário do Círculo, a Família Trentina não tem a intenção de “resgatar” e divulgar as “manifestações culturais” dos primeiros imigrantes trentinos que colonizaram a região. Um exemplo pertinente refere-se ao trato da língua: enquanto que o Círculo Trentino busca (re)positivar e perpetuar o uso do dialeto trentino como meio de comunicação e um dos principais ícones de distinção do que compreendem por “identidade trentina-italiana”, a Família Trentina enfatiza a importância em divulgar a língua italiana normativa junto aos alunos da rede municipal e estadual de ensino.

As divergências entre as duas entidades não se limitam ao plano das políticas de italianidade empreendidas. Tal afirmação está baseada nos desdobramentos do resultado das últimas eleições municipais, porque, nos três mandatos anteriores, a Prefeitura Municipal caminhou lado a lado com o Círculo Trentino. No ano 2000, esta configuração inverte-se quando o candidato do PMDB, vinculado à Família Trentina, ganha as eleições. Assim

sendo, as diferentes políticas de italianidade fomentadas em Rodeio também compreendem uma série de disputas políticas locais que se refletem nas ações promovidas.

Ao analisar o processo de (re)invenção da italianidade em Rodeio foi necessário levar em consideração os interesses pessoais e coletivos, materiais e simbólicos que permeiam a intenção de instituir uma identidade para a cidade. Por outro lado, não foi possível deixar de considerar que tais ações também visam dinamizar a economia local através das inúmeras oportunidades de negócios oferecidas pela Província Autônoma de Trento. É através da Associação Trentini nel Mondo que a PAT tem propiciado uma série de intercâmbios financeiros e culturais com as cidades que possuem um número expressivo de descendentes de imigrantes trentinos. Em Rodeio, tais iniciativas são visíveis na Vinícola San Michele, na fábrica de queijos Rendena, nas viagens culturais, nos intercâmbios entre o grupo de dança de Castello Tesino e o grupo jovem do Círculo Trentino, nos cursos de culinária, etc.

Para além das oportunidades de otimizar a economia da cidade, é preciso estar atento às incongruências e aos reducionismos presentes nestas iniciativas. Desta maneira, os discursos proferidos por alguns membros do Círculo Trentino são reveladores. Ao se pautarem em uma suposta continuidade das manifestações entre os primeiros imigrantes trentinos e a de seus descendentes, tais discursos deixam de contemplar a dinamicidade presente nas manifestações culturais. Por outro lado, ao fazerem uso de um “culto dos antepassados” enquanto eixo central deste processo de (re)invenção, acabam não dando visibilidade às relações interétnicas estabelecidas, o que por sua vez obscurece indícios de um hibridismo cultural. Tais reducionismos também apareceram quando foram analisadas algumas das experiências atuais dos moradores da cidade. Com efeito, o hibridismo cultural pode ser percebido no cardápio ou ainda na miríade musical da festa “La Sagra”, também decorrente como diria Renato Ortiz, de uma *mundialização da cultura*.<sup>331</sup>

Não considerar as identidades culturais como múltiplas, plurais, deslizantes, e que as mesmas são constantemente reformuladas de acordo com o modo através do qual os sujeitos são interpelados ou representados, são apenas algumas das várias implicações que permeiam os discursos produzidos pelas entidades que incitam à criação de uma identidade para a

---

<sup>331</sup> Conforme: ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. Op.Cit.,

cidade.<sup>332</sup> Conjuntamente, é preciso alertar para aquilo que Antônio Pierucci chamou de “ciladas da diferença”:<sup>333</sup> os diferentes movimentos de “celebração das diferenças”, ao invés de apostarem no discurso da igualdade entre os cidadãos, acabam pleiteando justamente o contrário, ou seja, o reconhecimento de suas diferenças enquanto estratégia para reivindicação de direitos específicos.

É a partir da segunda metade da década de 70 que se intensifica a reivindicação da diferença. A novidade, segundo Pierucci, está em pleitear o “direito” de ser diferente.<sup>334</sup> É também verdade, que políticas de italianidade ressurgem nos anos 70, visando instituir uma identidade que em última instância reivindica o reconhecimento da diferença. Ora, ao analisar os discursos que buscam edificar uma identidade trentina-italiana para a cidade de Rodeio, não é possível deixar de notar seus aspectos essencialistas e irreduzíveis. O “gosto pelo trabalho”, presente no “sangue italiano” enquanto insígnia de distinção e de superioridade frente ao homem do litoral ou ainda ao nordestino, é um exemplo bastante significativo. É pensando nestas armadilhas que finalizo com uma questão instigadora formulada por Antônio Pierucci: “Quem pode garantir que, em meio a essa pós-moderna celebração das diferenças, as pulsões de rejeição e de agressão não venham a se sentir autorizadas a aflorar, crispadas de vontade de exclusão e profilaxia?”.<sup>335</sup>

---

<sup>332</sup> A este propósito ver: BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura** Op. Cit., e ainda: HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Op. Cit.,

<sup>333</sup> Conforme: PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 1999.

<sup>334</sup> Idem, pp 7-9.

<sup>335</sup> Idem, p54.



## FONTES

### A) Oraís:

Depoimento de Lucas (56 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2000.  
Depoimento de José (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2001.  
Depoimento de Matheus, concedido à autora em Rodeio no dia 15/07/2001.  
Depoimento de Joana, concedido à autora em Blumenau no dia 28/09/2001.  
Depoimento de Maria (80 anos), concedido à autora em Blumenau no dia 15/09/2001.  
Depoimento de Manoel (77 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/10/2001.  
Depoimento de Mário (55 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 30/11/2001.  
Depoimento de Alice (77 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.  
Depoimento de Anita (80 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.  
Depoimento de João (85 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.  
Depoimento de Carlos (32 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.  
Depoimento de Luiz (33 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.  
Depoimento de Luísa (62 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 09/05/2002.  
Depoimento de Pedro (79 anos), concedido à autora em Rodeio no dia 13/01/2002.

### B) Impressas:

#### 1 – Jornais:

*Jornal “O Escudo”*- Rodeio, 1923  
*Jornal “Correio de Timbó”* – Timbó, 1936  
*Jornal “O Semeador”* – Rodeio, 1938  
*Jornal de Santa Catarina* – Blumenau, 1975, 1985, 1987,1989  
*Jornal “O Estado”*- Florianópolis, 1975, 1987  
*Jornal “O Corujão”* – Rodeio, 1977 – 1999  
*Jornal “GIBRAC”* – Rodeio, 1983

*Jornal “Folha Trentina”* - Rodeio, 1988

*Jornal do “Médio Vale”* – Timbó, 1994

*Jornal “Diário Catarinense”* – Florianópolis, 1997

*Jornal “Alternativo”* – Rodeio, 2000, 2001

## **2 – Revistas, Boletins e Documentos Diversos:**

*Revista “Insieme” n°20* - Março de 1999

*Revista “Insieme” n°29* – Fevereiro de 2001

*Revista “Insieme” n°34* - Setembro de 2001

*Revista “Insieme” n°36* - Dezembro de 2001

*Blumenau em Cadernos. Tomo XXII n°1*- Janeiro de 1981

*Blumenau em Cadernos Tomo XLII – n° 11/12* – Novembro/Dezembro –2001

*Boletim da Cultura Catarinense de Folclore Ano XV n°29* Dezembro de 1975

*Boletim da Cultura Catarinense do Folclore Ano XIX n°34* Dezembro de 1981

*Boletim da Cultura Catarinense de Folclore Ano XXIX n°43-44* 1991/1992

*Boletim da Cultura Catarinense de Folclore Ano XXXII n°48* Dezembro de 1996

*Círculo Trentino di Rodeio e GIBRAC*. Documento mimeografado sem data e autoria encontrado junto a pasta “Colonização Italiana” na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

*Carta dos Catarinenses: Santa Catarina: um compromisso com o futuro*. Governo Esperidião Amin/Victor Fontana. Florianópolis,1982.

*Documento enviado ao Presidente da Província João Luis Vieira C. de Sinimbre*. Ministério Negócios da Agricultura Comércio e Obras Públicas. 20 de julho de 1878. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

## **3 – Folders e Vídeo:**

*folder “La Sagra”*, 1994.

*folder “La Sagra”*, 2000.

*folder “La Sagra”*, 2001.

*“Una Storia Italiana”* – Vídeo produzido em 1998 pela jornalista Scheila Cristina Frainer Yoshimura.

#### **4 – Pastas e Livros de Registros:**

“*Colonização Italiana*”. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

“*Colonização Italiana – Rodeio*”- Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

“*Colonização Italiana*” – Arquivo Municipal José Ferreira da Silva - Blumenau

*Livro I e II de registros de casamentos (1869 – 1895)* – Paróquia São Paulo Apóstolo Blumenau.

*Livro I de registros de casamentos (1895 – 1909)* – Paróquia de Rodeio.

#### **C) Eletrônicas:**

[www.italy.kit.net](http://www.italy.kit.net) Capturado em 18/10/2002.

[www.associb.org.br/index.php3](http://www.associb.org.br/index.php3) Capturado em 12/08/2001.

[www.feltrino.bl.it/iniziativaM2/fogiolo2000/visite\\_spettacoli.htm](http://www.feltrino.bl.it/iniziativaM2/fogiolo2000/visite_spettacoli.htm) Capturado em 03/06/02.

[www.soc-dante-alighieri.it/](http://www.soc-dante-alighieri.it/) Capturado em 17/06/2002.

[www.gens.labo.net](http://www.gens.labo.net) Capturado em 17/06/2002.

[www.legalieuropei.org](http://www.legalieuropei.org) – Revista “Insieme”

[www.cocacolaalways.hpg.ig.com.br/natal.htm](http://www.cocacolaalways.hpg.ig.com.br/natal.htm) Capturado em 28/01/2003.

## BIBLIOGRAFIA

- BERRI, Aléssio. **Imigrantes Italianos: Criadores de Riquezas**. Blumenau: Fundação Blumenau: “Casa Dr. Blumenau”, 1993.
- BERTOLDI, José e SCOTTINI, Guido. Rodeio 1875 – 1975: aspectos de sua história de sua gente. Blumenau, 1975.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BONATTI, Mário. *Aculturação Linguística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina - Brasil(1875-1974) – Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí, Blumenau, SC, 1974.*
- BONI, Luis A. de. (org) **A Presença Italiana no Brasil** Vol. II. Porto Alegre, Torino: Escola Superior de Teologia, Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- \_\_\_\_\_ **A Presença Italiana no Brasil** Vol. III. Porto Alegre, Torino: Escola Superior de Teologia, Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar quer Dizer*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- \_\_\_\_\_ **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CLEMENTE, Elvo. Situação do dialeto vêneto no Rio Grande do Sul. In: **Imigração Italiana e Estudos Ítalo-Brasileiros: Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Forum de Estudos Ítalo-Brasileiros** Orgs: DAL BÓ, Juventino et alii. Caxias do Sul. Ed: EDUSC, 1999.
- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- CERVO, Luiz Amado. As Relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861. In: **A Presença Italiana no Brasil** Vol. II. Porto Alegre, Torino: Escola Superior de Teologia, Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- COLBARI, Antonia. *Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira*. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH e Humanitas Publicações, nº34, 1997.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, Edusp, 1986.

- DALLABRIDA, Norberto. **A Sombra do Campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do médio Vale do Itajaí Açu (1892 – 1918)**. Dissertação de Mestrado em História. UFSC, 1993.
- FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre Ontem e Amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.
- FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FAVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante Segunda Guerra em Santa Catarina**. Tese de Doutorado em História, UFSC, 2002.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp**. Letras Contemporâneas, Fpolis, 1997.
- \_\_\_\_\_ **A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- GASCHO, Maria de Lurdes. **Catequistas Franciscanas: uma antecipação do “aggiornamento” em Santa Catarina (1915 – 1965)**. Dissertação de Mestrado em História, UFSC, 1998.
- GHIRARDI, Pedro Garcez. **Imigração da Palavra: escritores de língua italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições, 1994.
- GIACALONE, Fiorella. **Festa e percursos de educação intercultural**. In: FLEURI, Reinaldo Matias. (org.) **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis: Mover, NUP, 1998.
- GILLIS, John R. **Commemorations: the politics of national identity**. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- GROSSELLI, Renzo. **Vencer ou Morrer: Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas Florestas Brasileiras 1875-1900**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.
- GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. **Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença**. In: **O Espaço da Diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. (Org). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JAMUNDÁ, Teobaldo Costa. **Catarinensismo**. Florianópolis: Ed. UDESC – Edeme, 1974.
- LENARD, Andrietta. **Lealdade Linguística em Rodeio**. Dissertação de Mestrado em Linguística UFSC, 1976.

- MOMBELLI, Raquel. **Mi soi talian gracia a dio: identidade étnica e separatismo no oeste catarinense**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFSC, 1996.
- MOSER, Anita. **A violência do Estado Novo contra “coloni” descendentes de italianos em Santa Catarina: um estudo interdisciplinar sobre identidade étnica e violência do Estado**. Tese de Doutorado do Departamento de Ciências Sociais, UFSC, 1995.
- NODARI, Eunice Sueli. **A Renegociação da Etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954)**. Tese de Doutorado em História PUC-RS, 1999.
- NOVAES, Silvia Caiuby. **Jogo de Espelhos**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- OLIVEIRA, Ancelmo Pereira de. **Os estereótipos e suas variáveis na oralidade escolar**. Dissertação de Mestrado em Educação. UFSC, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- \_\_\_\_\_ **Cultura Popular: Românticos e Folcloristas**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1992.
- OTTO, Clarícia. Os “Filhos Transviados” no Desacato à Lei: Tensões entre a hierarquia católica e os imigrantes italianos. Rodeio, SC – 1906. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XLII – N 11/12 – Novembro/Dezembro – 2001.
- PETRONE, Pasquale. “Imigrantes italianos no Brasil: identidade cultural e integração”. In: BONI, Luis de. (org) **A Presença Italiana no Brasil Vol. III**. Porto Alegre, Torino: Escola Superior de Teologia, Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- PIAZZA, Walter. **A Colonização de Santa Catarina**. BRDE, 1982.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 1999.
- PINTARELLI, Ary E. **Menores entre Pequenos: cem anos de vida Franciscana em Rodeio**. Coleção Centenário. Cúria Provincial, Edições Loyola,s/d.
- POSENATO, Júlio. Talian: língua e identidade cultural. In: **Imigração Italiana e Estudos Ítalo-Brasileiros: Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Forum de Estudos Ítalo-Brasileiros**. Orgs: DAL BÓ, Juventino et alii. Caxias do Sul. Ed: EDUSC, 1999.
- POSSAMAI, Paulo César. Igreja e Italianidade: Rio Grande do Sul (1875 – 1945). In: **Revista de História** nº 141, FFLCH – USP, 1999.

- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade. Seguimento de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** Tradução de Elcio Fernandes – São Paulo: UNESP, 1998.
- ROGATTO, Geraldo Matheus. Achiopita, Fettuccine e Vinho: sobre a italianidade e a colônia italiana de São Paulo. In: BONI, Luis de. (org) **A Presença Italiana no Brasil** Vol. II. Porto Alegre, Torino: Escola Superior de Teologia, Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- ROSSI, Giovanni. Influência do imigrante italiano na colonização do Vale do Itajaí. In: **Blumenau em Cadernos.** Tomo 32 nº10 Outubro de 1991.
- SACCON, Roberta. **Etnicidade e Integração: os descendentes de italianos no vale do Itajaí.** Capes: Blumenau, 1999.
- SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. **A Terra Prometida Emigração Italiana: Mito e Realidade.** 2.ed. Itajaí: Ed. da UNIVALI, 1999.
- SANTOS, Boaventura. Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais** nº38, dezembro 1993.
- SAVOLDI, Adiles. **O Caminho Inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania.** Dissertação em Antropologia Social, UFSC, 1998.
- SILVA, Zedar Perfeito da. **O Vale do Itajaí.** Documentário da Vida Rural nº6. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1954.
- SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. As Relações entre Brasil e Itália no período de 1918 – 1939. In: BONI, Luis A. de. (org) **A Presença Italiana no Brasil** Porto Alegre, Torino: Escola Superior de Teologia, Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- SEVERINO, José Roberto. Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível Editora da Univali, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: Análise sobre a identidade camponesa. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** – nº18 – ano 7 – fev 1991.
- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da, FERREIRA, Mariana Kawall Leal (orgs). **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola.** São Paulo: Global, 2001.
- TOMELIM, Vitor. **Relações autoritárias em educação: um estudo de caso.** Faculdade de Educação, UNICAMP, 1984.
- TRENTO, Angelo. **Do Outro Lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil.** Tradução: Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Uma Brandão – São Paulo: Nobel: Instituto Italiano de cultura di San Paolo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.

\_\_\_\_\_ **Os Italianos no Brasil.** São Paulo: Prêmio Editorial Ltda., 2000.

VICENZI, Victor **História e Imigração Italiana de Rio dos Cedros.** Blumenau: Editora Odorizzi, 3ª ed, 2000.

ZIMMER, Roseli. **“Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil” Manifestações de germanidade em uma festa teuta-brasileira.** Dissertação de Mestrado em História, UFSC, 1997.



## **ANEXOS**